

Ana Rita Santiago

# ÁGUAS

Moradas de Memórias





# **ÁGUAS**

**Moradas de Memórias**



## **REITOR**

Fábio Josué Souza dos Santos



Editora UFRB

## **VICE-REITOR**

José Pereira Mascarenhas Bisneto

## **SUPERINTENDENTE**

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Lúcia Moreno Amor

Josival Santos Souza

Luiz Carlos Soares de Carvalho Júnior

Maurício Ferreira da Silva

Paulo Romero Guimarães Serrano de Andrade

Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (presidente)

Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves

Walter Emanuel de Carvalho Mariano

## **SUPLENTES**

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Wilson Rogério Penteado Júnior

## **EDITORA FILIADA À**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Ana Rita Santiago**

# **ÁGUAS**

**Moradas de Memórias**



Cruz das Almas - Bahia - 2020

Copyright©2020 Ana Rita Santiago  
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

**Projeto gráfico e editoração eletrônica:**

Antonio Vagno Santana Cardoso

**Capa**

Ronaldo Barros

**Revisão e normatização técnica:**

Ana Rita Santiago

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

S235a

Santiago, Ana Rita

Águas: moradas de memórias / Ana Rita Santiago. \_ Cruz das Almas, BA:  
Editora da UFRB, 2020.  
228p.; il.

ISBN: 978-65-87743-03-5.

1. Literatura Africana. 2. Língua Portuguesa. 3. Literatura Portuguesa.  
I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. II. Santiago, Ana  
Rita. III. Editora da UFRB. IV. Título.

CDD: 896

Ficha elaborada pela Biblioteca Central - UFRB.

Responsável pela Elaboração - Neubler Nilo Ribeiro da Cunha (*Bibliotecário - CRB5/  
1578*) (os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro  
44380-000 Cruz das Almas – BA

Tel.: (75) 3621-7672

[editora@reitoria.ufrb.edu.br](mailto:editora@reitoria.ufrb.edu.br)

[www.ufrb.edu.br/editora](http://www.ufrb.edu.br/editora)

[www.facebook.com/editoraufrb](http://www.facebook.com/editoraufrb)

Imagem: Wgbieber



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

Não,  
a água não me escorre  
entre os dedos,  
tenho as mãos em concha  
e no côncavo de minhas palmas  
meia gota me basta.

(Conceição Evaristo)

# Sumário

## **Prefácio**

Atravessar a Tarefa da Água: Pontes e Acessos

*Tatiana Pequeno*..... 11

## **I- Águas - Moradas do (In)Visível**

*Ototo ti Ewi Omi* ..... 17

Águas em Poéticas Femininas da Ogum's Toques Negros ..... 31

Ah, o Mar, o Mar!..... 45

## **II - Panoramas de Águas Literárias**

Oceanos, Rios e Correntezas em Versos de Livia Natália..... 61

Águas Sagradas e Bravias em Poemas de Mel Adún ..... 73

O Mar como Morada de Memórias Poéticas de Rita Santana ..... 83

Chuvas Finas e Torrenciais em Poéticas das Águas daqui e lá..... 95

## **III-Outras(Mesmas)Águas daqui e lá**

Águas de *Kianda* em *O Leito do Silêncio* de Isabel Ferreira ..... 115

Águas Amargas na Poética de Ana Paula Tavares ..... 131

Águas em Poemas de Lica Sebastião, Noémia de Sousa  
e Tânia Tomé..... 141

Águas Pesarosas e Libertárias na Poética de Conceição Lima..... 149

O Mar em *O Canto dos Escravizados* de Paulina Chiziane ..... 159

## **IV-Crônicas das Águas**

Mergulho em Águas daqui e lá .....	175
Lua K Anda e as Águas de Kianda.....	189
Oceano Índico - Mar de Águas Cinzas, Turvas e Cristalinas.....	193
<b>Referências</b> .....	<b>207</b>

# Atravessar a Tarefa da Água: Pontes e Acessos

*Tatiana Pequeno<sup>1</sup>*

Trespasar é a sina dos que amam o mar.  
(Conceição Lima, “Fronteira”.)

Assim, através de narrativas e poéticas, um eu ficcional, apresentado por um eu autoral, tornou-se possível expressar dilemas constituídos entre a mulher literária e a mulher estereotipada pela cultura androcêntrica que lhe reduzira a rainha do lar, já que a arte literária, em muitos momentos, movida pela tradição patriarcal, incumbiu-se de reforçar uma suposta natureza feminina, pautada em domesticações, fragilidades, submissão, sentimentalismos, emoções e sensibilidades exacerbadas, além de pouca racionalidade. A escritura feminina se configura como narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres.

A literatura de autoria feminina se mostra como possibilidade de, pela linguagem, tensionar a hegemonia e supremacia masculina, visto que, por meio dela, podem-se desenhar existências e práticas sociais diferenciais de um eu feminino, com atributos e papéis distintos do masculino, mas não inferior e desigual.

(SANTIGO, 2012, p.150)

O livro que, ora apresentamos, **Águas – Moradas de Memórias**, de Ana Rita Santiago, ensaísta, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mais precisamente, do Centro de Formação de Professores, localizado estrategicamente na cidade de Amargosa, nos con-

---

1 - Professora Adjunta de Literatura Portuguesa - Universidade Federal Fluminense (UFF)

vida a realizar travessias iniciadas em sua tese de doutorado, publicada como livro, em 2012, (Vozes literárias de escritoras negras, EDUFRB). Através da tarefa persistente de atravessar a paisagem, agora molhada das poetisas selecionadas pela autora, é desenhado um mapa de pontos cardeais da poesia produzida por mulheres negras vivas que resistem entre o Atlântico e o Índico, às voltas do Brasil, de Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

Trespasar a obra de Ana Rita é ir ao encontro de uma força amorosa que, persistente e objetiva, mas, sobretudo, sensível e consciente da sua responsabilidade, evoca não apenas as ancestralidades e a memória (às vezes, dolorosa), mas, sobretudo, a potência da metamorfose operacionalizada pela palavra. Se por tantas eras, ela, a palavra, foi negada à mulher – e de forma mais trágica ainda à mulher negra –, aqui a voz de Ana Rita Santiago encontra as vozes plurais (e singulares) de Paula Tavares, Paulina Chiziane, Rita Santana, Isabel Ferreira, Livia Natália, Conceição Lima, Mel Adún, Noémia de Sousa, Tânia Tomé, Lita Passos, Nilzete Monteiro, Sónia Sultuane, Cléa Barbosa, Jocélia Fonseca e Lica Sebastião, fazendo um coro de mulheres que, reunidas, sob os efeitos das águas, fertilizam o terreno da poesia contemporânea.

Entre águas de mar e de rio – entre o mar aberto do oceano e a condição interna dos rios – África e Brasil se encontram na condição de uma travessia de mulheres negras, onde “Corpos enegrecidos femininos, tatuados por dores, histórias e desejos transitam em diversos poemas, carregados de traços identitários e repertórios histórico-culturais negros e permeados por águas.” (p. 26) procuram afirmação e confirmação de uma reinvenção subjetiva, operacionalizada pelo tempo e pela busca obstinada de tais mulheres e seus sujeitos poéticos.

Com efeito, a metamorfose também comparecerá na própria poesia, encenada agora não mais pelos poetas patriarcas da tradição, mas por mulheres com gênero e conscientes de sua ressubjetivação. Se a história da poesia, especialmente daquela produzida no Brasil, confirma a ausência de uma negritude, mais ainda se pode dizer sobre a manifestação poética de mulheres negras que, cada vez mais próximas e empenhadas pela emancipação e pela conquista da voz, produzem e publicam, estabelecendo uma conexão direta entre poesia e políticas de identidade.

Nessa bacia semântica, para lembrar Gilbert Durand, onde navegam latentes os sentidos da investigação de Ana Rita Santiago, a água é passagem, sede, acolhimento, revolução, enchente e redemoinho capazes de narrativizar a experiência das poetas para a constituição das “memórias poéticas” que, para ela, podem ser entendidas como “formas de auto-constituição das autoras negras” através das quais as mulheres costuram as malhas de seus tecidos subjetivos para desfazer os esgarçamentos provocados pelo olhar do Outro que localiza nelas apenas a perpetuação de uma condição colonial, subjugada e subalternizada perpetrada, inclusive, pelo imaginário do silêncio e da domesticidade que redobram sobre o corpo, as identidades e as subjetividades das mulheres negras.

Não obstante, **Águas – Moradas de Memórias** não permanece apenas nas zonas de convergências entre Brasil e África: Ana Rita Santiago demonstra também as relações não-homológicas entre as poesias de autoras que, apesar de estarem reunidas, são capazes de contribuir diferentemente para a ilustração de um outro imaginário que seja capaz de reavaliar os sentidos e as práticas simbólicas vigentes. Nesse sentido, verifica-se a capacidade que o presente volume tem de também articular diferenças e ausências de concordâncias.

Assim, podemos dizer que este terceiro livro de Ana Rita Santiago aprofunda – como mergulho em mar aberto – uma

investigação minuciosa que não apenas continua a obra anterior como promove a partilha de um saber discursivo, porque poético, na medida em que se propõe a deslindar com rigor analítico e larga estruturação teórica multidisciplinar a leitura que faz das variantes temáticas da água na poesia de autoras que, quase sempre, caminham à margem do cânone, naquilo que a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol: o litoral do mundo, lugar que, apesar de estar afastado do centro, funciona como rota alternativa, na qual o vento bate e o ar não é rarefeito. Caminhantes do litoral, as poetas negras iluminam o texto da ensaísta com seus poemas. A mancha tipográfica da água guia o texto e a poesia, mais uma vez, resiste, através da obstinada e forte leitura de Ana Rita Santiago, a partir do trabalho poético dessas mulheres negras que não resistiram ao canto das sereias.

Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 2018: Odoyá!

# **I - Águas - Moradas do (In)Visível**

Imagens: Arcaion e blackstarvideo. Montagem: EDUFRB



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

## Ototo ti Ewi Omi<sup>2</sup>

A água sempre descobre um meio.

(ADÚN<sup>3</sup>, 2011, p. 127)

A vida nasce das entranhas das águas e dela somos feitos (as). Dessa primeira casa aquática, nos tornamos águas, embora não sejamos. Rio, cachoeira, mar, chuva, neblina, vapor, granizo, neve, gelo, lama, gotas são algumas de suas exibições. Dinâmicas por natureza, as águas estão em permanente movimento, circulando continuamente a terra. Poderosas e rebeldes, por excelência, elas escorrem de controles humanos. Com tais diversidades e características, águas bravias e calmas, adquirem relevância e constituem imagens que suscitam e agregam sentidos, memórias e sentimentos em palavras poéticas de autoras negras brasileiras e africanas de países em língua portuguesa deste livro, *Águas – Moradas de Memórias*<sup>4</sup>. Tais eixos temáticos e imagéticos, consubstanciados, diversamente, em torno dos oceanos atlântico e índico, de múltiplos rios e outros elementos líquidos, mostram-se, destacadamente, semelhantes aos “lemes propícios à navegação da escrita” apontados por Ana Mafalda Leite (LEITE, 2013, p. 272).

---

2- *Ototo ti Ewi Omi* – significa, em yoruba, *Caminhos de Águas Poéticas*.

3- Mel Adún é poeta, jornalista, roteirista e contadora de histórias e diretora da Editora Ogum's Toques. Participou da *Coletânea Poética – Ogum's Toques Negros* (2014), publicada por essa editora, em 2014. Já participou de várias edições dos *Cadernos Negros* (CN), da Editora Quilombhoje (SP). É autora do livro de literatura infantil *A lua cheia de vento* (2015), pela Editora Ogum's Toques Negros. É mestre em Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

4- O livro, *Águas – Moradas de Memórias*, é mais uma travessia de estudos realizados sobre autoria negro-feminina e integra a pesquisa, em curso, *Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia – Brasil*, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Linguagens, Literaturas e Diversidades” (CNPQ-UFRB), do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e ao Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, Alagoinhas-BA.

Tais poetas se apropriam, histórica, imaginada e ideologicamente, da força pujante e vigorosa das águas de modo diferente daquelas dicções literárias da época das descobertas e navegações por terras ocupadas e usurpadas e, por conseguinte, da colonização. Crítica e poeticamente, atribuem-lhes outras significações e reconstituem imagens a elas relacionadas, conferindo novos e diferentes sentidos e ressonâncias (LEITE, 2013). Além disso, em seus discursos poéticos, as águas naturais, apresentam-se culturalizadas (LEITE, 2013), ou seja, oceanos e rios desfilam como lugares híbridos (CANCLINI, 2006) e interseccionalizados (CRENSHAW, 2004). São cantados com traços culturais marcados e simbolizados por múltiplas ideias e experiências de territorialidades, identitárias e ancestralidades.

As águas (re) encontram-se e seguem o seu leito poético (CHAVES, 2006). Versos, semelhantes a esse elemento natural – e também cultural –, caminham, desmobilizando verdades e escoando gotas e enxurradas de possibilidades de (re) existência<sup>5</sup>. Assim, águas turvas, claras, amargas, doces, salgadas, encantadamente, fluem, aqui e lá, e, surpreendentemente, jorram como águas poéticas. Mares, rios, lagos, oceanos, riachos, chuvas, dentre outros signos marinhos, recorrentemente, aparecem, em seus versos, como moradas de memórias e de reinvenção de si. Em tais territórios aquáticos, inclusive, onde, além de residirem águas e divindades femininas negras, elas também tecem a palavra poética, como em *Praia de Itapuã*, de Livia Natália<sup>6</sup>.

---

5- (Re) existência, neste texto, adquire o sentido de exercícios de resistência de mulheres negras, mediante as tantas formas de silenciamentos e apagamentos de suas existências (e também da escrita). O ato de escrever para elas torna-se, neste sentido, práticas de ressignificação, (re) escrita e reinvenção de si mesmas, conforme Santiago (2018).

6- Livia Natália ganhou o Concurso Literário do Banco Capital em 2011, Categoria Poesia, com o livro *Água Negra*. Também é autora de *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Poesias; Águas Negras e Outras Águas* (2016), *Dia Bonito pra chover* (2017) e *Sobejos do mar* (2017). É Mestre e Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela UFBA. Atualmente é Professora Adjunta de Teoria da Literatura da UFBA.

Algum pouco de poesia colhi  
nestas Águas claras que,  
salgadas,  
lambem o chão.  
(SOUZA, 2015, p. 145)

Como ancoradouros, águas claras tornam-se repositórios de palavras poéticas, não doces, mas em sintonia com o chão da vida pisado pela voz poética. Das lambidas, as recordações e lembranças, recolhem-se palavras poéticas, mas também podem forjar sonhos, destinos e memórias gestados por vozes literárias e autorais.

Águas peregrinam por múltiplos cursos e ondas literárias e, multifacetadas, percorrem versos travestidos de diversos eu (s) enunciadores (as), tal qual em *Faz-de-conta*, de Rita Santana<sup>7</sup>.

Vem! Aquieta-te em meus braços,  
Rompe o meu nome, antes que o caldo entorne.  
Quantas conquistas meu barco não viu?  
Sou um rio de leito profundo e seco.  
Chego a pensar em desaguar no fogo  
e evaporar pra um nunca desatado.  
Quero nada.  
Quero calar.  
Quero colares, vindos d'África  
E muitos anéis de todo lugar.  
O dia inteiro promete ausência,  
O meu corpo afunda em apetite morto,  
Logo meu corpo de cio constante em palavras vivas!  
Dedos existem que me cortam os dentes.  
Uma lente de aumento vê um desespero sem fim,  
Já quis ardores demais, e não tive tudo.  
Fui ficando triste, triste,  
E um dia morri.

---

7- Rita Santana é atriz, escritora e professora. Recebeu, em 2004, o Prêmio Braskem de Cultura e Arte – Literatura pelo livro de contos *Tramela* (Fundação Casa de Jorge Amado). Além de integrar antologias, como *Mão Cheia* (2005), publicou os livros de poemas *Tratado das Veias* (As Letras da Bahia – 2006); *Alforrias*, (Editus – 2012) e *Cortesianas* (Caramurê, 2019).

Meu corpo ficou, pra fazer de conta.  
SANTANA, 2006, p. 59)

Abundantes de perfis e desejos inusitados de reinvenção de si, as águas, inúmeras vezes, também viandam como títulos de obras e poemas.

O rio

Da minha mutopa  
saiu um gênio do mal  
nem grande nem pequeno  
um gênio  
com um machado de dois gumes  
e uma moça de pau sangue.

Disse-me:

- Venho guardar a nascente do teu rio.  
Levo muito tempo a apagar  
os rastos de sangue  
que deixa na minha pele.

De noite mistura-me os sonhos  
deixa que se veja  
à transparência  
a luz que o queima por dentro  
e me ilumina.

Sou eu que teço  
a rede onde se deita.  
(TAVARES, 2011, p. 122)

Nesses versos, de Ana Paula Tavares<sup>8</sup>, a voz de um gênio, que sai do cachimbo – *mutopa* – da voz poética, apresen-

---

8- Ana Paula Tavares nasceu em Huíla, sul de Angola, É poeta, historiadora e mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Tem poesia dispersa em jornais e revistas em Angola, Brasil, Portugal, Alemanha, Suécia, e Canadá. Em 1999, publicou vários estudos sobre história de Angola na Revista "Fontes & Estudos" de Luanda. Publicou os seguintes livros de poesia: *Ritos de Passagem* (1985); *O Lago da Lua* (2000); *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* (2001); *Ex-Votos* (2003); *Amargos como os Frutos* (2011); e, em prosa, *O Sangue da Buganvília* (1998).

ta-se armado com um machado de dois gumes para vigiar a nascente do rio, que é o título e, também, a própria voz do poema. É um gênio do mal, armado com seu cacete – *moca* – e besuntado com sangue, que lhe garante segurança. Como gênio provedor, também se faz tecelão, a fim de lhe acalantar e dar a guarida noturna necessária.

Esse gênio do mal, que se faz voz indireta no poema, traveste-se quase como um anjo bom e guerreiro, aparecendo da *mutopa* da voz direta, quiçá, para abrandar o seu furor e as tantas dores e angústias noturnas. Disposto a agir como lâminas e a protegê-lo, o gênio-guardião, que só se deixa ver à noite, desveste-se para afugentar medos, incertezas e paisagens e noites sombrias que circundam a nascente, para além de noites temporais.

No poema homônimo de Fátima Trinchão<sup>9</sup>, um sujeito lírico, com dupla face, é, simultaneamente, observador contemplativo e onipresente. Ele descreve o curso do rio, sempre em movimento, a pulsar existências, a criar outras moradas de águas, a forjar novos caminhos e possibilidades de matar sedes humanas.

#### O rio

Partindo do seu leito em busca de estrada nova, vai  
Novos horizontes, novos caminhos, novas paragens.  
E nessa busca, por esses encontros, ansiando vai,  
Abrindo caminhos, espargindo vidas, fundando cidades.  
Se passa por onde passa, é natural que nos caminhos  
Encontre pedras, cascatas, escarpas, flores e espinhos.

---

9- É natural de Euclides da Cunha-BA. É Licenciada em Letras Vernáculas com Francês. Participou da Antologia *SALVADOR – 460 ANOS DE POESIA*, Editora Óminira – 2008; Publicação da Poesia “Deus”. Jornal “A Tarde” - 26/03/1985; Participação na Antologia Poética Hagorah–Editora Contemp – 1986; Participação na *Antologia Poética Versos e Rimas.com*. Editora Óminira – 2006; Participação na *Antologia – Revista CEPA* – 2006. Editora CEPA; *Ecos do Passado* (poemas-solos). Editora Novos Autores. Publicou os seguintes contos: Publicação do conto: Roda Viva jornal “A Tarde”-20/05/79; Bahia de Todos em Contos Editora Óminira – Ano de 2008 - Volume III. Desde 2009, publica no *Cadernos Negros*, da editora Quilombhoje.

Imbuído de sua importância, vai, serenamente sozinho  
 Deixando pelos caminhos, sementes de esperanças.  
 Lá, onde o murmurar das cascatas e lagoas,  
 Cujas águas entre leitos e pedras se deita e avança  
 Formando rios, riachos, lagos e lagoas mansas

O rio chega, passa, avança e esboroa,  
 Forte, generoso, compassivo e triunfante,  
 Matando nossas sedes, povoando nossas fontes.  
 (TRINCHÃO, 2010, p. 66)

Em suas andanças, nos versos do soneto, o rio se recria e, ao mesmo tempo, cria, sem se perder, novas trilhas e dobramentos de si mesmo. Desse rio, desaguam outros rios, riachos, lagoas, fontes e cascatas. Mas, igualmente, desse rio, a voz presente e os seus matam sua sede.

Continua rio, mas não tão somente. É rio, mas também é riacho, outros rios, lagos e lagoas, permanentemente, feitos de águas, aparentemente, mansas e tranquilas, mas, quando necessário, no processo de recriação, pulverizam-se; desmornam-se; rompem-se; e se desfazem para saciar as nossas sedes e promover outras moradas de águas e sentidos.

As águas de rios, inclusive, transitam como constructos e temas dessas tessituras poéticas, tal qual em *Melodia do rio*, de Lita Passos<sup>10</sup>.

Carregando sua canção  
 o rio segue  
 pelo chão  
 consigo em paz  
 cumprindo sua missão.

10- Lita Passos, escritora e atriz. Já publica poemas, desde (1990), em jornais e revistas literárias, entre eles, *EXU* (Bahia), *Cepa* (BA), *Reflexus de Universos* (BA), *A TARDE CULTURAL* (BA), *Tribuna Cultural de Feira* (BA), *Correio da Bahia*, *Tribuna da Bahia* e *Sopa Poesia* (BA). Já tem os seguintes livros editados: *Flores de fogo*, Poesias, (1994); *Coletânea mapa das ilusões*, com o livro *Conteúdo suspeito* (1992); *Rosário de Lembranças* (2011) e *Olhos D'Água* (2016). Também participou das antologias *Nosotros* Antologia Poética Brasil/Espanha (1996) e *Mão cheia*, poesias e contos (2005).

Carregando sua canção  
docemente  
o rio se alonga  
tocando as cordas do seu violão.

Carregando sua canção  
em cortantes tons  
e agudos semitons  
o rio em harmonia  
tece o dia  
em flores de terra  
num fluido beijo  
cola noite e dia.  
(PASSOS, 2005, p. 50)

O rio, nesses versos, ao tocar o seu violão, tece o dia, entoando melodias, diuturna e incansavelmente, adornado por flores e entoa melodias imbuídas de harmonia, mas formadas por tons agudos e suaves. Enquanto em *Faz de conta*, a declarante é o rio, nesse poema, uma voz observadora acompanha, atenta e poeticamente, o rumo de um rio músico que marcha prenhe de sons e doçuras a entoar melodias incisivas e tecer o dia, cumprindo com a sua sorte. Águas, tais quais homens e mulheres, não só entoam canções, também sonham.

Nessa multiplicidade de águas e rios, em que desfilam, de modo multifacetado, em versos de *Da esperança, o homem*, de Conceição Evaristo<sup>11</sup>, as águas, além de viajantes, são sonhadoras.

Da cabeceira do rio  
As águas viajantes não desistem do  
Percurso. Sonham.  
[...]

---

11- Conceição Evaristo é autora de *Ponciá Vicêncio* (Prosa); *Becos da Memória* (Prosa); *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (Prosa); *Olhos D'água* (Prosa); *Poemas de Recordações e outros Movimentos*; *Histórias de leves enganos e parecenças*; e *Canções para ninar menino grande* (2018). Participou de várias antologias, destacando as dos *Cadernos Negros*, da Editora Quilombhoje. Ganhadora do prêmio Jabuti (2016).

O barco espera,  
O sábio contemplativo  
Aguarda  
O homem não se curva  
Ao peso de qualquer lenho.  
Sonha.

Sonha e faz  
Com o suor de seu rosto  
Com a água de seus olhos  
Com a fluidez de sua alma  
Cospe e cospe no solo  
Amolecendo a pedra bruta  
[...].  
(EVARISTO, 2008, p. 53)

Além de cantantes, as águas sonham e agem, transformando, silenciosa e persistentemente, a pedra bruta. Semelhantemente, o homem sábio contemplativo, contemplado pela voz do poema, persegue o exemplo das águas: sonha e faz acontecer.

Destarte, as águas abrolham como sentidos e qualitativos surpreendentes como nesse poema, em *O rio*, como vimos, e, igualmente, em *Ori*<sup>12</sup>, de *Lívia Natália*.

Um rio não caminha só,  
ele atravessa:  
rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida.  
A água que cabe apaziguada no copo,  
dança macia nos corpos  
e escapa sinuosa das mãos  
está sempre caminhando.  
  
Dentro do rio cabe mais um além das margens  
e seu limite frágil,  
entre o que é mato rasteiro,  
terra desfeita em lama ligeira líquido vão.

---

12- *Ori*, palavra da língua yoruba, que significa *cabeça*, *origem*.

Dentro dessa água doce cabe a violência das torrentes.

Dentro da água há um espaço sempre preenchido

onde dança uma mulher castanha e bela.

No fundo, mais que limo e pedra,  
há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério.

Quando a água para

– aquietada na carne lívida das lagoas –  
dentro dela há muita vida.

Uma luz dourada emana de seus limites  
como de um ventre,  
enquanto os peixes bebem de seu encanto silencioso.

(SOUZA, 2011, p. 29)

Nessa ode, uma voz observadora, sem distanciamento, descreve o rio repleto de mistério, intimidade, conhecimento e, sobretudo, de experiência ancestral. Não é um simples e despretensioso desnudamento de um rio, do qual fogem (escapam) as águas, mas um dizer poético de seu fluxo e, a um só tempo, um convite ao mergulho em suas águas. O rio é, portanto, um caminho sobre e com o qual, com zelo e vigilância, precisa-se de aprender a andar. Com suas águas, o rio, divino e humano, anda em seu leito, mostrando possibilidades poéticas de ressignificações, redirecionamentos de percursos e travessias, feitos, inclusive, de limo, pedras e adesão aos seus encantos e imaginadas cores e aromas.

Nesse fluxo poético das águas, Mães Ancestrais, socorrem, escutam e protegem a voz enunciadora e aqueles (as) que trazem no coração. As águas, algumas vezes, denominam divindades femininas africano-brasileiras. Como Deusas, metaforicamente, elas não só representam Òsun e Iemanjá, mas, tornam-se, efetiva e arquetipicamente, Mães das águas doces e salgadas respectivamente.

Abebe Omim<sup>13</sup>

Dança violenta e bela na crista de minha alma.  
Uma voz de água doce sussurra  
nos meus ouvidos  
numa língua outra,  
de uma maternidade feita de ouro e mistério.  
pisa no meu juízo com seus pés de peixes,  
naufrágios e profundezas.  
Dança bruta e verdadeira no chão da minha alma,  
prepara meu corpo para ser sua morada:  
vomito quizilas e fico de novo límpida e casta.  
lava meus pés com seus cabelos de água,  
lava meu ventre,  
minhas mãos...  
Se põe inteira ante a mim  
na proporção exata e necessária,  
preenchendo tudo com seu castanho cristalino.

A mim tudo deu e tudo dará,  
e entrego dourada e rubra a minha cabeça a teus pés,  
para que aqui caminhe,  
habite,  
deite  
e viva,  
agora e sempre,  
dentro desta lagoa funda e branda, neste rio que  
corre dentro de mim.  
(SOUZA, 2011, p. 35)

O abebé é uma das ferramentas utilizadas por Iemojá e Òsun em cosmogonias, simbologias e práticas religiosas de matriz africana. O abebé é um leque de metal, em forma circular, prateado e espelhado para a primeira e dourado para a segunda. Há nele, geralmente, desenhos simbólicos que remetem a essas divindades e aos seus campos de atuação. Com tais adornos, essas Mães vêm a si mesmas e ao *egbé* (a

---

13- *Omin*, em yoruba, significa *água*.

comunidade) que lhes cultua, vigiando e encantando consigo mesmas e com o seu entorno. Contudo, o mais surpreendente é que também, pelo abebé, elas acompanham o (per) curso dos/as filhos/as e monitoram o qu e quem lhes circundam. Assim, com essa ferramenta, elas não só se autocontemplam, mas também miram o mundo; acompanham a dinâmica dos (as) que lhes cercam, honram-nas; e, sobretudo, previnem-se de armadilhas e perigos. Ademais, o abebé cumpre várias funções sociais: mostrar, dando a conhecer e, a um só tempo, estabelecer conexões, cabendo, ainda, a esse instrumento demarcar territórios ou, talvez, provocar desterritorializações.

O título desse poema, *Abebe Omim*, neste íterim, figura-se, semelhante ao abebé, como um espelho d'água através da qual a voz poética feminina, morada de águas doces e, ao mesmo tempo, rio e lagoa branda, reflete a si mesma e se relaciona com uma voz também de água doce, a qual é perfilhada com traços da Deusa das águas doces.

Outras vezes, às águas caracterizam as divindades Òsun e Iemojá e se apresentam como possibilidades de conhecer suas qualidades e arquétipos. Em *Oriki*<sup>14</sup> para Òsum, também de Lívia Natália, um canto de poucas palavras e versos, mas denso em seu sentido, facilita compreender, literariamente, a deusa das águas de rios que desaguam no mar.

O rio se cala  
mas há quem não saiba  
que ele é fundo.  
(SOUZA, 2011, p. 73)

Há de se ressaltar, por fim, a utilização de significantes marinhos e aquáticos para composição de tessituras poéticas.

---

14- Palavra composta pela derivada dos vocábulos *ori* (cabeça-origem) e *ki* (saudar), da língua yoruba, que significa *canto, poema, oração, cântico*.

Em *A Proa...*, de Isabel Ferreira<sup>15</sup>, para ilustrar, há a inclusão de signos como búzios e praia como elementos de suas poéticas e lembranças de um momento de entrega amorosa vivida pelo sujeito poético. Nos versos, ecoam gritos de amor, mas também de solidão, advindos do abandono ao ocaso da entrega amorosa e, concomitantemente, de reservados sentimentos de entrega.

Quando duas pessoas fazem amor  
 Não estão apenas fazendo amor  
 Estão dando corda o relógio do mundo.

Mario Quintana.

O temor alastrando devagarinho  
 As flores crescendo sem odores  
 As dores tomando outras cores  
 Os meus gritos em búzios.  
 Sinto a madrugada em arco-íris  
 Sofro em agonia a culpa da certeza do meu voto.  
 O castigo adormece comigo...  
 Prevejo a fúria a desenhar-se em nós  
 És cautela em minha praia...  
 Como fechar ou abrir janelas ou portas  
 Se possuis todas as minhas varandas  
 (FERREIRA, 2014, p. 51)

Revestidas de muitos predicados e sentidos, águas do mar, rios, chuvas, brisas, redemoinhos, poços, fontes, lagos, lagoas, riachos, cachoeiras, enchentes, baías, marés, praias, orlas, areias e tempestades transfiguram-se de lirismos, constituindo-se e compondo a bacia semântica (DURAND, 1988; 1998) da poética das águas. Assim, algumas vozes forjam

---

15- Isabel Ferreira é natural de Angola. É atriz e escritora. Já publicou as seguintes obras: *Poesia - Laços de amor; Caminhos Ledos; Nirvana; À Margem das Palavras Nuas* e *o Leito do rio. Romance - Fernando D'Aqui: a picante doçura do feitiço angolano; O Guardador de Memórias; O Coelho Conselheiro; Matreiro e Outros Contos e Que Eu Te Conto.*

águas literárias como uma travessia efetiva de (des) tecer possibilidades de existências, se (re) pensar e (re) criar a vida, caminhos e destinos pessoais e coletivos com e nas águas.

Tais recorrências permitem inferir que se desenha, propositadamente ou não, uma escritura diferenciadora dessas autoras, que denomino de “Poética das Águas”, tecida pelo imaginário acompanhado de outros (as), bem como de escritas e saberes de si (FOUCAULT, 2006) e de mundos circundados. Pela linguagem, pois, águas multicoloridas ou incolores, até disformes e insossas, por natureza, mudam, culturalmente, seu transcurso e perfil, abonando novos caminhos, significados, sentimentos, temas e vozes literárias.



# Águas em Poéticas Femininas da Ogum's Toques Negros

[...] água de rio, corrente de cachoeira  
lavando dores antigas, mágoas guardadas.  
(SILVA<sup>16</sup>, 2014, p. 58)

A editora Ogum's Toques – Literatura Negra<sup>17</sup> publicou, em 2014, *Ogum's Toques Negros – Coletânea Poética*, com o apoio da Fundação Cultural Palmares, reunindo poemas de autores (as) negros (as) de várias regiões do Brasil. A edição teve, dentre outros objetivos, divulgar seus nomes e obras e “[...] além de proporcionar espaço para a fruição da homoafetividade nas letras negras, e utilizá-las, às letras negras, para dizer um não rotundo à heteronormatividade, que tanto nos aprisiona e apequena” (SILVA, 2014, p. 9).

Tal coletânea assemelha-se, em alguma medida, à série *Cadernos Negros* (CN), que foi criada em 1978 pelos escritores Cuti, Hugo Ferreira, Jamu Minka e outros poetas negros (QUILOMBOJE, 2016). Tal iniciativa foi uma proeminente oportunidade para autores (as) negros (as) publicarem seus textos, através de ações cooperativas e consorciadas, enfrentando, assim, as práticas de cerceamento estabelecidas pelo mercado editorial, por circuitos artístico-culturais e outras formas de silenciamento de vozes autorais negras. Atualmente, os CN são organizados pelo grupo paulistano de escritores (as) “Qui-

---

16- Daniela Luciana Silva é rapper, jornalista, integrante do Coletivo Pretas Candangas e da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial – Cojira (DF). Escreve no blog Caledoscópio Mutante.

17- A editora Ogum's Toques – Literatura Negra foi criada em 2013 e tem como finalidades, segundo Marcus Guellwaar Adún (2014, p. 19), “[...] cativar e seduzir leitores têm sido suas das principais tarefas, tanto visual, pelo viés das redes sociais, quanto presencialmente, através de nossos encontros literários com escritor@s negr@s de várias partes do país e de outras nacionalidades, a exemplo de Cuba e Angola”.

lomboje Literatura”, o qual foi fundado em 1980, por Luis Cuti, Osvaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o intuito de discutir sobre vivências de negros (as) na/com a literatura brasileira e, hoje, tem como metas publicar e divulgar a literatura negra brasileira (QUILOMBOJE, 2016).

Assim a *Ogum's Toques Negros – Coletânea Poética*, mediante os seus propósitos e ações, contribui para a difusão da produção literária de escritores (as) negros (as) e para formação de público leitor. Como “Quilombo de Palavras”, se quisermos trilhar pelas *Terras de Palavras* (ONAWALE, 2004), abala o cânone literário brasileiro, já que provoca uma ampliação da literatura brasileira, oportunizando incluir outras dimensões, projetos e segmentos literários e tensionando modos hegemônicos de produção, edição e circulação do Brasil.

Dos dezenove participantes dessa Antologia, dez são autoras. São elas: Cláudia Alexandra Santos (BA), Daniela Luciana Silva (BA-DF), Elizandra Souza (SP), Gabriela Ramos (BA), Júlia Couto (BA), Lia Vieira (RJ), Lívia Natália (BA), Mel Adún (BA), Miriam Alves (SP) e Say Adinkra (BA-PE). Tal indicativo merece destaque, visto que demonstra um aumento considerável de mulheres negras que trilham por caminhos contra hegemônicos da tradição literária brasileira e visibiliza um dos vetores diferenciais e relevantes da Editora Ogum's Toques Negros.

As condições de escrita e publicação de mulheres negras não parecem ainda muito favoráveis à divulgação e ao reconhecimento delas e de suas obras (SANTIAGO, 2012). No entanto, significativamente, elas têm forjado, cada vez mais, formas de circulação de seus textos; têm participado de vários projetos de literatura negra (saraus, coletivos, publicações, feiras, festivais, encontros acadêmicos e culturais, concursos, editais, slam etc.), protagonizando, como exercícios de empoderamento, estratégias de visibilidade de suas identidades autorais e de suas escrituras negro-femininas.

Com o ofício da dicção literária, elas criam outras memórias e escritas de si/nós pautadas em sonhos de emancipação, liberdade e autonomia, comprometidas com o banimento de práticas de apagamento de sua escritura e com a promoção de representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios (SILVA, 2010). Seus versos, por conseguinte, se apresentam com vozes poéticas diferenciadoras, quiçá, transgressoras, distantes de estigmas e próximas de marcas de alteridades.

Elas cantam, com criticidade e lirismo anseios, labutas, desencantos e sonhos. Com tom e discurso poético, escrevem um efetivo “dizer de si” (FOUCAULT, 1997), encenando eu (s) referenciais e poéticos, (des) tecendo histórias e (re) escrevendo utopias. Ademais, para elas, escrever tem sido um exercício de reinvenção em novos territórios, temporalidades, atributos e experiências, interseccionadas por construções e diversos modos de estar e (re) posicionar-se diante do mundo e de si mesmas (SANTIAGO, 2017).

Mesmo reconhecendo a importância e a urgência de continuar a estudar e fazer uma crítica literária arrojada e consistente de suas produções literárias, em prol de sua circulação, interessam, aqui, as aparições das águas nos poemas das escritoras da *Ogum's Toques Negros – Coletânea Poética* (2014). Das dez já citadas, quatro delas apropriam-se desse elemento para tecer seus versos e títulos dos poemas como, por exemplo, em *Sem medo*, de Daniela Luciana Silva.

eu viveria na mata  
sem medo

entre a força que alimenta e o mato que protege  
dormindo sobre a palha  
bebendo dos espelhos d'água  
com as cobras que encantam sem matar  
sonhando com as ondas do mar  
eu ficaria na mata...  
entre arcos infalíveis e folhas curam

esperando por vezes  
tempestades e ventos  
barulho e limpeza  
  
pés na lama, pés na pedra  
mãos na forja, mãos na madeira  
pés na palha, cabeça na esteira  
  
ouro, cobre, prata e pérolas no olhar  
  
seria cachoeira até fluir no mar  
e misturar as águas  
  
sem medo  
viveria na mata  
(SILVA, 2014, p. 60)

Poderosas águas emergem e seus componentes adornam e garantem sentidos aos versos. Corajosa, nutrida pela seiva do mato e pelas águas do mar, a voz soergue sua existência, asseverando a sua resistência. Com as águas, não há o que temer na mata. Esses versos sinalizam o compromisso com o agenciamento de uma estética em favor da mobilização de identidades fixas (HALL, 2006), estereótipos e de rígidos papéis sociais, auferidos às figuras femininas negras, e contra aos processos de desvalorização de suas potencialidades.

De frágeis e medrosas, transitam, com as águas, destemidas e aguerridas. Apresentam-se como uma oportunidade significativa, em um tom poético, inscrever “rastros”<sup>18</sup> identitários. Esse movimento pulsante, instigante e, talvez, doloroso, certamente, costura algumas referências e contesta outros. Configura-se, ainda, como uma oportunidade relevante de e pela palavra, em um tom poético, registrar outras figurações afirmativas de si em meio a jogos de resistência.

---

18- Conforme o entendimento de J. Derrida (2004, p. 57), a escritura é uma cadeia de *rastros* (de significantes), ou seja, é aquilo que permite a atribuição de sentido a qualquer linguagem e não apenas à língua falada, já que toda linguagem é imotivada, sem origem e sem significado transcendental que lhe permita sentido. Ao contrário, possibilita rastros de outros rastros que costuram uma cadeia de sentido.

Algumas águas, em poemas de Mel Adún, contrastam qualitativos naturais, haja vista que, ao invés de insossas e incolores, evocam e simbolizam colorações, sabores e outras figurações culturais como se exibem em *Oin*<sup>19</sup>.

Não se iludam com a doçura do nome;  
Sou oxê bilaminado  
Alcançando a garganta dos que lutam  
Pra manter o status quo.  
O contorno do agadá de meu guerreiro.  
A seta certa do arqueiro.  
Nos dias de ouro renasço redonda.  
Dourada.  
Sou peixe pequeno beliscando a barra da saia  
Correnteza  
Nesses dias...  
Adoço-me.  
(ADÚN, 2014, p. 151)

O título e o nome da voz enunciativa feminina coincidem com a assinatura autoral (FOUCAULT, 1997) do poema. Desse modo, *Mel* é mais do que uma água adocicada; é um líquido que guarda cor e elementos, bem assim, diz (ou poderá dizer) de eu (s) referenciais, poéticos e autorais. Tal voz, aparentemente, terna ou meiga, com um nome doce, não engana tampouco ilude seus adversários ou até os seus. Ao demonstrar seus instrumentos de luta, adverte com quem guerreia de suas astúcias e estratégias de combate. Ao contrário do que parece, ela é um oxe – instrumento cortante com a arquitetura de um machado –, parecido com o do gênio mal, do poema *O rio*, de Ana Paula Tavares (2011). E, ainda, como correnteza, insinua atenção e vigilância, visto que suas águas doces são, ilusoriamente, paradas.

Há de se ter cuidado com ela, pois, banhada de mel, age acertada e sorrateiramente. Como um peixe-fêmea, rein-

---

19- *Oin*, vocábulo da língua yoruba, que significa mel.

venta-se redonda e dourada como um sol. Renasce, nutrida de águas doces, mas afiada e pronta a beliscar para provocar e ou se defender. A auto(re)apresentação, neste íterim, torna-se uma advertência ao fingimento que traveste o seu nome.

Em *Aguada*, outra voz (ou a mesma) apresenta-se feita de águas e de ser delas. Essa peculiaridade dificulta-lhe curar suas dores ou esquecê-las, as quais permanecem cravadas em seu corpo, podendo, a qualquer tempo, ser revolvidas, caso sejam incitadas e ou recordadas. Neste sentido, o seu corpo se torna voz ativa, “[...] reinventando viveres de resistência em suas linguagens [...]”, como afirma Maria Antonieta Antonacci (2015, p. 31), ao se referir às práticas mnemônicas de povos escravizados e de culturas orais e à memória na contingência de corpos na diáspora.

Minhas dores dolorosas morrem comigo.  
Sou das águas e a cicatrização no molhado  
é mais difícil.  
Por isso vide bula.  
Nesse caso é melhor não agitar antes de usar.  
(ADÙN, 2014, p. 150)

Nesse “corpo-memória”, portanto, estão gravados “modos de ser e viver” (ANTONACCI, 2015, p. 62) da voz das águas que irrompe com domesticações históricas. Ela, inclusive, transgrede os códigos narrativos, criando outro corpo para si, com o qual, simultaneamente, reage e resiste às intempéries do viver em relação com outros corpos.

Corpos enegrecidos femininos, tatuados por dores, histórias e desejos, transitam em diversos poemas, carregados de traços identitários e repertórios histórico-culturais negros e permeados por águas. Vozes poéticas travestem-se de ousadia e intrepidez para demarcar os seus processos de buscas de emancipação.

Em *Sometimes, para Júlio Güity-Guevara*, de Livia Natália, um eco feminino aquático auto (re) apresenta como um amálgama, constituído de forças naturais, socioculturais e sagradas.

Às vezes é um vento mais forte  
e ele vem de longe, tangendo as colinas  
e as tardes se emancipam de mim,  
como se fossem feitas de puro desejo.

Um azul intenso devora meus dedos  
e os olhos, inteiros, são de oceano e vão  
e eu estou perdida: não há portas  
mas as chaves persistem,  
pendendo de minhas mãos.

Um vento que me fala em uma outra língua  
e, ainda assim, toda me devora,  
e não há apelo,  
e não há distância que o coloque de volta:  
entra pelos meus cabelos  
e faz deles sua mais perfeita morada.  
Um vento, e eu de toda exilada,  
um vento, e eu desfeita,  
calada.

Um vento, e, pobre de mim  
sou toda feita de Água.  
(SOUZA, 2014, 140)

Um *vento ancestral*, personificado, que a compõe e faz dela morada, tomando-a para si, também lhe (des) tece. Inútil resistir à força desse vento que a devora. Tal experiência poética é, pois, vivenciada e descrita por um eu feminino que se faz e desfaz transitando entre o humano e o sagrado. Disso é a mesma e, a um só tempo, torna-se outra: Água. É dona de si, mas feita por diversos ventos.

Já em *Poema para Natália Maria*, de Say Adinkra<sup>20</sup>, uma voz se apresenta exaurida por suas lidas diante de uma an-

---

20- Integrante da Casa do Boneco de Itacaré e da Teia de Agroecologia dos Povos da Cabruca e da Mata Atlântica, gestora e articuladora social. Filha das águas, apaixonada pelo viver, pelo verso, pela canção, pelo mistério e beleza do amor e das relações que nos enlaça.

cestral marítima, clamando uma maré de descanso. Absorta pelas suas lutas e impregnada de desejos e sentimento, pede arrego, águas mais calmas e proteção com a confiança na experiência da Deusa das águas e das marés.

Minha deusa, deixa eu orar e  
 pedir uma maré de descanso no teu sal...  
 “Oh, fia, você sabe quando a maré tá cheia?”  
 Ali quando o exagero derrama na areia seu manto  
 enfurecido  
 quando não se aceita negociação para ser grande  
 quando não se pede licença pra reinar  
 “Oh, fia, você sabe quando a maré tá cheia?”  
 Quando enche?  
 Quando desafia?  
 Quando sobra?  
 Quando o risco te afronta?  
 (ADINKRA, 2014, p.176)

Com palavras precisas, humor e autonomia, performativamente, um eu encena fadiga, temperança e lucidez, através do qual, outros eu (s) podem se espelhar e, concomitantemente, olhar o que (e quem) lhes rodeiam. Como cristais, os versos incitam à autorreflexão, ao reconhecimento das fraquezas e ao assoberbamento das vicissitudes cotidianas. Convida-lhes ainda a enfrentar os reveses da existência, impulsionados pela ânsia por discernimento, perspicácia e comedimento.

Enquanto a voz de *Poema para Natália Maria* clama pelo acalanto para a Deusa das águas salgadas, a de *A água minou, minou...*, de Daniela Luciana Silva, enobrece a Deusa das águas doces, feita e plena de amor. Em seus versos escoam águas de purificação e amor.

UM DIA

O espelho do olhar se encheu de luz  
 E água minou, minou...

seiva pura de Oxum correu  
limpando os corações  
Repletos de mundo

E a correnteza sem destino  
Se transformou no lago dos olhos

Até transbordar de amor...  
Leva tempo.

Há quem me faça sentir...

Um templo sagrado.  
Uma cachoeira na mata.  
Uma deusa que dança.  
Há quem me faça sentir...  
... sim.

SOU TODA AMOR  
(SILVA, 2014, p. 56)

Novamente, aparece uma Deusa, agora a de águas doces que depura os corações. Com gostos e forças, águas tocam corpos e mudam transcurtos e destinos. Ao se desenhar, diante do “espelho do olhar”, uma deusa que baila imagina-se empoderada e forte, com perfil humano e sagrado. Paulatinamente, ela se inventa templo, deusa e cachoeira.

A correnteza transborda o amor, inundando-a, fazendo-a se sentir uma morada do sagrado e “uma deusa que dança”. No “espelho do olhar”, ela não só está repleta de amor; ela é “toda amor”. Tal assenhoreamento se reverbera em se deixar, calmamente, possuir pelo amor. E sinaliza, inclusive, a liberdade de amar e buscar prazeres em águas que também se pintam de negras como se percebe em *Canto para Antonio*, de Livia Natália.

Para Ângela Vilma e Adriano

Eu te amo, Antonio, e a sombra de seu amor faz  
rebrantar as sutilezas.  
Nada silencia na primavera bravia que se desperta  
nos meus dentes,

E pássaros voam famintos em busca de alguma luz.

Eu te amo, Antonio, e os vincos de seu rosto lambem minhas madrugadas.

A lua se deita nos mares, a água se tinge de negro

E tudo resvala no cobalto das maresias.

Eu te amo Antonio, e me mergulho nos poros vermelhos de tua língua,

Me embrenho nas matas de seus cabelos crespos,

Caçando as esperas caracoladas de sua demora.

Eu te amo, Antonio,

E nada apazigua esta sede que é a tua véspera.

(SOUZA, 2014, 142)

Em *Na mata*, igualmente de Daniela Luciana, reitera-se o poder e a presença das águas, juntamente com outras insígnias da natureza e práticas de ablução e fortalecimento, mediante as intempéries. “Na beira do rio”, um sujeito poético, chorando, olha para aqueles que a fizeram sofrer e a curaram.

Andando na mata

o caçador me flechou

Ponta e franjada chegou à alma

Arrancar, separar, descolar

foram verbos cruéis que articulam dor

Recuei

Desespero, impotência, sobressaltos

Peito borbulhando em sangue, nem o rio me valeu

Pensei

Menos mágoa é deixar que vá se soltando

nas águas implacáveis do tempo

Vencerei

Correnteza, banho de cachoeira, folhas

orações, canções de fé

Suspirei

Só me valeu a mão do caçador

Puxando a ponta da flecha sem misericórdia

Sangrei  
Na beira do rio tive que olhar nos olhos  
quem me curou, quem me feriu  
Chorei  
(SILVA, 2014, p. 59)

Às margens do mar e do rio ou submersas em suas águas, vozes poéticas desvelam, inclusive, sentimentos, desejos, fantasias afetivas e ainda esperas, insatisfações e desilusões amorosas. Como ilustração disso, em *Água, coração de mulher*, de Say Adinkra, há ecos de um desencanto afetivo.

Já amei homem sem rosto  
sem endereço  
sem caixão.

Já procurei nas ruas homem com rosto  
sem nome,  
sem endereço  
sem pista.

Já tive amor de endereço e sobrenome  
com filho  
aliança  
almoço de domingo  
foi bonito, rico, intenso e finito  
ponto.

Já fugi de homem apaixonado  
Que de tão maltratado  
Não me esquecia.

Já vivi amor congelado  
que o tempo não passa  
que a água não leva  
tombado.

Já fiz festa pra um amor  
e ele não dançou comigo.  
[...]  
(ADINKRA, 2014, p.170)

As águas testemunham ou alojam desencontros amorosos. Em *deriva*, de Daniela Luciana da Silva, uma voz, quiçá, sem esperança, ou marcada pela frivolidade dos amores, lamenta.

[...]

Não tem mais ouro tecido sal  
nem donzela na beira da praia  
nem lágrimas de Portugal

os tambores calaram  
do outro lado do mar  
o que esperar?

em vão os amores nascem se vão...

[...]

(SILVA, 2014, p. 64)

Nessa esfera do afeto, em *Mulher de marinheiro*, de Say Adrinka, despontam signos aquáticos que, associados a outros, demonstram os sentimentos e a desolação de uma voz que vive imersa à infidelidade.

Não há mais fuligens de navios  
assim como não há rolos de fumaça nas chaminés  
Chegastes...  
Não me trouxe sedas, não me quedei em mirra,  
incensos  
Ou alecrim para te receber.  
Fui envolvida pelas histórias  
De cada porto que passastes  
Desprezadas por certo  
As infidelidades que em cada um praticastes.  
Por banquetes o que mais certamente aprecias  
meu corpo  
E dele nossos suspiros e nossos ais.  
A brisa da terra firme  
mantendo ela agora a guarda

roça o semblante do amado  
nela antevejo o alento das marés.  
Bons-dias\_ não fosse a folhinha a correr para  
frente.  
Nossa vida uma só peça  
braços para te receber, mãos para adeus acenar.  
Passagens de idas e vindas  
paisagem certa, momentos incertos.  
Outra vez partirás  
Te sigo até ode a vista não alcança  
Volto a remexer no presente já passado  
Folgando lembrar suas andanças.  
Mais uma vez, invento o cais...  
- Porto seguro, jamais.  
(ADINKRA, 2014, p.133)

Há ainda de ressaltar o tom memorialista que perpassa em alguns desses poemas da Coletânea e, por consoante, a presença da água na construção das memórias poéticas. Fios de lembranças tecem retalhos de memórias costurados, por vezes, por repertórios histórico-culturais negros, entrecruzados por fiapos de ancestralidades de matriz africano-brasileira. Neste ínterim, pela experiência de recordar, vozes poéticas se resignificam, quiçá, como possibilidade de que as rememorações contribuam com tessituras de práticas discursivas em que vozes femininas tornem-se senhoras de si no presente e no porvir.

Tais vozes, por fim, podem desafiar os (as) leitores (as), corajosamente, a se forjar, com águas, mares, rios e oceanos, com a sua exuberância, correntezas e ondas, sempre que se fizer necessário, suscitando a ânsia pelo (auto) empoderamento e pela firme decisão de se reinventar afirmativamente. Nisso, quiçá, se configure uma das magnificências da provocativa e diferenciadora *Ogum's Toques Negros – Coletânea Poética*.



## Ah, o Mar, o Mar!

Sou tola sim!  
Sem medo, temo, ando atenta...  
Meu cavalo é de fogo  
E nas minhas veias  
Correm as águas salgadas do mar.

(OLIVEIRA, 2012, p. 85)

O mar e as suas águas salgadas aparecem com igual ênfase e frequência dos rios em dicções literárias femininas negras do Brasil e de países africanos em língua portuguesa, além de nelas despontar elementos a ele relacionados, percorrendo o seu imaginário e habitando em imagens. São consideradas valorosas heranças naturais, culturais e ancestrais que religam antepassados (as), possibilitando-os (as) reescrever e ficcionalizar histórias e memórias individuais e coletivas (LE'GOFF, 1996; HALBWACHS, 2006).

O mar aparece como moradas de memórias e lembranças, mas também como um tabernáculo seguro e quase sagrado, onde vozes líricas guardam e confiam os seus segredos como a apresentada pela voz inventada pela poeta moçambicana Lica Sebastião<sup>21</sup>.

Não me tragas flores de Gauteng, bombons  
recheados.

Não me digas *hello!* Não cites o *Times*.

Quando chegares, levo-te a ver o mar.

Ele sabe dos meus segredos.

As ondas nocturnas calaram muitas vezes  
o meu grito saudoso.

---

21 - Lica Sebastião é natural de Maputo, Moçambique. É poeta, pintora e membro do Núcleo de Arte e da Lowveld Arts Association, Neulspruit. Edita livros didáticos de língua portuguesa. É autora dos livros *Poemas sem véu* (2011); *Ciclos da minha alma* (2015); e *de terra, vento e fogo* (2015).

A maré baixa deixou marcas  
das minhas pegadas na areia.  
Ficou o desenho dos teus olhos meigos.

Não me tragas nada de Guateng.  
Não tragas agasalhos. É Verão aqui.

Quando chegares, levo-te a ver o mar.  
Não há horizonte e a emoção é tamanha.  
Visto-te com a espuma que desmaia aos  
teus pés  
Visto-me também.

Um beijo de sal; temo a partida.  
Não quero, amor...  
(SEBASTIÃO, 2015, p. 57)

O mar, nesses versos, guarda saudade, silêncios, marcas e segredos da voz poética, por isso ela nada quer do seu amor, além de compartilhar o horizonte e a emoção imensuráveis. É, inclusive, o melhor de si de que ela dispõe para mostrar ao seu amado, pois ele a conhece profundamente e conserva o que há no âmago do seu ser. O mar é, desse modo, a sua própria morada. Em *Fios de Lazúli*, de Ana Mafalda Leite,<sup>22</sup> o mar é caracterizado por traços humanos (ou talvez também animalizados).

esta água pousada em teus  
cabelos  
ó mar

esta mão de terra enchendo-te o  
corpo lento

22- Ana Mafalda Leite é uma poeta luso-moçambicana, ensaísta, professora e pesquisadora das literaturas africanas, sobretudo da moçambicana. É natural de Portugal, residiu por muitos anos em Moçambique. Já publicou *Em sombra acesa* (Lisboa: Ed. Vega, Poesia, 1984); *Canções de Alba* (Lisboa: Ed. Vega, Poesia, 1989); *A poética de José Craveirinha*. Lisboa: Vega, 1991. Literary criticism; *A modalização épica nas literaturas africanas*. (Lisboa: Vega, 1995. Literary criticism.); *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. (Lisboa: Colibri, 2003); *Livro das encantações*. (Lisboa: Caminho, "Outras Margens Series", 44, 2005); e *Livro de encantações e outros poemas*. Maputo: Alcance editores, 2010.

ó mar  
esta almadia de pedra  
em ti amurada  
ó mar  
depõe em teus cabelos algas corais conchas ma-  
rinhas  
fios de lazúli fios de sol fios de marfim  
fios de terra te agarram em feitoria fortim fortaleza  
soltas as ondas te estremecem em monção  
porque em ti  
os pangaios apetecem longes  
ouro  
oriente  
dolente  
e as velas recolhem  
devagar  
em cânticos a sol posto  
o desafio dos minaretes mais a norte  
(LEITE, 2010, p. 76)

Aos versos livres na construção e também de sinais de pontuação cumpre apresentar o mar em sua magnitude, evidenciando a diversidade, igualmente exuberante e esplêndida, do que há nele. Assim, personificado, ele navega no poema descritiva e encantadamente. Em *mar de mim*, de Lita Passos, o eu lírico mora no fundo do mar. De lá vê e contempla a lua, o arco-íris, o sol e o firmamento.

Foi no fundo do mar que vi  
Piscar a pálpebra da lua  
E o azul profundo clarear  
Foi no imo do firmamento que pressenti  
O arco-íris nascer  
Das entranhas do sol  
Foi nos peixinhos coloridos que percebi  
A visão da dança da lua e dos astros  
No salão da estrela-do-mar

Foi no fundo das águas que mirei  
O surgimento da dança estelar  
E o universo a brilhar  
(PASSOS, 2015, p. 51)

O mar é apresentado, nesses versos, como morada de si, e não apenas como residência ou reflexo de astros ou fenômenos da natureza. Nele habitam luzes e cores que se misturam e dançam distintamente. Dele, a voz mira o nascer e o brilho da lua, das estrelas e do arco-íris. Nele também mora essa voz que é parte do mar e o mar é parte dela. É recursivo encontrar nelas vozes navegantes, naufragas, memoriais (OLMI, 2006) e encantadas com suas grandezas e mistérios. Percebe-se ainda a metaforização do vivido, amor, sonhos e destinos com as paisagens do mar e de outras formas e modos de elementos líquidos naturais.

A noite

Sobre a terra  
O mar,  
Sobre o mar,  
As ondas brancas  
Sorriem as crianças  
Que brincam na areia  
E procuram  
Pequenas conchas  
Listradas que se  
Escondem por entre  
As pedras.  
A noite é bela  
Em todo o seu  
Mistério,  
Com toda a  
Sua poesia.  
A noite negra  
Que passa...  
E ri

De todos nós...  
Nós e nossa  
Ansiedade  
Que vem do  
Dia  
É impossível  
Para i dia,  
Encontrar em  
Seu coração  
O mistério  
E a poesia  
Da noite.  
(TRINCHÃO, 2010, p. 69)

Constitui-se, amiúde, o mar vasto e tenro ambiente, quase sagrado, para encontros consigo mesmos, com outros (as), bem como de decisão por mergulhar por outras águas de eu líricos, já que “O mar se recaminha todo o tempo, compulsivo, se busca na senda das ondas” (SOUZA, 2015, p. 35).

Em *Sou um Rio*, de Elque Santos<sup>23</sup>, um eu poético também se personifica em um rio, tomando emprestado a sua voz para se representar. Mas não é tão somente um rio; é o rio Òsun, a partir do qual mobiliza traços de identificações e identidades.

Sou Rio antigo, de águas sublevadas,  
por onde não se pode navegar.  
Sou caminho difícil, águas inexploradas.  
Meu curso não há quem possa domar.  
Aos aventureiros, afastem-se, fiquem nas orlas,  
porque eu só respeito meu curso e meu destino.  
O mar.  
Abundante, espessa e destemperada sou toda  
correnteza.  
De minhas águas terá apenas perdas, dor e  
braveza.  
Se tu, aventureiro, não quiseses afastar de mim

---

23- Elque Santos é licenciada e bacharela do Curso de Letras Vernáculas. É escritora e educadora.

assina um acordo tácito comigo e a tu cabes,  
 navegar-me, desbravar-me, conhecer-me...  
 Mas nunca tente me domar, pois a mim cabe:  
 envolvê-lo desejá-lo e, talvez, afogá-lo.  
 Quero de ti, aventureiro, mais do que queres de mim.  
 Tortuosamente, anseio de ti,  
 sua coragem, sua beleza.  
 O seu talento de navegante.  
 Levará o que queres,  
 se me der o mais profundo desejo.  
 Há que ter respeito e temor, Senhor Marítimo  
 mas antes e maior que tudo há que se ter amor.  
 (Assumindo e amando Oxum)  
 (SANTOS, 2008)

O rio é forte e indominável, de águas perigosas e arrebatadoras, suscetíveis apenas ao mar, para onde se destina, visto que “Dentro do mar tem um rio<sup>24</sup>”. Em vão, tentar represá-lo, pois o rio, a qualquer tempo, encontra modos de fissurar a terra, desvendar caminhos e voltar a desaguar no mar, seu leito nascente. Com tal perfil, poderosamente, estabelece um código de convivência entre ela e o senhor, aventureiro navegante, tendo como destaque o amor a Ôsun, a Deusa das águas dos rios. Já, em *Voando com os pés firmes*, de Cléa Barbosa<sup>25</sup>, desfila a Deusa do mar. Outra voz enunciadora apresenta-se com qualidades afins a ela. Nas águas do mar, ela se purifica e busca sabedoria para voar e navegar profundamente nas ondas de sua existência.

Ando voando nas águas da minha mãe  
 D'água  
 É escamosa a calda  
 Ondulada da minha beleza  
 É quente minha alma guerreira

24- Título de uma canção de Maria Bethânia, lançada em DVD homônimo, em 2007.

25- Cléa Barbosa integra, juntamente com Jocélia Fonseca e Lutigarde Oliveira, o Grupo Performativo *Importuno Poético*, o qual lançou um livro com o mesmo nome do grupo e já está na 2ª edição.

Nas profundezas do barro  
Encontro limpeza  
Navego mais fundo  
Buscando sabedoria  
Da minha vó ensulê  
Êta! É axé que eu quero ter  
Minhas iabás  
A essencial força da natureza  
Que meu espírito  
Tempo com tempo  
Desenrola minha mandinga  
Para melhor viver  
Tão certa do caminho que tomei  
Voando cou andando e  
Andando vou voando  
Com os pés firmes  
No chão.  
(BARBOSA, 2012, p. 23)

A vida também é, por vezes, embarcação, por outras, rios ou mares, sobre a qual eu líricos navegam, mergulham e (per) seguem seus caminhos. Em *A arte de viver*, de Fátima Trinchão, a voz navegante, com semelhante ânsia e deliberação daquela da voz firme, exalta o seu ofício de andar sobre o mar da vida, em ondas que vão e vêm, ora tranquilas ora agitadas.

Bela arte a dos navegantes!  
De tudo que posso e possuo  
Neste mar da vida inconstante  
Amo muito o meu navegar,  
Agora e a todo o instante.  
Nas ondas revoltas ou calmas,  
Onde sopram fortes brisas,  
Revolvo do fundo d'alma  
Barcos, portos, velas, rios  
Sabendo prudentemente,  
Que navegar é preciso!  
Preciso como é o tempo,  
Que traz as vozes do vento,

Clamando serenidade.  
Nas ondas em desalinho,  
Vejo nos portos, caminhos;  
Nas pontes, maturidade;  
Nas suas pás e moinhos,  
Movimento e unidade.  
Bela arte a dos navegantes,  
Neste mar da vida inconstante,  
Marinheiros, Marujos, plebeus  
Beatos, crentes e ateus,  
Unidos num só pensar,  
Num pensamento indiviso,  
De que é preciso navegar,  
Por que viver, é impreciso!  
(TRINCHÃO, 2010, p. 55)

Com tal movimento, é preciso ir e navegar, pois, contrariando a voz do poeta português heterônimo, viver também é preciso. Nessa arte de navegar, raia e submerge o *Livro*, de Rita Santana, que, performaticamente, é, ao ser lançado pelo dono do mar salgado, atijado e exposto às várias ondas.

Lanço-te, marujo!  
Urge o arremesso do desbravamento,  
O amansar da fúria contida nos dicionários.  
Estende o teu olhar pras gentes e vê o que querem.  
Vê o paladar apurado do povo,  
Agita os braços ante o infante de leituras.  
Dou-te todo o meu mar salgado,  
Minhas mulheres que choram e riem alto,  
Minhas noivas dispostas ao divórcio das prendas,  
Arquétipos da minha avó cabocla.  
Vai, marujo!  
Arrisca teu perfil às tintas, ao incesto das editoras,  
Aos naufrágios à beira da porta,  
Aos críticos que rasgarão teu ofício de dias.  
Vai, portuoso!  
Beija na boca todas as mulheres que querem o  
teu beijo,  
Todos os homens dispostos ao risco,

Abre teu pórtico de páginas aos servos, aos escravos,  
Aos que vivem sob vigências de feudos modernos.  
Vai, marujo! Gruda nas casas novo ato de liberdade,  
Conspira com os nossos,  
E toma da noite sua embriaguez,  
Sua inspirada subversão de Musa.

Vai, marujo!

Lança-te ao Mar com tudo que nele há  
De Pessoa, de Neruda, de Carlos, de Adélia,  
De Cora, de Bandeira, de Clarice, de Lorca.  
Vai! E afoga meus navios velhos, viola minhas certezas,  
Viola minhas mentiras, meus fingimentos de Poeta,  
Viola minha caixa de Pandora,  
Meu anonimato,  
Meu suicídio diário,  
Minha textura de negra, minha candura de puta.  
Vai! Antes que eu me lance sem âncoras,  
Pois que deixo velas, remos e medos muitos.  
(SANTANA, 2006, p. 13-14)

O livro, inusitadamente, é um navegante, um marujo que necessita de se encontrar com outros mares, navegantes e naufragos para cumprir sua sina. Vulnerável à aceitação ou não, ao portuoso cabe enfrentar as intempéries e ventanias para alcançar, além de mares, o reconhecimento do sujeito lírico autor.

Poéticas das águas negro-femininas, ainda, exibem o mar como abrigo relevante de anseios escondidos e ou conservados no âmago e silêncio do eu lírico como em *Segredo*, de Lita Passos.

Quando o sol se puser no teu olhar  
Eu quero repousar na tua retina  
Eu quero descansar no teu olhar

Quando a lua surgir no mar  
Eu quero desfilar no teu olhar  
Eu quero te encantar

Quando o vento galopar o mar  
Eu quero te mergulhar  
Eu quero te amar te amar

Quando o sol a lua encontrar  
Num beijo de raios e luar  
É o segredo de te amar te amar

Quando o sol de novo clarear  
Quero acordar na tua retina  
Quero nos olhos sonhar  
(PASSOS, 2011, p. 134)

As águas guardam até mesmo desejos, aparentemente, passíveis de realização, mas ainda vividos apenas no recôndito da imaginação e por elas nutridos como em *Com você*, de Jocélia Fonseca<sup>26</sup>.

Um barco, um mar  
Um jantar à luz de velas  
Uma conversa ao pé do ouvido  
Uma dança  
Um olhar dentro do olhar um despertar suave  
Na manhã seguinte  
E comer uma fruta boa  
Da noite anterior.  
Um desejo de encontro eterno  
Um massagear de pés  
Nos pés descalços  
E risos à toa.  
Inventar comida  
Quando os orgasmos  
Trazem  
O cansaço da delícia.  
Uma cumplicidade  
De andar de mãos dadas.  
(FONSECA. 2012, p. 65)

---

26- Jocélia Fonseca é poeta e arte-educadora. Além de ter alguns dos seus poemas divulgados em *Folhas Literárias* da Fundação Pedro Calmon, foi coordenadora do evento literário *Quartinhos de Aruá* e *Sarau Canto de Letras* na UCSal. Compõe, junto à Clea Barbosa e Lutigarde Oliveira, o Grupo Performático *Importuno Poético*, o qual lançou um livro com o mesmo nome do grupo e já está na 2ª edição. É Coordenadora do MSTB – Movimento Sem Teto da Bahia. É graduada em letras. Foi homenageada no livro *Mulheres do Vento Mulheres do Tempo*.

Há de se considerar, ademais, nessas dobras literárias, o mar como um pescador de palavras (en) cantadas. Em *Se o meu pescador pescasse*, de Tânia Tomé<sup>27</sup>, a voz enunciadora autoral deseja que o seu pescador encontre no mar seus versos e a “melhor palavra”. Ao mar cumpre o desígnio de pescar o peixe (o poema) e de torná-la escritora (pescador).

Se o meu pescador me pescasse  
pelo arpão me agarrasse os versos  
um a um, sem pressa  
a melhor palavra do mar...

Mas em que lugar da asa  
a palavra poderia ser mais bela?  
Com que cheiro? Com que sabor?  
Onde seria o lugar do sol  
Com que cor? Com que brilho?

E sei que hei de escolher  
depressa mas devagar  
a palavra mais carnuda para comer  
E vou comer intensamente  
Com toda força dos meus (d)entes  
na ponta dos dedos  
as palavras que não me calo  
E um peixe com asas  
Há de nascer  
E há de pescar-me no alto  
o pescador  
Espero  
(TOMÉ, 2010, p. 49)

---

27 - Tânia Tomé é natural de Maputo, Moçambique. É cantora, poeta e compositora. Publicou, em 2010, em Maputo, pela CIEDIMA, o livro de poesias *Agarra-me o sol por trás (e outros escritos e melodias)*. Em 2004, participou da antologia *Um abraço quente da Lusofonia*, com outros jovens poetas representantes de cada país da CPLP. Nesse mesmo ano, fez parte do CD intitulado *Encontro (Iniciativa dos Leigos da Boa Nova)*. Em 2008, produziu o espetáculo "Poesia em Moçambique", em tributo a José Craveirinha. Em 2009, lançou o seu primeiro DVD de poesia em Moçambique. Participou das antologias *World Poetry Almanac 2009* (Com 190 poetas oriundos de 100 países) e *The bilingual anthology on african poetry* (China).

Mesmo com tal busca de si e também de palavras, poemas e livros, o mar é misteriosamente quase inatingível, por isso perigoso e inacessível poeticamente. Apesar de o mar navegar entre poéticas como *Guardador de Memórias* (FERREIRA, 2008) e *Vendedor de Passados* (AGUALUSA, 2004), vozes poéticas se põem diante dele com cautela para não ser acometidas por eventos inevitáveis e inesperados como se percebe em *Poema Minimalista*, de Lica Sebastião, poeta moçambicana.

Na minha terra,  
ninguém se faz ao mar.  
Há temores de que o barco  
não ancore no seu porto.  
(SEBASTIÃO, 2011, p. 52)

Ah, o mar, o mar! O mar sempre surpreende! Além de morada de recordações, sonhos, segredos e desejos, sitia palavras poéticas!

Ah, o mar, o mar! Além de cantar e voar, águas salgadas também manam peixes líricos!

Ah, o mar, o mar!

## **II - Panoramas de Águas Literárias**

Imagens: Leelanne e Hermann Traub. Montagem: EDUFRB.



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

Toda mulher  
Pode se encontrar em suas águas  
Toda mulher  
Pode se encontrar nas águas do mar.  
(Cristiane Sobral<sup>28</sup>)

---

28 - Cristiane Sobral nasceu em 1974, em Coqueiros, Zona Oeste do Rio de Janeiro-RJ, e reside em Brasília-DF desde 1990. É mestre em Artes pela UNB, especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro e é licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Católica do DF e bacharel em Interpretação Teatral pela UNBC – Brasília. Ganhou diversos prêmios e títulos como, Mulher, Educadora, Cidadã do Mundo (2015), Escritora Imortal da Academia de Letras de Brasil (2012). Foi premiada como literatura cânone (2009). Além desses, obteve diploma de Mérito do Grupo Teatral Nguzu yetu (2007), ganhou também o prêmio de melhor atriz, destaque feminino, em 2005. É também diretora de teatro. Sobral e apresentadora de programa de TV, cinema, propagandas comerciais e vídeos institucionais. Dentre suas obras teatrais estão Boneca de Lixo (1998); Dra. Sida (2000); Petardo, será que você aguenta? (2004), Comédia dos Absurdos (2005). Além da dramaturgia, Cristiane Sobral tem publicações em Cadernos Negros e os seguintes livros: Não vou mais lavar os pratos (2010). Além de Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção (2011), Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz (2014) e O tapete voador (2016).



## Oceanos, Rios e Correntezas em Versos de Livia Natália

Vaga é a onda  
Que a si mesma navega.  
(SOUZA, 2015, p. 19)<sup>29</sup>

Rios, mares, correntezas, orlas, oceanos, torrentes, lagoas e até um barco abrigam as águas como residências de lembranças e, concomitantemente, são depositários de sonhos, sentidos, desejos e constructos de vozes poéticas femininas altivas igualmente negras, nos poemas apresentados em seus livros, *Água Negra* (2011), *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015) e na *Coletânea Poética Ogum's Toques Negros* (2014). Águas e seus correspondentes são temas caros e predominantes nessas e em suas demais obras: *Água Negra e outras Águas* (2016), *Dia Bonito pra chover* (2017) e *Sobejos do Mar* (2017). Como águas poéticas, infringem a sua natureza incolor e insossa, revestindo-se de multicores, sentidos e sabores. Poderosas, as águas seguem, performaticamente, sem pudor ou temor.

*Água Negra* não é apenas o título do seu primeiro livro de poesias. Isso é pouco demais mediante sua função social: ser um prenúncio de múltiplas águas que desfilam em seus versos! Ademais, é um anúncio fantástico, visto que apresenta a bela *face* e a fascinante *voz preta* dos poemas! Organizado em três partes, *Odu Omin*, *Marés sem fim* e *Desaguar*, *Água Negra* segue o seu leito, desfilando memórias poéticas e versando sobre e com a água que se quer simples e enegrecida de *eu* (s) autoral e poético.

---

29- Os poemas presentes neste ensaio compõem os livros da autora *Água Negra* (2011) e *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015).

No seu livro *Correntezas e outros estudos marinhos*, Livia Natália, novamente, encena as águas, poeticamente, sem ser repetitiva. São sessenta e dois poemas, organizados também em três partes *Vaga*, *Maresia* e *Sargaço*, com vozes poéticas negras que, ora se auto-identificam ou se auto (re) apresentam como águas doces ou salgadas, correntezas e ondas, ora encontram nas águas esparsas lembranças de onde forjam memórias, tornando-as habitações do já vivido, logo moradas de sentimentos, saudades, afetos e desafetos, realizações e insucessos, desejos e frustrações.

#### Oceano

O mar se deslembra homérico do que se passou.  
No seu infinito de profundezas  
tudo o que do mundo guarda,  
é apenas rastro do perdido.  
O mar se recaminha todo o tempo,  
compulsivo, se busca na senda das ondas.

A areia,  
que guarda as lembranças todas  
na minúscula caixa de grânulo,  
tem pena do mar.  
Apenas por isto ela dança com suas Águas.  
(SOUZA, 2015, p. 35)

Além de moradas de recordações, as águas, nas poéticas de Livia Natália, transmutam-se e personificam-se. Águas enegrecidas atravessam ora com uma singeleza, de vozes negras femininas encantadas, ora destemidas, fortes e resistentes, mas também suscetíveis às dores, saudades, alegrias, tristezas e tantos outros sentimentos e experiências de (des)afetos, por isso, tão demasiadamente, humanas.

#### Natureza submersa

Insone na cama de sereia e limo  
O mar se move sem olhos para dormir  
Seus longos braços de dedos

Delgados em ondas  
Se movem no vazio dos ventos.  
Sentado à beira de si,  
Ele se morde como um cão,  
Se devorando.

A fina transparência das Águas  
Não dissimula seu desamparo:  
O mar, no salgado de suas ondas  
Imita o céu,  
Nele se buscando.  
(SOUZA, 2015, p. 37)

A poesia de Lívia Natália tem as águas não tão somente como tema, título de livros ou lugar de memórias poéticas, mas também como constituição do eu poético, quiçá, auto-ficcional (LEJEUNE, 2008; SANTIAGO, 2012), e de seus próprios versos.

#### Água Negra

Chove muito na cidade.  
No asfalto betumoso um sangue transparente,  
ora de um rubro desencarnado,  
ora encardido de um cinza nebuloso,  
é vomitado em cólicas  
por toda a parte.  
Das paredes duras vaza um mais escuro que,  
imagino,  
seja a água mordendo as estruturas.  
A água é assim:  
atiçada do céu,  
infinita no mar,  
nômade no chão pedregoso,  
presa no fundo de um poço imenso:  
a água devora tudo  
com seus dentes intangíveis.  
(SOUZA, 2011, p. 39)

Nesse poema, com o título homônimo ao livro, *Água Negra*, a água das chuvas tem feições múltiplas: indica um estado da natureza de uma cidade, insinuando uma temporalidade

de, que se espalha por vários espaços e, respectivamente, é descrita pelo sujeito poético, em um ato da imaginação, como um ser, ainda que elemento da natureza. Neste ínterim, a voz enunciativa caracteriza a água como diversa, vigorosa, brava, devoradora e indomável, sob a esteira poética de auto (re) apresentação, relacionada com as “escrevivências”, a que se refere Conceição Evaristo (2005), e de auto-identificação, associada aqui ao sentido de identificação atribuído por Stuart Hall:

[...] a abordagem desconstrutiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. [...] a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. a fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação (Freud sempre falou dela em termos de “consumir o outro”, como veremos em um momento) [...] (HALL, 2000, p. 107).

Do chão ao poço, a água segue seu curso e destino, ao mesmo tempo, “presa”, “nômade” e “infinita”. Dominadora, incolor por natureza, a voz poética altera tal traço, revestindo-lhe de multicores: “sangue transparente”, “rubro desencarnado”, “encardido de um cinza nebuloso”, “um sangue mais escuro”. Travestida de personagem, a “água negra” provoca o caos, tensiona o estabelecido, urde o novo, segue os múltiplos leitos, identificando-se e se reinventando. Assenhorada, ela domina o espaço que lhe acolhe: a cidade. Personificada, seu sangue, pouco vermelho, invade e ocupa a cidade e seus “dentes intangíveis” comem tudo. Destarte, a *Água Negra*, é caracterizada como um ser preponderante e determinante de fenômenos avassaladores, tornando-se capaz de, com sucesso permanente, “devorar tudo”.

Diferentemente de *Água Negra*, em que a água é uma personagem apresentada com toda sua exuberância e múlti-

plas faces, no poema *Asé*, a “Água” é a voz poética, haja vista que, além de se autodeclarar “árvore negra de raiz nodosa”, “seta”, “ferro das armas”, “sal das águas”, é também “água” e “tempestade”.

Sou uma árvore de tronco grosso.  
minha raiz é forte, nodosa,  
originária,  
betumosa como a noite.  
O sangue,  
ejé que corre caudaloso,  
lava o mundo e alimenta  
o ventre poderoso de meus Orixás.  
A cada um deles dou de comer,  
um grânulo vivo do que sou  
com uma fé escura,  
(borrão na escrita do deus de olhos docemente  
azuis).  
Minha fé é negra,  
e minha alma enegrece a terra  
no ilá  
que de minha boca escapa.  
Sou uma árvore negra de raiz nodosa.  
Sou um rio de profundidade limosa e calma.  
Sou a seta e seu alcance antes do grito.  
E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade  
e o ferro das armas.  
E ainda luto em horas de sol obtuso  
nas encruzilhadas.  
(SOUZA, 2011, p. 33)

A auto (re) apresentação da *Água*, que se descreve destemida e guerreira, é perfilhada como uma árvore cor da noite e do betume. Esse traço identitário marcante e quase visceral é o principal nutriente que alimenta e sustenta a terra e o que lhe circunda. Mais ainda é pela e com a própria negrura que cumpre o seu atributo: enegrecer a terra. Uma voz de múltiplas faces desfila nesses versos: além de rio e árvore, é também

seta, fogo, sal, tempestade e ferro. De todas essas identidades, emanam ações específicas e relevantes, as quais garantem e justificam o seu existir que com elas se tece. Como um ser único, mostra-se diversa em seus vários papéis, os quais remetem e lembram divindades do panteão africano-brasileiro.

Águas bravias dos rios e dos oceanos atlântico e pacífico, metaforicamente, (re) encontram-se e seguem o seu leito. Em busca da vida, de modo magnífico, semelhante às águas, escorrem, desmobilizando fixidez, flutuam, surpreendentemente, águas poéticas. Reconhecer-se água é muito mais que um eu metafórico, inventado pela linguagem; é, inclusive, revestir-se de possibilidades de forjar caminhos, outras águas e outros modos de existir.

A água identifica-se com o *egé*<sup>30</sup> de *Água Negra*: é vigorosa e forte. Surpreendente e solenemente ocupa os espaços. Além de banhar o mundo, banindo as impurezas, é fonte de vida, nutre e promove a vida em sua plenitude e unidade, sem apartes entre o divino e o humano. Contudo, elas também se diferem: enquanto a primeira alimenta o ventre onde habitam os *Órisàs*, a segunda morde as estruturas e devora tudo. Assim se constroem na e com as diversidades.

Autoafirmar como um rio, feito de limo e calma, em um ato performático, é mostrar-se forte, insolente, única e perseguir o projeto de auto-constituição pela e com a escrita (KILNGER, 2006) que se (des) faz em cada cena cotidiana (MAFFESOLI, 2009) e se renova com fios e fiapos de lembranças e recordações que criam memórias. Neste sentido, as identidades do sujeito poético tornam-se “construções em que se narram”, com afirma Nestor Canclini (2006) e Hall, ao referir-se às identidades.

[...] surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva,

---

30- Palavra, de origem yoruba, que significa *sangue*.

material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático. (HALL, 2000, p. 109)

As águas marinhas e poéticas de Livia Natália, neste ínterim, por vezes, se mostram comprometidas com vozes enunciadoras carregadas de desejos de autoafirmação, em processos construtivos de identidades. Nessa busca de construção poética de si, as águas e suas Mães Ancestrais Negras contornam como referências imprescindíveis para sinalização do empoderamento feminino negro, tal como em *Osun Janáína*.

Descobri que, para mim,  
ser mulher basta.  
Para puxar véus,  
levantar saias  
pintar as unhas de vermelho feroz –  
mesmo que seja só para depois dizer: para.  
Ou ver a dança des-contínua do seu corpo  
sobre o meu (o meu oposto)  
pelo espelho que se emancipa  
das paredes deste quarto  
e desta tarde delicada.  
Mas sempre ser mulher basta:  
posto que é inteiro e vão,  
onda que bate na pedra e se despedaça  
apenas para voltar inteira  
– afogada –  
num mar de (in)diferenças  
onde cada gota solitária e única  
forma um discurso descomposto,  
cambiante,  
plural:  
mesmo quando me atiro sobre esta pedra,  
que me rechaça.  
(SOUZA, 2011, p. 31)

O título do poema – *Osun Janaína* – é, indubitavelmente, o prenúncio do tom emancipador que desfila nos seus versos. A referência da voz poética é uma deusa africano-brasileira de tantos nomes, a qual tem, entre outros arquétipos, destemor, beleza, amor, faceirice, generosidade e resistência. Em um breve relato-reflexivo, a voz de uma mulher narra, fragmentadamente, momentos e vivências de relações afetivas, embora pareça que lhe importa mais pensar sobre eventos e movimentos – simbolizados pelos signos onda, mar e pedra – que lhe possibilitem desaprisionar-se e se soerguer.

Caracterizam-se esses versos como cortes de tecidos, formados por recortes de escritas e leituras de si, através das quais não somente se cantam, lamentam e reformulam o passado histórico e cicatrizes, mas também se reinventam e recriam modos de cultivo de si e do pensamento, tendo em vista o desejo da autorreflexão, autonomia e de reelaboração de si (nós) com suas vivências, como se denota em *Onde o espelho?*

*para minhas irmãs negras,*

Este cabelo que lhe vai liso sobre a carapinha  
é o simulacro infeliz do que não és.  
(Ao vestir-se com a pele do inimigo  
o que de ti silencia e se perde?  
quantos animais conheces  
que assim o fazem senão para reagir?)

Este cabelo pesa desfeito sobre sua carapinha.  
Veste-a como um manto impuro  
abafando o preto caracolado  
sobre-si dobrado:  
filosófico.

Os fios se endurecem como cavalos açoitados,  
e bradam de morbidez desta coração  
que te mascara branca.

Este cabelo requeimado e grotesco  
sepulta o que em ti há de mais belo.

A dobra também é uma forma  
de Ser.  
(SOUZA, 2015, p. 112).

Em um tom provocativo e quase pedagógico, um eu feminino negro dirige-se às suas irmãs negras chamando-lhes a atenção sobre o quanto o alisamento dos cabelos não só nega e invisibiliza a beleza que trazem quão mata e enterra o que têm de mais bonito e as constituem com uma das idiossincrasias de mulheres negras: os cabelos crespos. Já, em *OutrÁfricas*, uma voz poética, também feminina e negra, canta a afirmação de suas peculiaridades.

O Negrume de minha pele  
não dói na ponta dos meus dedos,  
não dói entre minhas pernas,  
nem nos joelhos.  
Não dói quando meu cabelo se dobra  
em cabelos crespos,  
não dói.  
Esta cor que fala antes de mim,  
que chega alastrando-se  
e a tudo contamina  
com seu cheiro salobro de outrÁfricas,  
em mim não dói.  
(SOUZA, 2015, p. 135)

A dupla cor e cabelo como símbolos de identidade negra (GOMES, 2002; 2003) aflora, nesses versos, como indicativos de um pertencimento que se quer feminino e negro referenciado por africanidades e decisão política. Não doem, para a voz poética feminina e negra, o negrume da pele e o dobrado dos cabelos crespos. Destarte, esses versos agenciam uma estética em favor de possíveis paradigmas de construção e mobilização de identidades (HALL, 2000), estereótipos e de rígidos papéis sociais auferidos às figuras femininas. Em busca da vida que, de modo magnífico, semelhante às águas, es-

correm, desmobilizando certezas, fixidez e verdades, flutuam, surpreendentemente, palavras (en) cantadas.

Poderosa, a voz enunciadora negra e feminina espera por “Antonio”. Aguardá-lo, outrossim, é inventá-lo com uma das marcas de negrume: cabelos crespos. Limitada, também comboia os ensinamentos do oceano.

Alcova

Meu corpo é todo sendas.

Nelas não caminho,

Tomo atalhos.

Afinal,

Pode o oceano beber-se todo em cada gota sua?

(SOUZA, 2015, p. 123)

Assim, águas, abrigadas em oceanos, mares, rios, correntezas e ondas, cumprem seu papel poético de perfilhar feições e vozes enunciadoras negras femininas que transitam entre o seu fortalecimento do pertencimento racial e de gênero, resistências e as suas vicissitudes, inerências e, por que não, fraquezas, ausências, cansaços, medos e silêncios. Empoderadas, sim, mas sem idealizações e mascaramentos de dores e aporias.

Os barcos

Amanheceu.

A meio mar, devoram a água macia

Com seus corpos de nada.

O sol já alto denuncia,

cela rede aberta à beira,

que não vou pescar.

O barco, feito raso,

é sussurrado pelas ondas que,

como putas entristecidas,

seduzem o cliente nenhum.

Não me levanto,

na embarcação empoleiram-se aves miúdas,

caçando o casco, bicando as bordas,

roendo no fundo os cheiros de maresia.

A rede adormece triste  
como os lençóis inúteis  
depois da passagem do amor:  
guardam, impregnados em sua carne, cheiros e  
substâncias  
como nódoas do que passou.

Hoje não há porque erguer-me,  
não há nada a se buscar no além-de-mim  
não há Eros que me devolva a fome e a sede,  
o mar, que eu pensava imenso,  
achou sem fim.

(SOUZA, 2011, p. 63)

Navegadas em barcos, embarcações e redes, “água macia” e “ondas como putas entristecidas” compõem a cena da voz poética que, performaticamente, se desvela feita de inércia, desalento e pequenez.

Mas o Rio, prenhe de negruras,  
ainda perfuma a noite, a juba, o silêncio  
das correntezas.

O rio, inolvidável, deixa até nas pedras  
o seu rastro.

(SOUZA, 2015, p. 45)

Como seres líricos, as águas agem, violenta e/ou silenciosamente, caminhando o seu percurso como “[...] Um rio não caminha só, ele atravessa: rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida [...]” (SOUZA, 2011, 29) na poética das águas de Lívia Natália. Cientes de sua força e magnitude tornam-se capazes, por vezes, de mudar vidas, destinos e sentimentos. Assim (des) continuam e deságuam quando necessário, provocando em leitores/as uma ânsia poética de trilharem convictos/as (ou quiçá com a esperança) de que “[...] a água devora tudo com seus dentes intangíveis” (SOUZA, 2011, 39).

As suas águas poéticas, feitas de correntezas e ondas avassaladoras ou até mesmo paradas, por um lado, nos arremessam a encontrar por vozes e corpos negros femininos de-

senhados e pintados com cores de amores e desamores, mas também de batalhas, poucas vezes vãs, e muitas, emergentes e emergenciais. Por outro, várias águas, igualmente, negras e femininas percorrem, em seus versos, como um curso de rios e mares, um imensurável canto ao belo, ao vivido e ao que está por vir imaginado e ainda inimaginável. Passeia também um elegante e abundante lirismo – com licença do pleonasma – que inunda, vagarosa e intensamente, o (a) leitor (a) de sentimentos, sentidos vários e de salutares inquietações.

## Águas Sagradas e Bravias em Poemas de Mel Adún

À noite eu serei água e você será fogo.  
E minhas águas não me trarão calma.  
(ADÚN, 2007, p. 153)

Águas não são recorrentes apenas em contos de Mel Adún publicados em volumes dos *Cadernos Negros*, da Editora Quilombhoje (SP), e na sua obra de literatura infantil *A lua cheia de vento* (Ogum's Toques Negros, 2015). Elas também passeiam em alguns de seus versos e títulos, igualmente presentes nesses *Cadernos* e na *Coletânea Poética Ogum's Toques Negros* (2014).

Denotam-se, em poemas, palavras e vozes em que sobre e com as águas, por vezes, antropofimizadas, se quer singulares e, decididamente, travestidas de eu (s) poéticos e autorais.

O leito do rio, quase seco,  
sussurra que já foi correnteza.  
(ADÚN, 2014, p. 149)

Uma voz alerta, poeticamente, mutações que atingem um rio, mas elas não são ocasionais. Ao contrário, tal dinamismo é uma das inerências do existir, não só dos humanos, mas também de segmentos e eventos da natureza, como o leito rio do poema, que, embora um depósito natural de água, ao sussurrar, adquire uma feição personificada forte, à qual um dia já foi correnteza.

A voz poética, metaforicamente, chama a atenção que tal asseveração sinalize que essa seja, inclusive, uma das contingências humanas e não tão somente de rios e mares que alojam ondas, correntezas e movimentos. Transformações

corporificam, igualmente, existências e caminhos reversos e adversos. Quiçá, isso indique que *òdun* e *òdu*<sup>31</sup> e experiências de vozes poéticas, ou não, se tangenciem e seus limites se apresentem tênues como, de modo semelhante, nos versos de *Tempestade - Para Marah Akin*.

Desaba com gosto de poder  
 Desaba céu  
 No meu Ilê,  
 Inunde o Aiyê.  
 Leve a tristeza que ficou,  
 Faça com que paguem  
 Cada falsa esperança que destilei.  
 Desaba que eu acho pouco,  
 Nos oris dos que amei.  
 Vou gritar pra quem quiser ouvir  
 Que perdi o rumo  
 O prumo  
 A vontade de sorrir.  
 Não bato mais pau pra maluco dançar,  
 Não brinco mais de amar!  
 Agô, realidade!  
 Chegou o dia  
 De acabar com a fantasia.  
 Parei de mentir.  
 (ADÚN, 2008, p. 92)

As águas, não tão calmas, vazam em forma de tempestade, ao longo do poema, com a atribuição de remodelar a voz enunciativa que se mostra forte e autorreflexiva. Assim, pede licença – *Agô* – às águas e as ordena a cumprir com as ações de purificar o *Aiyê* – o mundo que lhe circunda – e mudar o seu *òdu*. Além disso, cabe-lhes inundar a terra com outras realidades da voz enunciativa, a qual, sem fantasia, deseja construir outras verdades de si. Em um tom quase de desabafo e exaustão, tal voz decide não mais mentir para, com poder,

---

31 - *Òdun* e *òdu*, palavras de origem yoruba, que significam, respectivamente, ano, tempo e *caminho, destino*.

usufruir do possível “céu” que a tempestade jorrará em seu *ilê* – casa, terreiro, salão –, que poderá ser a sua morada ou até mesmo o seu *òkan*<sup>32</sup> ou o seu *ori*, e desabar outros caminhos e recomeços.

A Deusa *Òsum* é recursiva na poética das águas de Mel Adún, de igual modo àquelas de Lívia Natália. O seu poema *Omin* é também uma homenagem à ancestral *Òsun*. Saudar rios, enchentes, marés vazantes é captar o poder e a força dessa divindade e, ao mesmo tempo, cumprimentá-la, reconhecendo a sua magnitude e faceirice.

Sou enchente  
 Das águas profundas,  
 Escuras  
 Poço sem fundo  
 Fatal para os desavisados  
 Farta para os que com cuidado  
 Se agacham para pedir:  
 "sua benção, minha mãe!"  
 Ora rio  
 Yê yê o, rio  
 Ora yê yê ô, yalodê  
 Sou por vezes maré vazante  
 Com vontade de tirar tudo de dentro.  
 Os desatentos pensam que vou secar..  
 Mas é só o sol descer  
 Que volto a encher  
 Enchente, profunda, escura corpo  
 Fatal e farta  
 Sou água.  
 (ADÚN, 2008, p. 91)

Nesses versos, circula a voz poética que se confunde talvez com a voz de *Òsun*, ou ainda, talvez sejam uma só a voz poética e essa *lyalodê*<sup>33</sup> que se (auto) apresentam, simbólica-

32- *Òkan*, palavra de origem yoruba, que significa coração.

33- Significa um *alto título, líder entre as mulheres* na língua yoruba.

mente, personificadas como *Água. Omin*, a Deusa africano-brasileira das águas doces, é poderosa, mãe e, simultaneamente, um poço de águas, igualmente, perigosas e ainda uma maré vazante que exerce o poder de renovar sempre que se fizer necessário. Destarte, a voz poética, no “entre lugar” (BHABHA, 2003), metaforicamente, figura-se como uma iyalodê, desconstruindo imagens e traços que, porventura, lhe atribuam papéis que a associem à fragilidade e à fugacidade, apesar de, sem temor, apresentar-se fluida, mas, permanentemente, líquida: ora maré vazante ora de águas profundas.

*Sou água*: novamente a água é existência; é um ser construído, por isso afirmado e tornado. Reconhecer-se água é muito mais que um eu metafórico, inventado pela linguagem. É, com tal face, que se define disposta a se reinventar. Assim, como águas bravias e de cor escura, negando a sua natureza incolor, desnuda-se, alertando aos “desavisados” ou “desatentos”, ou, quiçá, teimosos e descrentes, a magnitude de seu poder e de sua força. Ao autodeclarar *Enchente, Omim* desfila poeticamente seus abundantes qualitativos: “fatal” e “farta”; “profunda” e “escura”. Esses traços são definidores de sua alteridade, mas também de (auto) identificação e de suas relações com outros/as. Novamente *Òsun* mostra-se plena, soberana e, por conseguinte, merecedora de honrarias, louvor, respeito e reconhecimento.

Ana Mafalda Leite, tal como Mel Adún e tantas outras autoras, também cria um eu lírico que se autodeclara rio e águas. Um rio lírico, que corre devagar, início de outros rios e do mundo, apresenta-se como origem da sua amada, que também é um rio e, ao mesmo tempo, navegação – barco – que a conduz. Apaixonado, o rio expõe seus desejos afetivos, inclusive o de inundar seu amor de beijos, fazendo a esquecer da gênese, percurso e destino de si (rio) e de outros rios.

## Rios Risos

todos os rios começam onde não há princípio  
e no meio das montanhas  
do cimo dos cumes  
da alvorada dos dias

estou no princípio de ti  
e sou um rio que te corre devagar  
e tu vais em mim como quem lembra e não posso  
deixar de te levar  
ouvi dizer que o princípio do tempo era o princípio  
do mundo

tenho o mundo inteiro correndo neste rio em que  
te sou barco e  
levo-te no tempo ao coração da água  
à alma do mundo à aura da terra  
acredita no caminho não onde vais chegar  
levam-te ternos laços de água e vento  
venho de onde as montanhas se erguem aos céus  
de onde os desígnios de deus se condensam  
com os do horizonte

como penso em ti levando-te como penso nos  
teus braços  
na água sonhando a nua transparência o prazer  
de ser inteira para o mundo para este rio que te  
inunda para  
este barco que te leva levitando  
levanto-te quero-te na sombra dos dias mais  
quentes deitada à  
beira-rio no meio do rio dançando a água dan-  
çando a luz  
flor te levo te trago amando  
com muitos beijos hei-de beijar tanto  
que palavras não tenha a dizer  
que os lábios foram feitos para muitos beijos e  
muito silêncio  
que os lábios foram feitos para beijar  
e hás-de estranhamente esquecer que rio corres  
ou onde vais

onde começam os rios e onde acabam os tempos  
apenas ser da água o som da água o sabor da  
água  
o riso do rio que corre levando-te  
flor do vento anémoma mandrágora  
(LEITE, 2011, p. 63-64)

lemojà desponta, do mesmo modo que Òsun, na poética das águas de Mel Adún, como uma Mãe Ancestral, que se desenha, convencionalmente, como protetora e cuidadora. O jogo da naturalização do tornar-se Mãe Divina, com rastros bastante tradicionais e construídos, adquire uma roupagem diferenciada, pois signos tecnológicos, da vida urbana e ou da contemporaneidade são inseridos nos versos do longo poema *Nas Águas*.

E é só porque a água...

Em tempos de falta de tempo  
venho pedir-te paciência,  
querendo aprender a ciência  
De se viver bem novamente.  
Na tela azul do PC da vida,  
quando o pau é geral  
e tudo trava,  
suplico-te em reboot imediato.

E é só porque a água sempre...  
Permita, que na batalha travada em mim

Eu saia soberana,  
bacana  
sem dramas.  
Que as culpas que nos cercam,  
(por não ser uma mãe tão presente, tolerante ou  
persistente)  
tuas ondas levem para o fundo do mar,  
lá onde poucos podem chegar.

E é só porque a água sempre se faz...  
pedindo de mãe para Mãe,

em meio ao engarrafamento de sentimentos,  
rogo-te,  
olhe por nossas meninas  
E meninos.

Quando necessário for  
sobre uma brisa do mar para desviá-los de algum  
mau caminho, desalinho,  
especialmente os que vivem sozinhos.

E é só porque a água sempre se faz caminho...  
Fazer um opload das angústias do dia.  
Jogar no balaio do esquecimento  
as dores, os tormentos,  
as filas de banco  
o trânsito lento  
e a eterna dúvida de  
qual será o mais saudável jantar.

E é só porque a água sempre se faz caminho que  
venho...

Faça-se presente em nossos Oris  
e quando na opacidade dos destinos,  
seja sempre o Teu azulado,  
esverdeado, cristalino  
para colorir e reverter  
o vai-e-vem dos dias.  
Vem e vai.

E é só porque a água sempre e faz caminho que  
venho a ti...

Vem e me leva no colo,  
a barra da Tua saia de conchas e pedras brilha-  
ntes,  
na eterna busca  
do rio pelo mar.

E é só porque a água sempre se faz caminho  
que venho a Ti, lemanjá,  
implorar para voltar a ser  
o peixe sagrado,  
filha do mistério e o do ouro.  
(ADÚN, 2012, p. 136-138)

Esse poema é um *Oriki* – canto, poema, salmo, ode – a quem uma mãe faz súplicas de proteção e ajuda a outra Mãe, de cores azulada, esverdeada e cristalina, mediante o enfrentamento de labutas, superficialmente, ordinárias e hodiernas. A Mãe d’água, paradigma a ser seguido na missão e vicissitudes de ser mãe, é uma venerável e honrada matriarca, nos versos, não pelos grandes feitos, mas pela sua presença atuante na vida da mãe enunciadora que é feita de pequenos atos, quase irrelevantes, insignificantes e, para alguns, até bestas ou ingênuos.

Apesar de, imaginariamente, os versos se apresentarem com simplicidade e em prol do afloramento do cotidiano, sentidos dados à água do mar remetem a uma grandeza inigualável: “a água se faz caminho”, ou seja, ela é caminho. Por, sobre e com ela, a voz materna quer andar e (re) conduzir sua vida. Neste sentido, é um cântico de recriação da existência, de mobilização de modos de estar no mundo e ainda de confiança à Mãe das águas salgadas e buscas “[...] do rio pelo mar.”.

O poema conclui-se com uma rogativa, inexoravelmente, marcante: o reencontro da mãe poética consigo mesma que se quer sagrada e é feita de águas doces e salgadas: “[...] venho a Ti, lemanjá, implorar para voltar a ser o peixe sagrado, filha do mistério e o do ouro”. Reconhecer-se “peixe” “sagrado”, em tal petição, indica a intensidade de sua plena fíducia à água, espiritualizada e, talvez, materializada em lemojá, que “[...] sempre se faz caminho [...]”. É a água salgada e sagrada que é caminho sobre o qual a mãe pode depositar suas demandas, pusilanimidades e andar sem temor.

Mediante tanta diversidade, negociação (HALL, 2003) e mobilidade identitária (SILVA, 2000) das águas poéticas, aqui postas, há ainda que considerar águas de chuva que circulam na poética de Mel Adún como em *Prenúncio*.

Era uma chuva fina  
com gotas pequenas  
que mal se faziam notar.

as águas se uniam.  
de gotejos  
virou enxurrada,  
virou rio,  
mas nada aplacava o fogo.  
Morreu afogada em suas lágrimas.  
ressuscitou chamas.  
(ADÚN, 2012, p. 133)

“Chuva fina é a que molha”, já assegura, há muito, a sabedoria popular. Ela não escoa nem cria riachos ou poças d’água. Às vezes, é passageira e isolada e, em outras, arrasta-se por horas e até dias. Caracteriza-se pela sua capacidade de penetrar na terra, umedecendo, pouco a pouco, o solo. E assim ela, paulatinamente, alimenta a terra e até muda movimentos e direção dos ventos. Sem barulho e sem a companhia de grandes ventanias, ela segue o seu curso, a cumprir sua função e, quiçá, sem querer, a atrapalhar ou a mudar andanças de transeuntes.

Nesse poema, uma voz observadora narra, em versos, a chegada faceira de uma chuva fina que, com gotas miúdas, quase invisíveis, taciturnamente, transforma-se em enxurrada. Transmuta-se, em vão, em rio, já que molhou a terra, mas não abrandou o fogo. Ainda assim, persiste o seu destino, nutrindo a terra onde o fogo se reinventa em chamas. Talvez tal voz, que olha a chuva que cai lá fora, queira provocar outras vozes, literárias ou não, a persistirem, tal como a chuva fina, a nutrir o chão da existência, pois onde não se rega pouco ou nada surge ou se inventa. E mais, quiçá, deseje instigá-las quanto às práticas de enfrentamento da solidão, tendo como paradigma a chuva fina com seus modos de se deitar na terra e cumprir seu ofício: lavrar o solo.

Águas salgadas e doces, finas, bravias e calmas, deste modo, ora humanizadas, ora divinizadas, invariável e incontavelmente, passeiam, na poética das águas de Mel Adún, com

perfis, tons e significações cambiantes e diversos, mobilizados por vivências, pertencimentos, ancestralidades, sonhos e desesperanças. Com sabores, colorações e formas, elas jorram como lugares e corpos de vozes enunciadoras femininas e forjam destinos e caminhos. Elas se travestem, pela linguagem literária, de imensuráveis possibilidades humanas e sagradas de tecer discursos líricos e inventar caminhos e sentidos para a existência.

## O Mar como Morada de Memórias Poéticas<sup>34</sup> de Rita Santana

À grima do amor, entanto, fogo não se ateia,  
Água não apaga,  
E esquecer não vinga.  
(SANTANA, 2006, p. 60)

Rios, mares, praias e orlas alojam lembranças, do mesmo modo, em textos literários de Rita Santana, publicados em seus livros *Tramela – Contos* (Fundação Casa de Jorge Amado, 2004); *Tratado das Veias – Poemas* (As Letras da Bahia, 2006); *Alforrias – Poemas*, (Editus, 2012); *Cortesarias* (Caramurê, 2019); e na *Antologia Mão Cheia – Contos e Poemas* (2005). Em poemas, presentes em *Tratado das Veias*, tais condensadores naturais de águas aparecem, com frequência, permeados por experiências socioculturais, psicológicas, emocionais e amorosas, como habitações efetivas de memórias, encontros, desabafos e até confissões de vozes poéticas femininas altivas.

Em *Mar*, uma voz poética feminina dialoga com o mar, em um tom solitário e quase desolador, e se apresenta, embora livre, à deriva, naufraga e sem ancoradouro.

Sou livre e voo com tuas águas,  
Enquanto o principado das conchas  
Anuncia seu lilás em máscaras,  
Serpente solidão, feita de ondas.

---

34- *Memórias Poéticas*, aqui, referem-se a modos de auto-constituição de autoras negras, atribuídas como *escritas de si*, conforme M. Foucault (1992), pois, através de poéticas de si (nós), cosem fios, fiapos e retalhos de memórias. Recriam remendos de recordações que se quer lembradas e desfazem trapos de ditos sobre si (nós) que as colocam subjugadas e subalternizadas. Com tais memórias, reinventam suas trajetórias e lembranças e auto-ficcionalizam, compreendendo-as como um *dizer de si* (nós) em meio a outros dizeres sobre elas.

Quero crer em castelos de areia,  
Para neles erguer as minhas pontes,  
Singrar meus rios, tecer minhas teias,  
Quem sabe, assim, terei horizontes.

Não tenho além de ti, bravio mar.  
Não sou sereia, senhora ou amante,  
Não tenho ancoradouro, nem barco,  
Não sou daqui. Nem vim doutro lugar,  
Sou náufraga no vazio da vazante,  
Flecha esquecida em busca do seu arco.  
(SANTANA, 2006, p. 67)

Descrente, sem barco e âncora, sem origem, passado ou destino, a voz feminina confessa ao mar sua solidão e desesperanças. O “mar bravio” é apenas o que lhe resta. Assim, o signo mar, além de nomear o poema, desfila, a um só tempo, nesses versos, como um *locus* de encontro da voz poética consigo mesma e como uma possível companhia para seguir e reinventar-se.

Com o auxílio da linguagem, a autora contravém postulações legítimas e hegemônicas sobre lugares de memórias. Para Jacques Le’Goff (1996), arquivos, memoriais, museus, bibliotecas são considerados, na maioria das vezes, como únicos e exclusivos espaços de arquivamento de lembranças, além de redimensionar os espaços de memórias que deixam de ser tão somente os hegemônicos, já citados. Outras arquiteturas, lugares e ambientes, inclusive naturais e virtuais, capazes de acolher instantes, cenas do cotidiano, retalhos do já vivido são apresentadas por Pierre Nora (1992), ao indicar possibilidades de moradas de memórias, para além das convencionais. Neste ínterim, também sentidos e sentimentos, movimentos, gestos, cores, datas comemorativas etc., para Michel Pollack (1989; 1992), conservam passados históricos e inventam a existência.

Esses múltiplos locais de preservação de histórias pessoais e sociais, certamente, favorecem a criação de memórias

individuais e coletivas referenciadas por Maurice HALBWACHS (2006), tornando os sujeitos imortais e memoráveis. Com elas, ainda, enunciam-se feitos (extra) ordinários e heroicos e se constroem identidades individuais e coletivas. Por elas, portanto, podemos voltar ao passado, revivê-lo, reinventando-o e, ao um só tempo, torná-lo presente para a coletividade. Pertinente, neste ínterim, trazer à tona os “Arquivos vivos”, ou seja, aquelas pessoas que Hampaté Bâ (1997) designou de “Memória”, “Tradição Viva”, bem como grupos que recriam e constroem memórias através da tradição oral.

Para se pensar sobre poéticas das águas das autoras em evidência neste livro, mais especificamente, em poemas de Rita Santana, talvez se torne oportuno compreender tal multiplicidade de lugares e probabilidades de memórias, pois as águas, além de títulos de poemas, circulam associadas à linguagem, como moradas de memórias. Assim o mar, as águas, a praia, a areia e tantos outros signos marítimos e aquáticos, presentes em algumas de suas poesias, aparecem como abrigos de esparsas e densas recordações.

A voz poética de *A praia*, de Rita Santana, à beira da praia, diante da imensidão do mar, lamenta, nos versos a seguir, a pequenez criatura que se tornara.

Os passos ficam na areia,  
e eu, transitória, passo.  
Transito dispersa, alheia,  
cansé-me, meu ser é lasso.  
Lancei minha rede ao mar,  
E ela rasgou-se na âncora.  
Do rasgo que a sede dá.  
O mar não enche uma ânfora.  
Quero morar numa concha.  
Sem sustos de imensidade.  
Na juventude, quis tudo!  
O mundo deu-me a saudade.  
Pequena, diante das águas,

eu penso no quanto sou triste,  
eu trago trouxa de mágoas,  
meu sonho não mais existe.  
Aqui, à beira do mar,  
recordo a mulher que fui:  
doei-me ao Amor e ao Amar,  
perdi o esplendor e a luz.  
(SANTANA, 2006, p. 17)

A praia torna-se um espelho d'água de uma voz feminina que reflete sua face marcada por correntezas e tempestades enfrentadas para nela chegar ou, talvez, colocar-se a caminho do outro lado. É ainda uma espécie de máquina do tempo com a qual anda pela areia e fica à deriva dela mesma, rememorando transitoriedades e destecendo-se. Parece, inclusive, um divã terapêutico em que se permite desaguar seu curso de vida e escorrer as ondas bravias e insossas de sua existência para, talvez, encontrar uma concha, à beira do mar, para abraçar-se e suas lembranças guardar.

A voz feminina pensa, diante das águas, sobre sua dedicação ao amor e ao seu amado como um escrever de si para si, marcada por cansaço, desencanto e mágoas. Como práticas discursivas, suas memórias se forjam afastadas de linearidades e totalidades, mas adjacentes de fragmentações e lembranças de circunstâncias que lhe arrebataram o direito de sonhar. Desiludida, já sem sonhos e sem ânimo, restam-lhe saudades, tristeza e mágoas. Mas talvez lhe reste também um fiapo de esperança: morar no recôndito de uma concha, sem o incômodo de exposições.

Em *Catares*, concha, praia, mar e areia reaparecem como territórios e alojamentos do vivido e de memórias.

Catei conchas na praia,  
Deixei-as ali na areia.  
Preguiça de carregar pedras e falanges de cores.  
Arrependi-me e veio coisa de saudade,

Vontade de ir buscá-las, as conchas e as pedras.  
Anteontem o mar, de carrego, levou tudo.  
Resta eu aqui com meu homem velho,  
Aprendendo desaprenderes de ciranda,  
Fazendo de tudo pra o amor dar certo,  
Desafiando o pano de crochê,  
Querendo virar princesa dele.  
O vento perfuma de silêncio o quarto.  
A rede dança serenidade  
E palafitas enfiadas em meus olhos,  
Fazem moradia de vontades  
(SANTANA, 2006, p. 41)

Como moradias, as conchas, novamente, desfilam, nos versos, permeadas por venturas, desventuras e alicerces em que se constituiu a voz poética. A voz, movida, aparentemente, pela preguiça, leva apenas suas memórias, mas é possível que seja melhor e mais prudente para deixá-las na praia com as pedras, pois nelas guardam-se o vivido, recordações e lembranças. Novamente o mar cumpre o seu destino de levar para longe tudo o que vivera e deixara na praia. Sem conchas e sem pedras, por preguiça, ou talvez, por não desejar carregar consigo vicissitudes, eventos e cenas da sua existência, ela segue destecendo-se e reinventando-se.

Em *Catares* e, igualmente, no poema *Praia*, resta às vozes enunciadoras a saudade do vivido, impossível de ser revivido, mas passível de invenção e de recriação pela linguagem. Restam-lhes também suas vontades de reconstruir aquilo que, movido por sonhos e desejos, parece eterno e perene, mas é tão efêmero e fugaz quanto o existir.

Em *Capulanas*, de Sónia Sultuane<sup>35</sup>, um eu de enunciação feminino mostra a sua decisão por deixar no mar seu

---

35- É natural de Maputo, membro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). É artista plástica com participações individuais e coletivas nacionais e internacionais. Publicou os seguintes livros de poesias: *Sonhos*, Poesia (2001); *Imaginar o Poetizado*, Poesia (2006); *No Colo da Lua* (2009); e *Roda das Encantações*, Poesia (2016; 2018).

“baú” para buscar sua libertação de práticas e tradições que lhe aprisionam e lhe impedem outros voos mais longe e preservar seus sonhos como mulher.

Amarro a vida aos nós do embalo de bebé  
coso a minha fé com as linhas da mão.

atiro ao mar as sete chaves do baú  
das capulanas já escolhidas  
pois ainda quero voar distante

guardo os ensinamentos da minha avó  
na alfofa esquecida da adolescência  
cubro-me como o manto da poesia  
para que meus sonhos de infância não sejam  
roubados.

(SULTUANE, 2009, p. 71)

Aqui o mar é o guardador das chaves do baú onde abriga memórias e ensinamentos que, ao longo do tempo, também se transmutam em memórias. Lá estão as “sete chaves do baú” apenas, pois o vivido e as aprendizagens acompanharão a voz da enunciação.

As capulanas, como elementos do vestuário feminino tradicional de Moçambique e de outras regiões do continente africano, simbolizam um modo circunstanciado e construído de ser e estar de mulheres africanas. Assim o sujeito poético as reconhece como parte de um passado importante, reverberado no presente, logo não deve ser desprezado ou abandonado e sim guardado no mar. Também transportes marítimos, como barco, em *Mar*, e navios, em *Entrega*, compõem figurações poéticas de Rita Santana como elementos de constituição de memórias de suas vozes enunciadoras, semelhante aos versos de *Capulanas*.

Afundo meus navios  
Olhando o quanto sou fogueira de velas muitas.  
Marca na testa é sinal de deusa Musa.  
Limpo o chão da casa de meus súditos,

Colho as ervas finas do dia,  
Ancoro repolhos no molho branco,  
E digo não, quando quero.  
Ademais, quem disse que eu presto?  
Protesto demais pra uma coisa fêmea  
Memória me diz:  
*Lugar de mulher é no silêncio,  
Tormentas, é o homem quem sofre.*  
Estou em cada comboio de gente que busca  
alento em lugar,  
Arreio em comarcas, o meu assombro  
Dessa lida de malas abarrotadas de pedras.  
Minha mãe nem sabe da minha sina.  
Vontade sinto de cortar caminhos  
Por onde passa esse rio vermelho.  
Cansei-me, há muito, de ser,  
Só trago continuísmos de lesmas.  
Recuso-me a dormir calada,  
Alada, voaria até o sol para derreter-me as asas.  
(SANTANA, 2006, p. 55)

Nesse poema, uma Deusa Musa, ao rememorar, naufraga seus navios ao se observar e a pensar sobre si. Lembra-se de tempos e situações em que forjou o seu direito à voz, mas também de quando foi silenciada e lembrada de que, possivelmente, deve cumprir a mesma sina de sua mãe. Apesar de exausta e sem ânimo, ela se predispõe a com outros (as) a buscar descanso e alento.

Cansada de ser, semelhante à voz de *Praia*, e de buscar um “não lugar”, aqui compreendido como Marc Auge (1994; 2006) e Michel de Certeau (1998), de mulher, a voz de *Entrega*, airoso, teimosamente, apesar de exaurida, recusa-se a estar em lugares que lhe são atribuídos: os da subserviência, passividade e servilismo. Esvoaçada, resiste à rotina de dominação e põe-se a sonhar com o seu apoderamento da liberdade.

Além de barco, navios, também em uma *nave idílica de homeros homens de barro*, uma voz feminina negra, dona do

seu desejo, segue. Senhora de si, com marcas de sexismos tatuadas em seu “busto empinado” e em seu corpo “robusto”, a voz faz de seu corpo um texto que, a um só tempo, inscreve, interpreta, significa e é significado, circunstanciado como morada, caminho e sentidos de memórias, tal como assevera Leda Martins (2006, p. 84), ao tratar de memórias.

Jardim

[...]

Acreditas acaso, que te amo sem temor nem perdas?

Acreditas na maldita sina-serpente

Que faz de mim

Um arrastar eterno de sonhos e dores?

Bebo dos tais cristais fellinianos,

E vou na nave idílica dos homeros homens de barro,

Lá vou eu, na nave, persona negra de perfil robusto,

Busto empinado, dona do meu desejo,

Inda que doado aos deuses abutres,

Inda que domado por chicotes de cabras machos,

Inda que cedido,

Inda que cansado,

Inda que trêmulo,

Inda assim:

Dona do meu desejo, dona do meu desejo.

Dona de minhas asas.

(SANTANA, 2006, p. 63-64)

O corpo, mais uma vez, cumpre o seu papel de guardar desejos e vivências e não tão somente as marcas de vivências e de um tempo próximo e distante que se foi. Como “corpo-memória”, ele emana sentimentos, soberanias e exhibe fagulhas de dores, medos e sonhos, e não apenas sons, ritmos, sinais e pulsações. Assim, “[...] torna-se possível se dizer que o corpo se constitui em texto, por onde transitam experiências e narrativas encarnadas [...]” (ANTONACCI, 2015, p. 62).

Ser dona de si é recorrente nas vozes femininas das poéticas de Rita Santana. Sozinhas (muitas vezes, por decisão e, poucas, por abandono), sem esperanças, mostram-se dispostas a recomeçar e a (re) desfazer o caminho, se necessário for. Agueridas, algumas, outras, cansadas, persistem em se tornar senhoras de si.

#### Perdição

Permita que a respiração tome conta do vinho  
Enquanto eu beijo a linha do teu lábio,  
Alinhavo adornos para o meu corpo parecer  
Menos perecível, menos afetado pelas horas.

Quando a embriaguez afetar os meus sentidos,  
Hei de cometer desmaios em minha carne,  
Desmaio de sorriso, de epiderme, de que que, em mim,  
Pode ser mortal, finito.

Depois é resto lento, ensopado de sopros, suspiros  
E pingos de ira adormecida.  
O meu maior milagre é sobreviver ao inferno do fim,  
Do ido, mesmo que dóida e doida.

Permita a marmita na precisa hora em que a fome surja.  
Preparo temperos para teu descaso sério,  
Teço bordados, franjas babados  
Para que teu ouvido ausculte o meu mistério de gata parida.

Mas nem o vinho tinto, de uvas pretas, de pés suados,  
Nem o vinho divinizado pelos filhos do filho de Deus  
Pode abrandar minhas maleitas de amor,  
Pois que morro em febre, em desânimos,  
Pois que trago sonhos de donzela, sendo eu tão puta,

Tão acometida por miragens de rainha inculta e bela.

Quero a voragem do esquecimento para o meu consolo,

A volição necessária para ser senhora.

Quero esquecer de mim por instantezinhos de nada,

E aparecer em canto onde eu caiba, onde eu saiba a felicidade.

Aprender a alegria, pois que tanto só sangro.

Permita que eu me derrame na boca da tua garrafa,

E o mar me engula pra outros destinos.

(SANTANA, 2006, p. 90-91)

Donzela, puta e desanimada, com aparência de rainha inculta e bela, nesse poema, a voz feminina deseja esquecer de si para alçar outros voos. Como peculiaridade da memória, o esquecimento aparece, nesses versos, tal como clama o sujeito poético, também feminino, de *Nas Águas*, de Mel Adún, como sua escolha para seguir. Há de se deixar no passado para ir adiante. Esse discernimento é realizado pelo discurso poético, o qual se constitui por lembranças e esquecimentos que ele organiza, uma vez que a memória é seletiva e organizativa, resultando de processos de negociação, tal como assegura Mônica Smolka (2000). Ademais, ao lembrar, ela não apenas rememora cenas e eventos, que ela quer lembrados no presente, mas também abandona o que ela deseja olvido, pois, de acordo com Pierre Nora,

[...] A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente

[...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas transferências, cenas, censura ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 9)

O ato de recordar para a “puta rainha”, nessa direção, é narrar cisões de si, por ela provocadas, revitalizando o que lhe interessa no presente e trançando esparsas recordações, aparentemente lineares, mas que são tão somente ocasionais e cortantes lembranças. Constitui, ainda, para ela, ao ser arrebatada pelo mar e levada a outros *òdu*, a oportunidade de se reinventar, eternizando o presente e distanciando-se daquilo que sangra.

Rememorar, nas, por e com as águas, em memórias poéticas de Rita Santana, é uma prática discursiva de instituição de sujeitos femininos emancipados. É, performaticamente, uma sinalização de críveis deslocamentos de vozes subjogadas e reversão de cenas de subalternidades, próximo do que discutem Walter Mignolo (2002) e Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e negação de si. É, por conseguinte, contrariamente, imagináveis chances de se mostrarem cansadas e, quiçá frágeis, como, inerentemente, são as pessoas, mas não por isso inertes, silenciadas ou inferiores.

Tais águas-palavras, pois, apresentam-se à disposição de um discurso em que traços que indiquem passividade e sujeição sejam contestados e negociados. Possibilitam, outrossim, adesão e pertencimento, permitindo construções afirmativas de si e apagamento de vozes, imagens, memórias e discursividades em que predominem significados depreciativos atribuídos às figuras femininas.



## Chuvas Finas e Torrenciais em Poéticas das Águas daqui e lá

Estou em romaria. Perenal.  
Sob a pele de chuva do meu amor.  
Sob a pele de estrela peregrina.  
(PASSOS, 2011, p, 72)

Águas de chuvas estão, recorrentemente, presentes no imaginário poético de escritoras negras aqui no Brasil e em países africanos de língua portuguesa, apresentando-se, ora, distintamente, ora se interseccionam em sentidos a elas atribuídos.

Na poética de Lita Passos, predominantemente, encontramos, por exemplo, sensações confortantes e também provocadoras, onde as águas de chuvas, rios e mares encenam-se inter-relacionadas aos múltiplos afetos e lembranças.

Em sua poética, apresentam-se águas dos rios, do mar e, também, das chuvas, através das quais, associadas às lembranças e ao contato com a natureza, se constroem a sua textualidade literária. As águas e seus modos naturais de armazenamento e aparição, portanto, são recursivos.

Estranhas imagens

Pudera eu contar esta história...

Mas é tão longa... tão infinita...

Vem das raízes,  
da primeira seiva da terra.

Face prateada pelos reflexos do sol...

Lua cheia em pele de mares...

como a claridade da lua, ainda lembro.

A beleza da imagem daquele corpo  
aceso.

(PASSOS, 2011, p. 27)

Em sua obra *Rosário de Lembranças*, Poemas, publicado em 2011, dos cento e nove poemas, seis deles têm signos aquáticos em seus títulos. No seu livro *Olhos D'Água*, Poemas (2015), já no seu título, remete a pensar sobre a arte poética semelhante à água nascente pequenina, leve e delicada que tudo vê e segue a amplidão do seu leito, onde vaza e navega em busca do mar. Nele as águas das correntezas e redemoinhos têm destinos distintos. A obra é composta por oitenta e sete poemas e tem *água* e *mar* em dois títulos. Nela, são recorrentes signos como água, que aparece em treze poemas; chuvas, em oito; mar, em quatro; e rio, também em quatro poemas.

Necessário ainda se faz sinalizar a presença, em versos, de outros armazenadores naturais de água como lagoa, poço e olho d'água, bem como das lágrimas, gotas d'água, que transitam em seus títulos e versos. Ademais, diversas águas, neste livro, são encenadas *pari passu* com significante como olho.

Tornar-se poeta e fazer poesia, com recordações da infância e elementos da natureza, são temas constantes em tessituras de Lita Passos. Em *A Palavra*, por exemplo, a voz torna público, de modo metafórico, a função social e a grandeza da palavra poética que se apresenta campesina.

A palavra é semente  
Depositada na poeira cósmica dos sentimentos.  
A palavra é floresta  
Sombreado com magia o amor,  
palavra que resta na força da poesia.  
A palavra é algodão  
Nuvem de flores brancas o segredo  
Em suave procissão.  
A palavra é fruto  
Colheita madura  
Dissolvendo na alma  
De toda criatura.  
Alimento primeiro  
Neste precioso engenho da natureza.

A palavra é lâmina e silêncio  
Nave fiel que me conduz  
Quando me vejo e nela me salvo neste rio de luz  
Que me liga ao tempo.  
(PASSOS, 2005, p. 56)

O sujeito enunciador garante que a poesia poderá surgir da palavra e dos sentimentos. Através desse material de trabalho, sobretudo da palavra, o poeta poderá conduzir a nave, que é a própria existência, que ora está em turbulência, a ponto de exigir luta, figurada na lâmina, ora está em calma, em estado de silêncio.

A poesia de Lita Passos, neste sentido, nos permite pensar que, na escrita, ela constrói sentidos para viver e, simultaneamente, com a própria vida, desenha significações para a sua palavra poética. Escrever e viver são ações indissociáveis, como é recorrente entre as autoras negras, pois a vida é um nutriente da escrita e vice-versa, já que escrever é a própria vida e viver é escrever. É a experiência da “escrivência” asseverada por Conceição Evaristo. Assim, viver torna-se uma arte e, a um só tempo, uma labuta, asseguram os seus poemas.

Clã destino  
De onde vem este rio  
de clã destino luzidio?  
Água, peixe, frutas e flor  
cheiro de índio, luz e sabor?  
Clandestino rio que encontro  
A desatar nosso destino  
Será teu destino o meu clã?  
De onde vem este rio  
vadio  
segredo de encontro sagrado?  
Guardas o mel e o sal  
Do abraço da natureza divina  
Desta delicada alquimia

de preciosa mistura fina.  
(PASSOS, 2005, p. 60)

Com experimentação da palavra, o poema sinaliza um jogo verbal, operando um trocadilho entre significados e significantes. Cladestinamente, o fluxo das águas do rio apresenta-se com duplo sabor, sem identidades fixas ou isoladas, mas com açõs marcantes. À procura das origens do rio, o sujeito enunciador mostra que conhece o seu presente e as suas marcas de identificação. Nele encontram-se sabores díspares, mas que misturados produzem surpreendentes e raras transmutações.

Denotam-se, nesses e em outros versos, cantos à poesia, ao passado, à existência e à natureza. Essa é exaltada em tudo que há de pequeno e grande. Sobressai um olhar contemplativo da natureza, de signos e do mundo que lhe circunda. Por esses cantos-poemas entrelaçam-se lembranças e memórias que, eternizam pessoas e passados.

Néctar da memória  
Para Luciano Passos, 04.05.2006

No espaço onde águas são estrelas  
onde cortejos de carneiros são céus,  
tua memória é bailarina em mim.

Na flor do meu coração,  
o néctar é tua estranha doce presença.  
Tua eternidade. Tua luz.

Deus bailarino.  
Pássaro.

No espaço onde florestas e bichos pairam,  
flores e seres imaginários matizam,  
tua memória é cuidada,  
no fogo que arde em mim.  
(PASSOS, 2011, p. 120)

Nesses versos, a memória é personificada como uma bailarina que se sintoniza com um Deus bailarino e pássaro.

Essas alegorias magníficas e singulares adornam os fios (néctares) de memória que se situam em espaços de águas travestidas em estrelas. Entre néctares de estranha presença, a voz poética e também a autoral celebram a memória em espaços naturais diversos e com seres não terrestres, aguçando a imaginação, sentidos e sensações.

Voz da memória

A doce chuva da voz infantil  
Bate nos vitrais da saudade

É preciso partir  
Abandonar os fantasmas da memória

Pelos meus dedos de pétalas  
escorre o orvalho das idades  
Eu bebo a água da chuva  
molho o coração no riacho

despeço da noite vazia  
digo adeus em explosão

Do meu canto de flor  
em ciclo de renovação.  
(PASSOS, 2011, p. 42)

A memória circula, nesses versos, amparada por lembranças da infância. O barulho das águas doces da chuva, a bater nos vidros das janelas, revolve a memória afetiva da voz poética, tornando-a ciente da necessidade de partir para se reinventar. Ecoa uma voz saudosa, desde o título, não simplesmente para trazer à tona recordações, mas para sonhar e traçar um novo porvir, acompanhada água adocicada da chuva. Em trânsito afetivo e político, ela deixa ir o passado, pois, semelhante ao tempo, o vivido, inevitavelmente, vai e se esvai, escorrendo, no presente, apenas esparsos e saudosos orvalhos de lembranças. Assim sendo, mesmo que, na esfera do desejo, com um tom memorialístico, ela se mostra decidida a se renovar e a seguir por outras andanças.

Em *Cor da infância*, novamente, a infância aparece imbricada com memórias que sinalizam experiências pueris. Nessas, a chuva e seus correlatos fazem parte de marcas temporais do há muito vivido pelo sujeito poético.

Bambolê da chuva  
o arco-íris. Cintura  
multicolor do sol. Verde.

Lajedo de algodão  
Peixe galopando  
nuvem. O azul.

Cabelos dourados  
do vento. Franja  
Das águas. Amarelo.

Lua em vertigem  
sangrando eclipse.  
Dança do sol. Vermelho.

Floresta do tempo,  
Paisagem selvagem  
do céu. Branco.

Pássaro em segredo.  
Canto das cores.  
Voz do abismo. Negro.

Velas nas águas.  
Pergaminho.  
Matiz do sol. Lilás.  
(PASSOS, 2011, p. 53)

O contar de si da voz enunciadora se redesenha, nesses versos, com traços de lembranças pautadas na liberdade e na diversidade, traçada pelas multicores do arco-íris e pelo bailado da chuva. Como inerente ao ato de lembrar (POLLACK, 1989), imerge no passado, esquecendo e/ou revogando reminiscências que pouco colaboram com recriações de si.

Em *Dança do olhar*, águas de chuva participam do ato de olhar o infundável e são, metaforicamente, relacionadas às

diversas ações humanas e da natureza. Nesse sentido, no poema, o modo como águas de enxurradas enchem rios se assemelha a olhar o interminável.

Olhar o infinito  
É como caminhar  
Na tênue trilha do teu olhar  
Como seguir o canto do pássaro  
Desenhando no espaço  
Súbitas imagens imaginárias  
Flores insólitas e roseiras  
Como pisar suavemente  
Na superfície das águas  
Percorrer o ponto único  
De tua retina  
E nunca encontrar  
Como uma mandala, girassol  
Girando, girando  
Sem nunca chegar ao fim  
Como as águas do minadouro  
Enchendo e renovando os rios  
Sempre um caminho novo  
Um novo olhar..  
(PASSOS, 2011, p. 53)

Águas, que transbordam em minadouros, cumprem, juntamente com outros elementos da natureza, com seu papel de indicar novos caminhos de forjar um novo olhar e possibilidades de (re) existência. Neste sentido, olhar o inacessível ou inacabado é, permanentemente, inolvidável.

Em *Sinto sede*, Lita Passos cria um eu poético que assume a voz de quem quer cultivar-se em interação com (águas) de fontes que lhe permitam saciar sua sede de existência e de seus sentidos, lembrar e, ao mesmo tempo, tecer suas memórias e palavras poéticas.

Hoje, como quem sente sede,  
vivo esmiuçando a memória.  
Abrindo uma fonte, mais uma,

vivo escavando meus mistérios.  
 Hoje, como quem germina e flora,  
 vivo arando jardim, cavando história.  
 Regando semente, bebendo a sede,  
 vivo plantada, germinando em mim.  
 Hoje, como se fora flor de fonte  
 Vivo o fustigado fundo do mundo  
 Flechando amiúde o horizonte  
 Vivo buscando a canção inicial de tudo.  
 (PASSOS, 2007)

Por esses versos, uma voz faz o trabalho de cuidar da auto-percepção em diálogo com a natureza. Seu desejo não é simplesmente procurar origens remotas de si e seus discursos, mas compreender em que se tornara. Em liberdade, ela busca nas memórias saciar a sua sede: instituir-se. Em *Chuva de girassóis*, o fluxo das águas de chuvas reaparece composto a toalha de retalhos de recordações do eu poético com o mesmo intuito.

Chove luz na consciência  
 e minha essência líquida  
 è fonte azul leve  
 compreensão de toda ciência.  
 Tudo é claro querer.  
 tudo é clarim do saber.  
 Um rio de suavidade  
 água divina do meu ser.  
 Chove ouro dentro de mim.  
 A lua branca do pensamento  
 derrama do alto  
 os girassóis da vontade.  
 a alma intensiva de vida acolhe meu mistério  
 correnteza submersa do ser.  
 Recordação longe e antiga  
 de onde vem tudo quanto  
 encontro  
 farol abstrato do meu viver.  
 (PASSOS, 2005, p. 51)

Esparsas lembranças reunidas lhe garantem reencontro com o seu passado e consigo mesma. Congregadas impulsionam e reinstituem o seu existir. Como canto à existência coletiva, também Ana Paula Tavares, em *A chuva*, põe em relevo a chuva, ao imaginar, poeticamente, a origem do universo.

TALVEZ O PRINCÍPIO fosse a chuva assim descendo sobre a terra para cobrir a lama fértil e cogumelos. A chuva costuma anunciar-se de longe e avança sobre a distância ligando o chão gretado da seca e dos tempos. A chuva sara o próprio ar e é mãe, pai, tecto, templo para todos os viventes grandes e pequenos. Cai sobre a terra ávida vinda não se sabe bem de onde e lambe-lhe as cicatrizes até criar vida de novo a cada ciclo de vento e terra.

De onde eu venho a chuva usa uma voz fininha para falar uma língua de sopros, rente-ao chão e faz crescer com a lava dessa voz o mundo em volta. Os miúdos aprendem cedo a conhecer os sons da fala, a forma como muda na dobra do vento. Bebem dela a ciência da sede e esticam as asas sob a sua cortina de pérolas. (TAVARES, 2011, p. 238)

Além de título do poema, em prosa, a chuva é, simultaneamente, humana, fenômeno e patrimônio material e imaterial partícipe da criação da terra. Como uma imagem fílmica, o sujeito poético descreve, quase lembrando, a sua protuberância no cenário de tal invenção.

Como já vimos em tantas outras poéticas, águas dançam, cantam, pulsam, acolhem, repulsam... Destarte, ao seguir o fluxo de suas águas, a chuva, nesse poema, também se personifica e é lembrada. Dessa vez ela é falante, tendo uma voz fininha, aparentemente frágil, através da qual emana a energia e a seiva necessárias para o desenvolvimento de arbustos. E ainda, com ela, pequenos aprendem a falar e a viver.

Memórias poéticas individuais e coletivas são tecidas e, se necessário, destecidas nesses poemas. Evidenciam-se fios de memórias que remetem, não tão somente a um eu-para-si, mas também a um nós – a uma memória coletiva – (HALBWA-CHS, 2006), costurando outras narrativas, entrelaçadas pelos eu (s) referenciais, poéticos e coletivos, tais quais denominam Kátia Bezerra ao fazer análise da escrita literária de autoras afro-brasileiras e afro-americanas (BEZERRA, 2007).

A intensidade da memória afetiva perpassa a poética de Lita Passos e Ana Paula Tavares transbordada pelas águas das chuvas. Em gotas de orvalho, neblinas, enxurradas, tempestades, minadouros e enchentes, elas ora chegam, tranquila e sorrateiramente, ora violenta e repentinamente. Personificadas ou como signos salientes, elas preenchem a vida sempre que desabam generosamente por cima da terra ou desaguam em telhados, rios e mares, permitindo recomeços e reinvenções.

Ana Mafalda Leite, em *Estações das chuvas*, apresenta uma voz testemunha de tempos chuvosos. Embriagada pela flora que se transmuta nessa estação, ela descreve, com encanto, um cenário multicolorido.

por magia chama acende-se  
 jogos escondidos a boca em lume  
 um fruto vermelho o seu coração ecoa  
  
 ao entardecer os animais sentem esse abrupto  
 levantar da lua  
  
 ainda canto baixinho na sombra  
  
 entrego-me aos braços das árvores descubro o  
 rosto das  
 buganvílias entrelaçado em mãos de amarelos gi-  
 rassóis lançados  
 pela varanda ao vento  
 escondo o rosto nas mãos  
 vibra-me agora nos braços a violência

encantada das trovoadas desenhando raios e relâmpagos de prata  
sopra-me no coração uma girândola em festa  
cresce uma sombra  
que recorta espadas de luz colares flamejantes  
em circo

a cabeça do crepúsculo espreita assim o chegar  
lento da chuva

é nesse tempo sem nunca que a respiração húmida da terra nos  
chama  
e nos embriaga de morna lassidão  
(LEITE, 2005, p. 154)

Esses versos livres e com ausência de sinais de pontuação desfilam, tal como a chegada lenta das chuvas finas, pausada e harmoniosamente. Cantam, sem sofreguidão, a força avassaladora das águas de chuvas que chegam acompanhadas de raios, relâmpagos e trovões e, enigmaticamente, embebedam a terra, nutrindo-a e inebriando seres de fadiga ou moleza.

As chuvas entoadas remetem-se ao presente para impulsionar e embelezar o futuro, diferentemente, daquelas cantadas por Lita Passos e Ana Paula Tavares, que relembram afetivamente as águas das chuvas de outros tempos para se reencontrar ou, quiçá, inscrever-se em vindouros. As águas de *Estação* apontam outros cenários, sugerindo novas vivências e sentimentos.

Ao versar sobre a solidão, em *Chuva*, Lita Passos utiliza-se, igualmente, de signos como orvalho, chuva e águas de rio para compor o universo poético de quem quer e, em vão, se preparar ao amor. Em certa medida, a voz enunciadora também manifesta o seu desejo do porvir, semelhante à de *Estação*.

Bocejo com águas de rio  
E incenso a alma com neblina

Abro a concha do cio  
E me visto de resina

Deito em pétalas de orvalho  
 Colho gotas de luz do telhado  
 No leito, a solidão agita  
 Seu chocalho.  
 (PASSOS, 2011, p. 114)

Na cama, o eu lírico escuta o barulho das gotas de orvalho que molham, pouco a pouco, o telhado e acompanha os movimentos da neblina na expectativa, sem sucesso, da chegada ou do encontro. Sobram-lhe, entretanto, o permanecer sozinha e a agonia advinda da solidão.

Em *Saudade*, de Nilzete Monteiro<sup>36</sup>, semelhante aos versos de *Chuva*, também a chuva aparece, mas acompanhada da saudade. Ambas se confluem e se interseccionam, ao produzirem sons e sentimentos parecidos entre si. À voz enunciativa também resta a solidão de um quarto espaçoso, vazio e a saudade lembrada e fortalecida pelo barulho da chuva que lá fora cai, como resíduo de memórias.

A chuva cai lá fora  
 é tão forte,  
 melodiosa,  
 ensurdecadora e frenética,  
 que se perdeu o tic-tac  
 do morrer das gotas  
 no zinco da cubata;  
 No quarto,  
 ecoa o som da saudade  
 e se perdeu  
 a noção de espaço.  
 O quarto  
 Hoje,  
 é enorme e vazio;  
 A cama é um mundo,  
 coberto pela imensidão dos  
 lençóis...

36- Nilzete Monteiro nasceu em Nampula-Moçambique onde vive atualmente. Publicou, em 2010, o livro *50 Poemas da Nilzete*, pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO).

Enfim  
só ficou saudades!  
(MONTEIRO, 2010, p. 19)

Em ambos os poemas, estar sozinhas, para as vozes desses poemas, não resulta de escolhas por vida privada e individualizada, ou seja, não parece ser uma ação voluntária ou escolha pela independência da solidão. Ao contrário, em certa medida, tal circunstância aparenta ter sido imposta e contingenciada pela relação com o outro ausente e ou inexistente. Nesta perspectiva, permanecer sozinhas, por conseguinte, parece pouco se aproximar ou nada ter de ontológico, ou seja, parte da essência da existência e busca da “co-presença” (HEIDEGGER, 2007), ou sociológico, isto é, a solidão como uma situação voluntária ou imposta pelas condições a que o sujeito se submeta na relação com o outro (SIQUEIRA, 2016) ou, ainda, pelos fatores relacionados ao pertencimento e à construção de identidades (BAUMAN, 2005). Neste ínterim, estar sozinha parece sinalização de desejos não realizados: viver a alteridade; estar com o outro, nos versos de Lita Passos; ou ter alguém que se foi de volta, como nos de Nilzete Monteiro.

Em versos de Nilzete também são entoados cantos em que perfilham chuvas torrenciais e seus efeitos avassaladores de tempestades e enchentes. Em *Lágrimas de chuva*, uma voz desesperada, mediante as chuvas torrenciais, clama a Deus, mas também narra, poeticamente, os desastres por elas causados. Com um tom dramático e metafórico, ela descreve, tão incisivamente, que parece as águas da chuva e suas consequências se referirem aos inúmeros desafetos, agonias e amarguras que assolam sua vida e as de quem lhe circunda.

Palavras não encontro  
que te mostrem que te tenho ao colo.  
Ouço teu grito de dor,  
sinto-o, nesta desgraçada vida  
que mais parece a morte....

Uma lenta morte  
que nos destrói como a lepra  
[...]  
Chuva de lágrimas e morte...  
As correntes de água,  
arrastam toda uma vida:  
-Pratos,  
panelas,  
pilões,  
peneiras,  
alimentos,  
[...]  
Nestes dias em que a chuva cai betume,  
trazendo rios de lágrimas  
o rosto do meu povo  
Que já não brilha  
como o sol nascente!  
[...]  
Onde estás Deus?  
esta chuva deixa nos corações  
brechas sangrentas  
como as crateras que se abrem neste chão.  
Este chão, que outrora fora firme.  
Agora, não mais sei onde piso!  
Existe um abismo entre hoje e o ontem,  
Uma ilha é o que sobrou deste chão.  
[...]  
p'ra quê chorar!...  
Se minhas lágrimas  
Se perderão neste mar de águas turvas:  
Que arrasta vidas;  
Esperança;  
Sonhos e  
fortunas que não mais terão volta...  
[...]  
Outro dia surge...  
E apesar do chuvisco que cai  
Vejo o sol raiar...  
Sinto seu calor  
É uma luz!

O novo dia,  
é sempre o renascer...  
(MONTEIRO, 2010, p. 19)

Diferentemente da chuva de *Prenúncio*, de Mel Adún, que age, silenciosamente, avultando seu papel, as chuvas prevalentes desses versos são tempestivas e barulhentas. Suas águas são turvas, devastadoras de sonhos, esperanças e bens e talvez amargas como as de Ana Paula Tavares (2011). Mas o tempo, com sua fugacidade, leva consigo as chuvas fortes e concede lugar ao chuveiro, tal como a chuva fina dos versos de Adún, acompanhando o novo dia que surge e, uma vez mais, exerce sua sina.

Ademais, águas de chuvas espalham o cheiro de terra molhada que nunca esquece quem o sentiu, evidenciando o cantar a vida encantando-a. E memórias poéticas acentuam, geralmente, como se apresentam em versos de Lita Passos, Nilzete Monteiro e Ana Paula Tavares, lembranças ocasionais e instáveis, sem preocupações, por vezes, com linearidades e totalidades, evidenciando possíveis proeminências, afetos, desejos e desafetos de eu (s) poéticos e, às vezes, referenciais. As chuvas, seus tempos e fenômenos, em algumas dicções literárias, como em *Estação das chuvas*, de Ana Mafalda Leite, “dizem” não só do que se foi e viveu. Anunciam, inclusive, o instante em que aparecem e sinalizam outras possibilidades de (re) existência. São instigantes, propositivas e até violentas, pois metamorfoseiam a natureza e também o eu lírico, convidando-os à renovação.



### **III- Outras (Mesmas) Águas daqui e lá**

Imagens: Blackstarvideo e Leftsider9. Montagem: EDUFRB



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

Depressa anoiteceu  
os lagos e os orikis secaram  
o mar deixou de embalar  
na voz do macaréu  
o amor e os amantes  
e soluçou a dor do povo sofrido  
O chão verde intenso  
das primeiras chuvas  
amarelo se tornou  
de tanto desgosto

(Odete Costa Semedo)<sup>37</sup>

---

37- SEMEDO, Odete Costa. No fundo do canto. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.  
(Coleção Para Ler África, Volume 1).



## Águas de Kianda<sup>38</sup> em *O Leito do Silêncio* de Isabel Ferreira<sup>39</sup>

*Não sabia eu, que o teu rio...  
Tão cedo desaguaria numa outra foz!  
Num outro mar a brunir outras telas.*  
(FERREIRA, 2014, p. 18)

*O Leito do Silêncio* (2014), mais que um título, é um prenúncio de múltiplas vozes que cantam no livro de poesias da escritora angolana Isabel Ferreira<sup>40</sup>. Suas tessituras literárias arrebatam o (a) leitor (a) e o (a) arremessam aos vários ambientes, estados e circunstâncias que envolvem e corporificam os diversos silêncios e as múltiplas águas entoados nos poemas. Diante disso, este texto tem como objetivos apresentar leituras descritivo-interpretativas de tais dicções literárias, bem como promover a sua circulação entre circuitos artístico-culturais e acadêmicos e colaborar com a formação de público leitor das obras de Isabel Ferreira, em especial, de *O Leito do Silêncio*.

Em seus 53 poemas, denotam-se ecos de uma Angola pós-guerra, mas também de memórias de tempos e histórias que se quer lembrados, semelhante ao que já fora abordado por Michael Pollack (1989; 1992), ao se referir às possíveis imbricações entre memória, lembranças e esquecimentos. São

---

38-É um espírito das águas cultuado em Angola. É uma das entidades reguladoras do mar, lagos, rios, peixes, marés e pesca. É uma divindade ligada à fecundidade feminina e às crianças, sendo a ela atribuído o nascimento de gêmeos.

39- Este texto foi, parcialmente, publicado na Revista Contexto, n. 38, em 2018, da Universidade Federal do Espírito Santo, através do artigo *O silêncio falante e as águas de Kianda*.

40- Isabel Ferreira já participou de diversas antologias e publicou as seguintes obras: *Poesia - Laços de Amor* (Luanda, 1995); *Caminhos Ledos* (Luanda, 1996); *Nirvana* (Luanda, 2004); *À Margem das Palavras Nuas* (Lisboa, 2006) e *O Leito do Silêncio* (Luanda, 2014). Ficção - *Fernando D'Aqui* (São Paulo, 2005); *O Guardador de Memórias* (Lisboa, 2008). Contos - *O Coelho Conselheiro; Matreiro e Outros Contos e Que Eu Te Conto* (Lisboa, 2012).

gritos poéticos, por vezes, silenciados por novas vozes dominantes que se impõem em travessias e rios, ameaçando liberdades poéticas e culturais conquistadas. Nos seus versos desponta um convite singular ao (à) leitor (a) a encantar-se com um *silêncio falante*: ora com voz aguda, estrondosa, excitada e estridente, ora com voz suave e acalentadora. Ambas enunciam e, a um só tempo, anunciam, poeticamente, memórias, dissabores, lutas, utopias, perdas, alegrias, amores, tristezas, paixões e partidas. Circulam também, nos versos, signos e significantes, relacionados às águas, que se apresentam para além de seus lugares de concentração, tais como rios, mares e oceanos. Silêncios e águas são, pois, personificados e elementos e não apenas moradas de memórias.

Em poemas de *O Leito do Silêncio* transitam vários tons: o afetivo, o irônico, o político e o utópico. Com esses últimos, desejos e lembranças individuais e coletivas imbricam-se, como nos versos de *Outros Tempos*...

São vossos os meus medos.  
 São minhas as vossas partilhas!  
 A voz do nosso silêncio ilude o vosso discurso...  
 Os nossos olhos alongam o traço da vossa decadência!  
 Antevejo o documentário da vossa ruína...  
 E a história da minha história, sem pão, não mais será minha.  
 Será de todos os que lutam pela equidade...  
 Outros tempos... trarão fim à vossa opulência...  
 Em unísono ouviremos:  
 “E nova onda se levanta para a luta  
 E ainda outra e outra  
 Até que da violência  
 Apenas reste o nosso perdão”  
 (FERREIRA, 2014, p. 19).

É um canto a uma nova nação que se quer livre, justa e igualitária. Figura-se, nesses versos e em tantos outros que es-

tão em *O Leito*, o desejo literário de trazer à cena a construção da identidade nacional, bem como (re) encontros com legados culturais e ancestrais, presentes em vários discursos literários de escritores (as) africanos (as) de países de língua portuguesa, tal como Moema Parente Augel (2007) acentua em *O desafio do escombro – Nação, Identidade e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau*, ao tratar de possíveis relações entre literatura e identidade nacional em Guiné Bissau.

O silêncio, como personagem, tem uma voz que presentifica histórias de outros tempos, bem como renova seus sonhos e compromisso por uma pátria livre de violências e injustiças. Personificado, ele irrompe com o apagamento de sua e de outras vozes e memórias, vividas no cotidiano e em múltiplos espaços. Nesta perspectiva, compreendemos os anseios da voz poética de *Outros Tempos...*, tão imbuídos e cotejados por experiências, utopias e sentimentos.

São vossos os meus medos.  
São minhas as vossas partilhas!  
A voz do nosso silêncio ilude o vosso discurso...  
Os nossos olhos alongam o traço da vossa decadência!  
Antevejo o documentário da vossa ruína...  
E a história da minha história, sem pão, não mais será minha.  
Será de todos os que lutam pela equidade...

O ato de recordar, nesta direção, também é enfrentar outros desafios e lutas para os próximos tempos. A voz poética reconhece que o silenciamento de sua voz e do seu grupo social desnute a esperança e fortalece o fracasso. Neste sentido, ao lembrar, ela não apenas rememora cenas e eventos, que ela quer lembrados tão somente no presente, mas também abandona o que ela deseja que seja olvido e indica que em outros tempos a alternativa é seguir juntos na luta por outras indepen-

dências e conquistas. Rememorar é, performaticamente, nos versos, uma sinalização de críveis deslocamentos de vozes subjugadas e silenciadas.

Mediante a negação da liberdade e o cerceamento de lutas, soam gritos silenciados, dos quais certamente advirão reversão, reescrita de sua história e invenção de narratividades como no poema acróstico Nelson Mandela.

Negaram o voo às andorinhas. Como opção, circundaram a acção.

Evocou a irmandade africana...

Ladeando espíritos encrespados

Sentiu no longínquo os passos da equidade.

Ouviam-se silêncios de espera...

No ideal a palpitar pombas negras, brancas a arulhar, a florir...

Mandaram calar as vozes! Sem vós as gargantas ficaram sem voz!

Aurora não via a hora da Primavera.

Negaram-vos o Sol e a sintonia surda dos sons sem tons...

Dentro do mundo, um mundo solipso

Ergueram-se ondas e águas agitadas

Labaredas contra os solstícios.

A profecia cumpria a vontade divina!

O perdão ergueu Madiba!

(FERREIRA, 2014, p. 11)

Memórias individuais saltam, ao longo dos versos, se confundem e, quiçá, se confluem com memórias coletivas, conforme Maurice Halbwachs (2006) e a Nora, ao se reportarem às modalidades de memórias.

[...] A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repen-

tinhas revitalizações [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas transferências, cenas, censura ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 9)

Coadunadas, evocam e reinventam vozes e utopias sufocadas, forjando memórias subterrâneas. Assim com memórias abrangentes, a voz poética traz à tona um ícone - Nelson Mandela - de resistência e dedicação plena em prol da liberdade e equidade. Além disso, se apropria de fatos, retaliações e vicissitudes, peculiares à luta, para cantar versos de libertação.

Ao eleger lembranças que favoreçam a invenção de fios de memórias que remetam às experiências de resistências e vitórias, a voz poética, com resiliência, decide esquecer, como é peculiar ao ato de memorar, como explica Pollack (1989), deixando para trás recordações que indiquem passividade e resignação, trazendo à tona o que, decididamente, se quer lembrado e, mais ainda, ficcionalizado.

Em *Silente nas tuas Mãos, também* prevalece o tom político. O silêncio se (re) apresenta com uma voz subalternizada, mas não alheia às injustiças e desigualdades.

Não impeças o meu bocejo de fome de protesto  
Quando o teu arroteo  
Exala a fartura da tua boca.

E se o eco do meu protesto  
Tocar o teu sobrado  
Onde as sentinelas hirtas vigiam  
A tua portentosa mansão.

Que mal te poderei eu fazer?  
Não passo de poeira no asfalto da tua rua.  
A minha miséria desfila esparsa nos arrebalde  
por onde passas.  
O meu país de petróleo e diamantes!  
Sou um pária sem tecto!  
(FERREIRA, 2014, p. 15).

Com uma nuance irônica, a voz poética, Silêncio, apresenta um dizer de si como um ser, aparentemente, sem relevância diante daqueles que ostentam poder e riqueza, mas que deseja sentidos atribuídos como contraditos de si. O silêncio, mais uma vez, personifica-se, emitindo ecos de protesto. A sua aparente impotência e insignificância, frente aos alardes de riqueza e poder de quem os detêm, não é um dizer de submissão e de fraquezas. Ao contrário, aponta ciência do que lhes distanciam, bem como dos aparatos de sustentação das vanglórias de alguns em detrimento da miséria e aprisionamento de outros.

Vozes inquietas e indignadas também lamentam, em versos, cenários, eventos e cenas, assistidos, contrários aos princípios e exercícios de emancipação, democracia, desenvolvimento e cidadania. Em *Ressonâncias de um Revoltado* (p. 21), *Rios de Murmúrios* (p. 44) e em *A Cobrança do meu Voto* (p. 63), há rastros disso, além do tom e do sentido se aproximarem daquele do poema *Tectos de Rua* (p. 53).

[...]

Moro onde morre a luz

Vivo onde mora a miséria

Vivo perto de um riacho da água que não posso beber...

A minha decadência é para vós um documentário.

Moro onde a doença me abraça

A fome que vive em mim é um candeeiro aceso.

Embriago-me de esperanças no campo de escolha.

O meu voto é o engano de quem me engana.

Sou conivente cadastrando o meu destino na hora do voto

(FERREIRA, 2014, p. 63).

Põe-se um eu lírico a cantar, poética e utopicamente, seu amor pátrio à Luanda, imbuído por sentimentos, ora marcados pela saudade e distâncias, ora pelo intenso desejo de

retorno à mãe terra, (ma) pátria, como em *Angola meu Fio de Luz* (p. 45), semelhante a *O Leito do Silêncio* (p.14), *Silente nas tuas Mãos* (p. 15), *Gingas de Angola* (p. 36), *Luanda Oceânica* (p. 60) e *Manancial de paz* (p. 70).

[...]

Bordam com os fios de luz. O tecido áspero do nosso corpo.

Os finos bordados são votos em alto mar... Vão com a espuma!

A minh'alma em plena luz. O meu corpo em teu poder e ficar!

A minha vontade em brumas, entre partir  
A agonia no olhar de quem me vê partir  
Há quem estampe os lenços na despedida.

Terra, mar, coisas de cá que não são de lá!  
Canais de desejos a bramir em mim  
Mil pedaços de Luanda a luzir em ti...

O calor, o clima tropical com Kizomba.  
Com damas que cuiam e parecem abelhas  
Que chamam com garras em chamadas.

Tudo gravado em mim...

Idealizo as cores de um porto de sonho.  
Recrio a beleza de Luanda que não conheço

A Ilha de Luanda é uma colmeia à minha espera.  
Espreitam os sonhos, Chegam subalimentados de ânsias.

Ah! Quando o teu corpo áspero alisa o meu.

Flutuam de calor em apertos de mão.

Elogiam-te,

Ávidos na voz, mascaram a gratidão!

Não te enganes!

A voz do verso não tem amor, nem paixão!

Aqui é Angola!

Um corpo de mar na rota dos falidos...

(FERREIRA, 2014, p. 45-46).

O silêncio, como uma entidade simbólica, performativamente, aparece multifacetado, em vários lugares, versos e estados, em diversos poemas: *Leito do silêncio* (p. 14); *Voz do silêncio*; *gestão do silêncio* (p. 22); *um estado de silêncios* (p. 26); *Colheita do silêncio* (p. 32); *Silêncio das horas* (p. 47); *estuprou-se de silêncio* (p. 56). Assim, o silêncio, na obra, extrapola sua suposta e/ou estabelecida natureza, ao deixar de ser tão somente uma situação ou estado de espírito, despontando também como ambientes, personagens e circunstâncias.

Colher verbenas dos campos  
Do silêncio  
Colher verbenas dos campos  
Minados pelo silêncio [...]  
(FERREIRA, 2014, p. 32).

Nada me acolhe. Nada me acalma  
Caminho no silêncio das horas  
O Grande Espectador do Mundo capta sons e  
imagens [...]  
(FERREIRA, 2014, p. 47).

Musas eleitas à beira da esquina.  
No nicho gemem e suam de fome,  
A mamã de tão velha estuprou-se de silêncio [...]  
(FERREIRA, 2014, p. 56).

Embora, por vezes, no *leito*, o silêncio, além de apresentar-se fascinante e sedutor, personificado, mostra-se acordado. Travestido de vozes e corpos, ousa o árduo deleite e trabalho, poeticamente, de suscitar em leitores (as) cantos, gritos, ecos, lembranças, sussurros e sonhos de liberdade, talvez, adormecidos. Em *O Leito do Silêncio*, poema homônimo ao livro, uma voz poética desvela-se, trazendo à baila os vários *leitos* – moradas e abrigos – onde seu *silêncio* habita.

É no leito de espinhos que afago o anúncio  
Do prelúdio do teu canto...  
Espero-te, em infindas horas, no recanto do nos-

so leito!  
É no leito do silêncio das avenidas  
Que afago o cós do grito  
Na ingestão de bebidas, queimo a dor das esperas  
  
Como povo que vota ao resvalo  
E que traça a desgraça a cada eleição do pleito!  
Assim somos nós!  
  
Perco-me no sótão das avenidas!  
No leito do silêncio à porta de prantos, a marulhar  
dentro de mim  
Evado-me com quem me deito! Perdi a proa por ti.  
Na foz do leito quebro as paredes  
E as teias que me prendem a ti...  
E concluo que:  
  
- Amo a vida que não é minha!  
Amo a Polis, que me trai,  
E o governo, meu eleito, me entenece o peito!  
(FERREIRA, 2014, p. 14).

Outras vozes, (des) silenciadas, também instigam rasuras, na perspectiva de Jacques Derrida (2004); traduções para Stuart Hall (2000; 2006) e mobilizações de discursos sobre tradições e repertórios culturais de Luanda, visibilizados não só pelas imagens e imaginário, mas também pelos traços linguísticos. O passado e o contemporâneo se mesclam e se entrecruzam nas traduções culturais. Tensionam e confrontam-se, provocando outras experiências socioculturais a partir e com elementos de línguas, de origem banto, e vivências culturais ancestrais, de acordo com Padilha (2006), e históricas.

Em *Noite no Quimbo Angolano* (p. 37), a voz poética, insatisfeita com o presente luandense, semelhante ao *Estafeta do Tempo* (p. 68), questiona, saudosa e ansiosamente, sobre legados e práticas culturais vividos em outros tempos e ausentes na atualidade.

[...]

Quem me conta uma história?

Quem me leva à floresta do Maiombe ou à sanzala do Golungo  
 Quem ousa chamar o soba para comigo sunguinar?  
 Quem? Já não há quem se senta à roda da fogueira?

À lareira, quem me conta quem forma meus ancestrais?  
 Que tambores ouvirão meu canto na hora dos xinguilamentos?  
 Quem ecoará o nome de Uanhenga Xitu nos palmares, na quintanda ou nas escolas? Quem?

Quem comigo caminha à luz do luar?  
 Quem me aponta o sol da noite?  
 E o caminho da igualdade?

Que mares e rios me ouvirão?  
 Que buala ouvirá os meus queixumes?  
 Tornei-me medrante! A palavra molda-se no meu peito.  
 Não há quem se afoite a me encorajar!  
 (FERREIRA, 2014, p. 37).

Passeia também, nos versos de *O Leito do Silêncio*, o tom afetivo, dando a conhecer a intimidade do vivido no silêncio, como em *Nos Braços das Ondas*. Um eu se mostra, metaforicamente, livre para amar e ser amado e descreve, liricamente, prazeres, sentimentos, afagos e sensações.

Na maresia das minhas ondas. Nos braços das tuas ondas.  
 Tu és o meu Jango. Eu, a tua ondulação.  
 A cada alvorada cruzo-me no ritmo da tua kizomba  
 Contigo bailo. Sofro contente o meu viver de te amar  
 Partilho o meu canto, no canto do teu corpo,  
 Quando te amo, faço-me pluma em teus possantes braços!  
 (FERREIRA, 2014, p. 24)

O amor se realiza no breve instante de ir e vir das ondas que lhe materializa. O ato de amar se dá semelhantemente ao clima de uma festa (Kizomba), em que se dançam e partilham-se corpos, sonhos, cantos e vidas. São muitos poemas permeados de traços de recordações e lembranças de vivências amorosas. Em *Na Foz do Mundo* (p. 30), *Singela Malícia* (p. 31), *Na Orla do teu Corpo* (p. 34), *Retalhos de Certezas* (p. 35), *Sou Vénus* (p. 42), *Possuindo o Teu Corpo* (p. 48), *Sensações* (p. 58), versos se dedicam a narrar momentos tão ardentes e intensos, quanto fugazes de afetos vividos nos recônditos dos vários leitos dos silêncios. Assim é também *O Delito de uma Paixão* (p. 64).

[...]

Adormece no meu colo, ardente Falcão  
Acorda a tua fome, sou a tua Águia  
Há uma raiz quadrada que me leva a ti.

Embala-te no meu corpo  
Meu amado Falcão, preenche subnutrida os meus  
espaços  
Não me deixes subnutrida de amor.

Escuta o meu bramido  
Entre pausas e desmaios  
Deixo rolar as juras de amor.

Enche a tua cisterna de ternura  
E enquanto o amor perdura  
Não deixes deserta a nossa ilha.  
(FERREIRA, 2014, p. 64).

Apresentam-se, por vezes, falantes, a provocar diálogos e a tensionar interditos e abalos de certezas que infiram ou afirmem friquidez, passividade, negação ou silenciamento de desejos e libidos. Em *A Voz do Silêncio*, o silêncio é aliado da voz poética, gerando intertextos.

Curvou-se o tempo...

As paredes marcam as arestas da nossa equação  
Peço-te três coisas a vanguardar:

Candelabro aceso, doçura nos lábios e ritmo na dança.

Oiço o prenúncio do Banquete de Eros.

Altivo-me ante o tempo...

Na gestão do silêncio, acendo a minha candeia!

Abro-me ao enlevo, qual cortina que esvoaça...

Na cadência dos passos caminho, qual Judite

Entrego-me à levidade do meu, teu corpo.

E nos vales ritmados das múltiplas noites

Falo-te das arestas e esperanças que nos orlam

O nosso tempo não é um tempo áureo.

No leito és como vento ao entardecer!

Os lençóis arquivam os nossos actos.

O vale da brisa do teu beijo não mais me despe...

Nem o aroma do teu beijo me ergue o desejo.

Não te rogo, exijo:

- Reinventa a vida entre nós...

Sem as centelhas da traição!

(FERREIRA, 2014, p. 22)

Em *O Leito do Silêncio* passeia um elegante e abundante lirismo que inunda, vagarosa e intensamente, o/a leitor/a de sentimentos, sentidos diversos e de salutares inquietações. Com seu curso, percorrem, nos poemas, vozes que entoam seus sentimentos e paixões como podem se observar em *Sublime Instante de Amar* (p. 23), *Fenestra do Sonho* (p. 28) e *Ao Ritmo do Semba* (p. 29).

Transitam, inclusive, vestígios de sensações e experiências de ternura e prazer que apenas o silêncio de um leito escuta e é testemunha de carícias e sussurros dos segundos eternizantes de encontros amorosos. O silêncio, portanto, travestido de vozes, estados e dissonâncias, circula, em *O Leito de Silêncio*, cantando suas lutas, lirismos, sentimentos, dores, tristezas, narratividades, alegrias e sonhos.

As águas também se destacam nos poemas. Tal signo furta a cena, disputando com o *silêncio* a centralidade discursiva.

siva, bem como desfilando nos versos com igual primor. As *águas* (en) cantadas aparecem multifacetadas, com diversas formas de armazenamento (corporificações), mas também de externalizações e rompimentos, a seguir seu leito.

Signos como maresia, ondas, cais, porto, leme, foz, brisa, mar, leito, sendo o rio a grande estrela, dentre outros, desfilam em *O Leito do Silêncio*. Oceanos, correntezas, inclusive, e, acima de tudo, mares e rios, circulam como entidades poéticas e, a um só tempo, são moradas de memórias, segredos, sonhos e afetos. Afinal, viver é navegar, quiçá, amar também!

Nas, pelas e com as águas, vozes poéticas (des) silenciam, e não se cantam só o afeto entre duas pessoas, mas também forjam memórias das águas, ou mais precisamente, do rio. Além disso, cantam o amor já materializado e revertido em família como em *Cântico Maternal*.

Noite...

A noite vestiu-se em cantos silentes.

A soneira vagueia entre os lençóis macios.

O materno embala o seu enfermo petiz.

O pai! Um ausente ou nunca presente?

Desconhece quem te aninha, quem te afaga!

Canta a mãe numa voz que esmaece.

Embala a dor de ambos.

O petiz cresceu. Comeu das mãos da mamã negra angolana.

Comeu: fungê e feijão!

O filho xinga aquela que um dia

Tantos dias o seu sono velou.

(FERREIRA, 2014, p. 20).

Tal exposição poética estende-se também nos versos de *No Cais dos Afectos I*, que se tecem imbuídos de significantes aquáticos e marinhos.

Sou um nicho de querências quando tu vens contente!

Chegas! Atracas no meu cais.

Sinto que o teu porto é o meu país...

Imigras em mim. Eu abrigo-me em ti.

Rasgas o meu colo. Flutuas no meu solo...

Há um estranho fulgor nos olhos dos teus olhos.  
Levito.

Leio a voz do teu silêncio de querença, inauguro-te em suaves brumas.

Eis-me vitrina da vontade!

Atraca no meu rio, rema até à foz.

Não remanches! Não baixes os braços! Nem desperdices o leme!

Emigremos ao cosmo que nosso!

(FERREIRA, 2014, p. 25).

O sujeito amado, configurado como uma embarcação, encontra, naquele que ama, uma ancoragem. Ao convidá-lo a arriscar-se e a flutuar em seu amor, garante reciprocidade e cumplicidade. Ambos são mútuos abrigos plenos de vivências afetivas, o que lhes possibilitam, confiante e livremente, abandono ao amor e às aventuras amorosas. Desvelar-se, afetivamente, reaparece também em *No Cais dos Afectos II*.

Encadeio a tua escuridão.

Perdido no teu convés, o tempo silente cochila.

Há um estado de silêncios!

A brisa afaga o nosso momento.

Incendeias em pequenos instantes. Acendo o meu umbral.

No celeiro do amor, o rio é eterno e lento o desaguar.

Sedento, quedo-me à tua espera num leito de rosas!

E assim atraco no cais do nosso ponto do mar.

A canoa ondula e tu fumegas enquanto perdura a espera!

(FERREIRA, 2014, p. 26).

Elas – as águas – despontam como moradas de lembranças e memórias e, concomitantemente, abrigos de sonhos e constructos de vozes poéticas femininas altivas. Com seu curso e movimentos, elas deságuam, através dos versos, um imensurável canto ao belo, ao vivido e ao que está por vir imaginado e ainda inimaginável. Como não lembrar, neste ínterim, de outras águas cantadas, já aqui mencionadas de várias autoras, as quais também constituem eu (s) poéticos, quiçá, auto-ficcionais, segundo Alba Olmi (2006), Lejeune (2008) e Santiago (2012).

Assim, águas bravias dos rios e dos oceanos Atlântico e Índico, de acordo com Chaves (2006), metaforicamente, (re) encontram-se e seguem o seu leito. Em busca da vida, semelhante às águas, escorrem, desmobilizando fixidez e verdades. Águas, magnífica e encantadamente, flutuam, aqui e lá, surpreendentemente, águas poéticas.



## Águas Amargas na Poética de Ana Paula Tavares

Venho de muitos rios e um só mar.  
(TAVARES, 2011, p. 198)

Com uma tessitura literária em que “se escutam” ecos de perfis femininos no que tem de peculiar e construído sobre eles e seus corpos, de acordo com Inocência da Mata (2011), Ana Paula Tavares transmuta a imagem da mulher sobrepujada e aprisionada em códigos de deveres e condutas pré-estabelecidos. Suas poesias são, pois, segundo Carmem Lúcia Tindó Secco, “[...] como rios que penetram a nação angolana, como sangue que oxigena o corpo da terra, como poesia que ativa a circulação da vida, tomada esta em seu sentido natural, cultural, espiritual, em suma, em seu sentido pleno.” (SECCO, 2011, p. 262).

As águas, associadas “[...] ao gosto da terra, aos gritos e as dores das mulheres, o vazio e o movediço das areias do deserto, a artesanania do barro das palavras [...]” (SECCO, 2011, p. 263) adquirem relevância em sua poética figurada por versos em que transitam feminilidade, fertilidades, modos e ciclos de existências – “ritos de passagem” tão caros à autora –, tensões e aproximações entre repertórios linguísticos e culturais locais e ocidentais, dentre outros elementos, como se figura em *Do livro de viagens (caderno de Fabro)*,

[...]  
De onde eu venho nascem os rios  
Nos nervos da terra  
Correm certos para o mar ou  
Perdem-se noutros lugares do tempo  
Sem que ninguém

Os detenha  
Aí lavam as raparigas seus primeiros sangues  
Constrói-se um sol de mentira para pendurar  
De noite  
Na porta da vida  
Venho de muitos rios e um só mar  
O Atlântico  
Suas cores secretas  
A sua música erudita da praia  
A espuma lenta das redes  
De onde eu venho há lá e cá  
Luz, risos de gargantas feridas  
Almas abertas  
Uma ciência antiga de treinar  
os olhos para as fibras  
depois as águas  
logo a seguir as tintas e nadar sobre a terra  
com passos de silêncio para que nada perturbe  
aos olhos a luz.  
(TAVARES, 2011, p. 198-199)

A voz enunciadora apresenta alguns dos seus traços, indicando como deseja ser reconhecida e com os quais quer tecer o seu perfil e a sua existência, certamente, com as múltiplas origens, rios, cores e águas: "... de onde eu venho há lá e cá...". É um dizer de si, através do qual afirma que as suas origens vêm do encontro entre as águas doces e salgadas. Livres, as águas dos rios seguem o seu curso, ora correm para o mar, ora desviam-se para outros leitos e rotas. Isso lhe garante afirmar que não vem de uma água só, mas tem ancoragem: o oceano atlântico. Assim diversas águas forjam as suas identidades, no entanto, o eu poético provém de um único mar, também diverso em suas cores, sons, movimentos, sentimentos e ensinamentos.

Das origens constroem-se outros rios, outros caminhos e possibilidades de existências. Da experiência coletiva resulta o porvir e o tornar-se. Explicações figuradas de possíveis sig-

nificações das origens ou da busca de identidades também aparecem nos versos de *Deixa as mãos cegas*.

O nosso antepassado  
era como um grande rio.  
Fez nascer os nossos rios pequenos.  
(TAVARES, 2011, p. 192)

Também as águas perdidas, de *Do livro de viagens (caderno de Fabro)*, lavam “os primeiros sangues” das meninas-moças. São nessas águas desviadas que tais meninas livram-se dos primeiros sinais da menarca, ou seja, nelas as “raparigas” depositam marcas de mais um “rito de passagem”, dentre outros, tão caros à autora e por ela, inclusive, tão cantados.

Em silêncio e talvez solitariamente, com esses sentimentos, experiências físicas, emocionais e socioculturais da voz poética, as águas contracenam, tal como o sujeito lírico de *Fala da velha*.

Navego uma solidão de búzio  
No mar verde de canela e açafreão  
A noite é mais fechada  
No ar de prata e pólen  
Que respiro.

Meu coração é um lago  
Por onde deslizou a vida  
Sem flores  
Sem nenúfares.  
(TAVARES, 2011, p. 209)

No mar, dessas palavras poéticas, moram búzios que têm por destino viver em solidão. A voz poética se avizinha da sorte da concha do mar, navegando sozinha pelo curso da vida que lhe escapa sem alardes e adornos exuberantes. Ao navegar, a experiência do vazio, possivelmente, poderá se transfiguram em iniciação à vida em suas abrangências, espe-

cificidades, plenitude e, também, finitude “[...] para neutralizar o vazio que, no meio das vivências femininas, tendem a crescer insondável” (MATA, 2011, p. 12).

IV.

Aqui a música pode ouvir-se na mão  
curvada  
búzio  
sobre  
o ouvido. O que sobra são os sinos às  
seis da tarde.  
Quando se colhe a roupa fica de linho  
o mar.  
(TAVARES, 2011, p. 220)

O búzio, mais uma vez, aparece como um ente guardador ao sussurrar ecos dos movimentos do mar. Dessa vez, ele abriga sons do mar que se ouvem, baixinho e atentamente, ao final da tarde. Sorrateira e persistentemente, essa concha registra a existência do mar, observada pela voz poética, que resiste às intempéries e vicissitudes do tempo.

O mar, além de sitiar passados e sons, suas águas, feitas também de rios que desaguam nele, têm sabores amargos, advindos de dissabores da vida, de labutas individuais e coletivas, decorrentes de tormentos, solidão e dores. Nele e em outras residências de memórias, inclusive, pode-se viver “ritos de passagem”, como aparecem nos versos de *No lago branco da lua*.

No lago branco da lua  
lavei meu primeiro sangue  
Ao lago branco da lua  
voltaria cada mês  
para lavar  
meu sangue eterno  
a cada lua  
No lago branco da lua  
misturei meu sangue e barro branco

e fiz a caneca  
onde bebo  
a água amarga da minha sede sem fim  
o mel dos dias claros  
Neste lago deposito  
Minha reserva de sonhos  
Para tomar. Resistir.  
(TAVARES, 2011, p. 73)

As águas e o barro metaforizam o “rito de passagem” – iniciação feminina – (a menarca). O rito menstrual forjou outro à voz poética: voltar, “a cada lua”, ao lago branco para lavar o seu “sangue eterno”. De suas experiências rituais (“meu sangue”) e do encontro com o “barro branco” advém outro recipiente (“caneca”), onde traga águas amargas e doces para, sem sucesso, saciar sua sede. Além disso, no lago, ela deposita seus sonhos que ainda lhe restam e sobreviveram mediante a dor, a luta e a guerra, operando como um cristalino no qual o sujeito poético esquadrinha a sua identidade eclipsada (SECCO, 2011).

Uma voz enunciativa de Lica Sebastião também procura, em seus versos, além da cor da “chuva de Janeiro”, o seu sabor, o qual poderá, talvez, ter o mesmo da rejeição do seu amor.

Na janela os vidros embaciados,  
fios de água escorrem,  
fazendo caminhos sinuosos.

Qual é a cor da chuva de Janeiro?  
Dizem os livros que é incolor.  
Mas tudo tem uma cor,  
até o abraço a meio da noite.

Abri a janela  
E as gotas caíram na concha da minha mão.  
Sorvi-as.

Qual é o sabor da chuva de Janeiro?  
Dizem que não sabe a metal, a limão ou a pão.  
Mas tudo tem um sabor,

até a tua recusa, doce amor,  
e que amargo sabor!  
(SEBASTIÃO, 2015, p. 65)

Após de experimentar o sabor das gotas das chuvas que escorrem da sua mão, ela não assegura ter o sabor leve e adocicado do seu amor, mas sugere a amargura da abdicação dele por ela, atribuindo à chuva um sabor pesado e pouco prazeroso. A liquidez dos rios, mares, chuvas e lagos assiste ao sorver da água amarga de vozes enunciadoras de Lica Sebastião e Ana Paula Tavares, sedentas e insaciáveis, pois, além de títulos, são depósitos de sonhos, iniciações e passagens tantos nesses versos quanto em outros.

Contarei de ti o  
Contarei de ti o  
único segredo  
a forma como e fazes pedra  
e rio  
no fundo do meu leito  
brilhas ao sol crespo das esquinas  
apareces anjo na noite espessa  
a espera ninguém sabe  
eu digo agora  
abres de luz o dia claro.  
(TAVARES, 2011, p. 240)

Nas suas margens e superfícies também se ancoram sussurros tristes como em *E as margens*.

Respira mansa a superfície do lago  
Silêncio e lágrimas pesam-lhe as margens.  
Uma mulher quieta  
Enche as mãos de sangue  
Cortando o azul  
Da superfície de vidro  
(TAVARES, 2011, p. 130)

Elas são metamorfoseadas em lágrimas que jorram de mulheres, marcadas por tantos “ritos de passagem” (TAVARES, 2011) e, ao mesmo tempo, molham seus corpos tatuados pelo machismo e colonialismo. Nesta perspectiva, a poética transgressora da autora ecoa como gritos rebeldes, através dos quais vozes líricas tecem críticas às práticas autoritárias em relação às mulheres.

Adélia segura a minha mão  
Dentro do templo  
Move com força os lábios  
Diz:  
Nós, as concebidas no pecado  
Fechadas de vidros  
No altar do mundo.

Adélia lê as estrelas  
As escritas com cuidado  
As feridas  
Diz:  
Os sonhos são desertos  
Com navios encalhados.  
(TAVARES, 2011, p. 200)

Palavras poéticas contundentes, sem perder a delicadeza e a doçura, nesses versos, tecem fios poéticos da voz que convida Adélia (talvez a autora brasileira Adélia Prado e sua poética) a cantar suas feridas e sonhos.

Rios se destacam na prosa poética de Paula Tavares quando também se travestem de corpos apaixonados e sedentos de carícias.

Devia olhar o rei  
Deixa as mãos cegas  
Apreender a ler meu corpo  
Que eu ofereço vales  
Curvas de rio  
óleos  
Deixa as mãos cegas  
Descer o rio

Por montes e vales.  
(TAVARES, 2011, p. 192)

Às *mãos cegas* do rei delibera-se, ousadamente, tudo o que se fizer necessário, para que ele aprenda a ler o rio-corpo. Quem sabe assim atingirá ao clímax de suas curvas, montes e vales?

Em *Colonizamos a vida*, uma voz no plural (sem ser coletiva) identifica o *mar* como a própria existência e, ao mesmo tempo, seu lugar de constituição e também do outro. Ela narra, poeticamente, modos de *plantar* a própria vida e sentidos a ela atribuídos.

colonizamos a vida  
plantando  
cada um no mar do outro  
as unhas da distância da palavra da loucura  
enchendo de farpas a memória  
preenchemos os dias de vazio  
  
no alto destes muros  
muito brancos  
duas bandeiras velhas  
a meia-haste  
saúdam-se, solenes  
(TAVARES, 2011, p. 61)

E assim, com fiapos de recordações, enfrenta as lacunas cotidianas, levando em conta as idiossincrasias e universos individuais. Com encontros e desencontros toca seus dias e forja possibilidades de preencher o vazio. Reservatórios aquáticos de memórias se instituem como *loci* privilegiados de memórias individual, coletivas e até míticas como aparecem em alguns poemas.

Em *No fundo tudo é simples...*, novamente, o *mar* aparece em versos de Paula Tavares.

No fundo tudo é simples  
voa

faz-se átomos  
plas-ti-fi-ca-se

anelante

em círculos mais pequenos  
No fundo a gente vive  
agora ou logo à tarde  
urdindo de memória

a esperança violenta

de construir a mar  
o nosso tempo.

(TAVARES, 2011, p. 63)

Dessa vez, o *mar* é um estilo utilizado para se instituir e construir o tempo. Esse árduo movimento, a qualquer tempo, se realiza em meio a lembranças e desejos intensos. Em *O que queres esquecer de mim*, o *mar* é uma invenção e a curva da baía o *locus* onde o sujeito poético feminino observa, com cumplicidade, o silêncio e a lágrima de uma mulher de tranças.

O que queres esconder de mim,  
filha de Sulamite,  
está nas tuas mãos

Esculpidas da pedra da muralha

As canções são antigas dos olhos  
são oráculos  
de linguagem solene  
feita do mesmo sangue  
da terra deste país

Quando inventas o mar  
Sou eu que estou sentada  
Na curva da baía  
Colhendo do silêncio  
A lágrima comprida  
Que te desce pelas tranças

Lava o corpo  
Inaugura o rio  
E enche com o eco da tristeza  
A lavra da vida

Que se desconta morrendo  
Eu vou bordar o tapete  
Fazer-te as tranças  
Partilhar contigo  
O vinho amargo  
Deste país inocente  
Depois podemos ficar  
Contando as horas  
Na curva da baía  
(TAVARES, 2011, p. 96)

É, entretanto, de reinvenção e acompanhamento do tempo que, fugazmente, vai e se esvai. Assim, águas pouco adocicadas, tal como o *vinho amargo*, também compõem silêncios e lágrimas de vozes e *personas*.

Com uma dicção poética comprometida com a invenção de novos lugares para as mulheres angolanas, na poesia e também na vida, inclusive com a reversão da sexualidade reprimida (SECCO, 2011, p. 262), Paula Tavares mostra-se contrária à dor e à opressão sem se distanciar da ternura e delicadeza em seus versos. Sem endurecimento, mas com palavras e águas incisivas e cortantes, deságua sonhos, desejos, resistências, tradições e afetos, não obstante às decepções, às destruições da guerra de suas figuras poéticas.

## Águas em Poemas de Lica Sebastião, Noémia de Sousa<sup>41</sup> e Tânia Tomé

Os tentáculos alçam a concha,  
visando a pérola afundada  
e eu nasço, toda eu de mim renasço,  
Polvo  
numa noite grávida de cristais.  
(TOMÉ, 2010, p. 54)

As aparições de águas e de seus ambientes em poesias de Lica Sebastião, Noémia de Sousa e Tânia Tomé, em alguma medida, se diferenciam daquelas presentes em escrituras poéticas femininas negras brasileiras. Nessas sobressaem águas personificadas e ou relacionadas com as divindades africano-brasileiras e seus arquétipos como em *Mãe d'água de eu*, um longo poema de Lita Passos.

Mãe d'água de eu  
Dá-me uma aliança  
Deita de arco-íris  
Pra eu ficar bem bonita  
No arco desta dança  
Dá-me um banho colorido  
Na tua boca de fonte  
Pra eu ficar bem cheirosa  
No jardim da vida

Mãe d'água de eu  
Dá-me tua graça, tua dança  
Dá-me o melaço do teu olhar  
Dá-me tua coragem

---

41-Noémia de Sousa (1926-2002), conhecida também pelo seu pseudônimo Vera Micaia, nasceu em Lourenço Marques (atualmente Maputo), em Moçambique. Foi poeta e jornalista. O seu único livro de poemas *Sangue Negro- Poesia* foi publicado em 2001, pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), embora escrevesse desde a sua juventude inúmeros poemas publicados pela imprensa moçambicana e internacional.

Pra eu dançar e ser nada  
 Pra eu dançar sem medo  
 Pra eu dançar e ser tudo  
 Pra eu brincar de beleza

Mãe d'água de eu  
 Dá-me tua anágua  
 Pra eu dançar a vida  
 Dançar com tua graça e molejo  
 Dançar no leito do teu espelho  
 Dançar com dengo no teu beijo  
 Dá-me tua consciência  
 Pra eu dançar a vida com sabedoria  
 Pra eu dançar direito  
 Pra eu dançar teu jeito

[...]

(PASSOS, 2011, p. 111-113)

Já na produção literária das autoras africanas mencionadas, prevalentemente, águas se apresentam como títulos, elementos e sítios de lembranças de vozes poéticas, tal como o poema *Chuva*, do livro *Colo na Lua*, de Sónia Sultuane.

Na Basílica de São Pedro  
 Da janela do pensamento,  
 Observo as letras, as vírgulas,  
 Os pontos de interrogação,  
 O meu suor escorre, misturando as sílabas her-  
 métricas  
 De palavras vivas em combustão,  
 Os meus olhos escrevem versos  
 Choram poemas  
 Que doem longe, mais longe que a minha imagi-  
 nação,  
 Chove torrencialmente no meu coração.  
 (SULTUANE, 2009, p. 25)

Esses versos traduzem a labuta e o cansaço da voz lírica que se apresenta poeta. Ela escreve com os olhos que choram poemas dolorosos e transbordam como chuvas torrenciais em seu coração. Também *Rio*, de Tânia Tomé, a voz poética brin-

ca com esse signo que, além de título do poema homófono e homógrafo, é polissêmico.

Me ancoraste  
exactamente aqui  
onde te rio.

Ri comigo  
meu amor,  
vê  
como se amplia  
o cais.

(TOMÉ, 2010, p. 20)

O rio como recinto aquático, é um ancoradouro privilegiado de sorrisos, encontros amorosos e sentidos. Rio e risos se confluem, modificando a atmosfera afetiva e as dimensões do cais. Em *Selvame*, de Tânia Tomé, denota-se que, levemente, o *rio* é qualificado pela enunciadora com um traço humano, visto com pouco bom grado, mas, figurativamente, sinaliza a capacidade dele de encantar, arrebatrar e até aprisionar, se assim quiser.

Estrelas no chão  
Deitadas de ventre  
Rio incestuoso  
Onde a noite  
Tem caroço  
Incêndios  
Não me salves,  
Selva-me!  
(TOMÉ, 2010)

Tangenciam-se, por vezes, nesta perspectiva, na escrita literária, daqui e de lá, como em *Shimani* e *Poema da Infância Distante*, respectivamente, de Noémia de Sousa.

Sempre que eu recordo a casa à beira-mar da infância,  
Surgem-me teus olhos meigos de xipeia ferida,  
Aguados de humildade,

Constantes como um remorso.

[...]

(SOUSA, 2011, p. 38)

[...]

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,  
Era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.  
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.  
Os barcos dos pescadores indianos não tinham  
regressado ainda  
Arrastando as redes pejudas.

[...]

(SOUSA, 2011, p. 34)

No livro *de terra, vento e fogo* (2015), de Lica Sebastião, há quarenta poemas enumerados e não nominados. Desses, em dez, águas desfilam, performativamente, em seus versos, em forma de lágrimas, oceanos, mares, ondas e rios. Talvez por isso a água esteja ausente do título que remete a três dos quatro elementos da natureza: terra, ar e fogo. De fato, “[...] a água, de forma sorrateira invade os versos e se impõe”, assevera, no prefácio desse livro, Teresa Manjate (2015).

Sou a ponte e tu o rio.

Queria antes ser cada uma das tuas margens.

Em todas as estações, cuidares do meu solo  
sedento.

(SEBASTIÃO, 2015, p.15)

No poema Trinta e oito, dessa obra, uma voz ‘conta’ uma visita ao mar, ao final da tarde, em companhia de alguém sem identificação.

Levaste-me a ver o mar,

A costa bravia, ninguém a banhos.

Só na areia um casal assustadiço.

E as ondas bramem.

Sobrepõem-se a tudo,

Entram noite a dentro.

E se me roubarem o que te segredo ao ouvido?  
E se distraírem enquanto me tens?  
E se te inundarem os sonhos e me esqueceres?

Ondas quero levar no meu regresso  
Para te enfeitiçar o desejo de mim...  
(SEBASTIÃO, 2015, p. 87)

Ela descreve, com precisão, ao que assiste sem, contudo, perder o lirismo e a inventividade. Às águas salgadas ela confia, subjetivamente, seus segredos e deposita seu desejo de enfeitiçar as ondas, talvez para que ela tenha a certeza, ao retornar, de sua companhia.

Já no poema *Doze*, as lágrimas são responsáveis por expressar a dor da saudade, por vezes, camuflada, à luz do sol, pelas vicissitudes do cotidiano e pelo frescor advindo não de uma brisa qualquer, mas *rara*. À noite, porém, inevitavelmente, as lembranças voltam à tona e, possivelmente, com elas, o *nó da saudade* e os *olhos marejados de água* da voz enunciadora.

Os meus olhos marejados de água  
e o nó da saudade persiste.  
De dia as lides e o labor disfarçam,  
até sorrio ao sol e à brisa rara.  
À noite cerram-se as sombras,  
então qualquer *love song* me traz lembranças.

É uma realidade doce que dói.  
(SEBASTIÃO, 2015, p.35)

O cais, em *Poema a Jorge Amado*, de Noémia de Sousa, também, abrolha como uma estância de encontros, e não tão somente ancoradouro. Nos versos, atribui-lhe, entretanto, mais uma alegórica particularidade: possibilitar intercâmbios culturais.

O cais...  
O cais é um cais como muitos cais do mundo...  
As estrelas também são iguais  
às que se acendem nas noites baianas

de mistério e macumba...  
 (Que importa, afinal, que as gentes sejam moçambicanas  
 ou brasileiras, brancas ou negras?)  
 Jorge Amado, vem!  
 Aqui, nesta povoação africana  
 o povo é o mesmo também  
 é irmão do povo marinho da Baía,  
 companheiro Jorge Amado,  
 amigo e povo, da justiça e da liberdade!  
 [...]  
 Ah não deixes que pare a tua voz,  
 irmão Jorge Amado!  
 Fala, fala, fala, que o cais é o mesmo,  
 mesmas as estrelas, a lua,  
 e igual à gente da cidade de Jubiabá,  
 – onde à noite o mar tem amis magia,  
 enfeitado pelo corpo belo de Iemanjá –,  
 vê! igual à tua,  
 é esta gente que rodeia!  
 [...]  
 (SOUSA, 2011, p. 34)

O cais, nesse poema, é um lugar de reconhecimento de similaridades socioculturais e traços interculturais (APHIAH, 1997) entre Bahia e Moçambique. Assemelham-se, igualmente, as estrelas e os povos desses territórios, embora situados em continentes, praias e oceanos distintos. Desponta, mais uma vez, na poética dessa autora, tal ancoradouro. Dessa vez, além de título, simboliza sofrimentos e percalços vividos pelo sujeito poético.

O cais é um gigante  
 sugando esforços, violentamente...  
 O cais negro e chispante  
 é a nossa vida e o nosso inferno.  
 [...]  
 Nos nossos olhos cansados,  
 há desesperos e revoltas.

E com um último gesto esfarrapado de esperança,  
Interrogamos ansiosamente o mar.  
Mas o mar – ai! o mar – continua fechado  
à inquieta interrogação do nosso olhar...  
[...]  
Mar:  
Se tu nos abandonaste nesta hora,  
quem nos dará agora,  
coragem, mar?  
Quem nos emprestará força e esperança  
Para continuar?  
(SOUSA, 2011, p. 67)

Desesperado e fatigado, um eu coletivo recorre, com confiança, ao *mar* humanizado para lhe pedir socorro e proteção, apesar de se sentir por ele abandonado. Ainda assim, insiste, pois só lhe resta uma esperança para permanecer na luta e resistir a tanto sofrimento: ser por ele fortalecido.

Conforme é peculiar à produção literária de Noémia de Sousa, os versos de *Cais* trazem traços de desencanto cotidiano, relacionados à amargura oriunda do longo período de colonização. Além disso, reverberam o engajamento da autora nos processos de independência de Moçambique. Isso se prolonga, nesse e em outros, tal como no longo poema *Patrão*, quando, simbolicamente, retrata e questiona estruturas sociais de repressão sobre a mulher e os demais colonizados.

[...]  
E também pergunta quem as varre ainda,  
manhã cedo, com a cacimba a cobrir tudo...  
Pergunta quem morre no cais  
todos os dias – todos os dias -,  
para voltar a ressuscitar numa canção...  
E quem é escravo nas plantações de sisal  
e de algodão,  
por esse Moçambique além...  
O sisal e o algodão que hão-de-ser “pondos” para ti  
e não para mim, meu patrão...

E o suor é meu,  
a dor é minha,  
o sacrifício é meu,  
a terra é minha  
e meu também é o céu!  
E tu bates-me, patrão meu!  
Bates-me...  
E o sangue alastra, e há-de-ser mar,,,  
Patrão, cuidado,  
que em mar de sangue pode afogar  
tudo... até a ti, meu patrão!  
Até a ti...  
(SOUSA, 2011, p. 60-62)

Tais versos ilustram, até mesmo, poeticamente, relações de opressão e, por conseguinte, de exploração enfrentada pelos (as) escravizados (as). Como é de práxis na poética engajada da autora, há questionamentos sobre as durezas da escravidão, bem como da luta pela independência de Moçambique. Da palavra poética, enfim, ecoam gritos de reivindicação de direitos à liberdade e ressoam sussurros protestos e denúncias. E o sangue derramado, resultado de açoites que lhes foram acometidos pelo seu patrão, é tão abundante que se transforma em *mar*, feito de águas vermelhas, manchadas e inundadas por suas dores e aflições, mas que, pela magia da palavra, poderá afogar até o patrão. Novamente, na palavra poética, repercutem fiapos de esperança dos humilhados pela libertação.

As águas e suas fontes de armazenamento constituem poemas de Lica Sebastião, Noémia de Sousa e Tânia Tomé, travestidas de constructos da tessitura e, em menor medida, de personificações e alojamentos de memórias, permeados de repertórios históricos e socioculturais. Mesmo assim, suas recorrências e proeminências aproximam-se bastante das teias poéticas de escritoras negras da Bahia.

## Águas Pesarosas e Libertárias na Poética de Conceição Lima<sup>42</sup>

Quantas vezes nos perdemos, face a face, sem ouvir  
[do rio o som que nos funda e reinventa?

(LIMA, 2012, p. 42)

Mares e rios, em poemas de Conceição Lima, sempre com vozes femininas e africanas, são banhados por águas que seguem e deságuam em versos com movimentos diversos à procura de possíveis reversões, amor e liberdade.

Arquipélago

O enigma é outro – aqui não moram deuses  
Homens apenas e o mar, inamovível herança.

(LIMA, 2012, p. 53)

Em *O amor do rio*, o canto da voz lírica, dona das margens de um rio, desaprisiona a água.

[...]

Na mão conservo os rascunhos, aquela letra adiada,  
[a extensão da rasura.

Do que te dou, eis que não me cabe senão o dom  
[que meus olhos te revela.

São minhas e sem fim as margens deste rio

[...]

Em fogo moldarei então as proporções onde um laço  
[de ndombó amarrará para sempre o nosso amor  
[no mesmo Nilo.

Corpo de onda, quantas vezes passei por ti e não te vi?  
[Quantas vezes rocei teu vulto e te esqueci?

---

42- Natural de São Tomé e Príncipe. Foi jornalista e produtora de Serviços de Língua Portuguesa da BBC de Londres, na Inglaterra. Em São Tomé, foi produtora e coordenadora da Televisão São-Tomense. Atualmente é jornalista e colaboradora de vários periódicos. É autora dos livros *O útero da casa* (Lisboa, 2004); *A Dolorosa raiz de micondó* - Poesia (2006; 2012); e *O país de Akendengué* - Poesia (2012).

[Quantas vezes o espelho separou a nossa frente e nos

[uniu? Quantas vezes esse espelho nos confundiu?  
Quantas vezes nos perdemos, face a face, sem ouvir  
[do rio o som que nos funda e reinventa?

Para ti esta água se liberta no meu canto, se reergue  
[a velha Casa no meu pranto,  
Do meu seio rumoreja a nascente no que quarto.  
Este amor do grande rio nos convoca.

[...]

(LIMA, 2012, p. 40-42)

A voz desse poema, de muitos versos, carrega, imbuídos de rumores e prantos, sonhos e desejos de encontro e liberdade. Em diálogo com o seu amor, questiona a si e ao seu amado sobre o quanto é trabalhoso enfrentar a rotina e os desencontros peculiares a toda da relação. Em meio à procura de respostas e entendimento de tal dinamismo, ela convoca, mesmo assim, o seu querido a encontros amorosos, demonstrando ter esperança de realização de suas ânsias.

Um eu da enunciação, inventado por Lica Sebastião, também se auto-identifica com o rio, mas com a particularidade de ser feito de águas murmurantes semelhantes àquelas cantadas pelas vozes de Conceição Lima.

A minha hidrografia instável  
pede que eu tenha leito, algas, variações.  
E preciso de margens imensas.

O leito transborda  
e eu, rio, choro.  
Estou suspenso e os barcos  
Não me navegam mais.

Não quero ser o Douro,  
nem o Zambeze,  
nem o Mississipe.

Sou apenas um rio de vida  
com as minhas águas a murmurar

o teu nome, incessantemente.  
(SEBASTIÃO, 2015, p. 53)

Águas instáveis e variadas compõem a voz-rio que não se quer outros rios. O rio choroso, feito de águas transbordantes e dolorosas, persegue, na solidão, sem a companhia dos barcos em seu leito, a busca de si mesmo: *rio de vida*.

Em *Canto obscuro às raízes*, poema extenso igualmente ao *O amor do rio*, uma voz nostálgica canta a sua linhagem familiar e ancestral, buscando o outro-eu ao reivindicar o direito ao (re) conhecimento da origem africana do seu primeiro avô.

[...]  
Na curva onde aportou  
A sua condição de enxada  
No húmus em que atolou  
A sua acossada essência  
No abismo que saturou  
De verde a sua memória  
As águas melancolizam com fios  
Desabitadas por pirogas e hipopótamos.  
São assim os rios das minhas ilhas  
E por isso eu sou a que agora fala.  
  
Brotam como atalhos os rios  
Da minha fala  
E meu trazido primeiro avô  
(decerto não foi Kunta Kinte,  
Porventura seria Abessole)  
Não pode ter inventado a Água grande  
O largo leito do seu Ogoué.  
  
Disperso num azul sem óasis  
Talvez tenha chorado meu primeiro avô  
Um livre, longo, inútil choro.  
[...]  
(LIMA, 2012, p. 11-19)

Enquanto as águas de Paula Tavares têm sabor amargo, as de Conceição Lima, semelhante às de Lica Sebastião, nesse poema, têm sentimentos e estados de alma oscilantes

entre o pranto e o ânimo. Águas melancólicas e conturbadas, que formam as ilhas do eu lírico, são permeadas de choros e desejo de “encontro” com suas raízes que não parece ser tão fácil de concretizá-lo. A busca incessante de seu primeiro e continental avô é também, nos versos, um ato de buscar a si mesma, ou seja, uma *vontade do saber* (FOUCAULT, 1993) *de si* e de afirmar aquela *que agora fala*.

No poema *Todas as mortes de Cabral e uma montanha*, tão longo quanto os já aqui mencionados, os versos também são constituídos, ao mesmo tempo, de águas de chuva pesadas e refrescantes.

IV

Escritura

Chove na capital que morto libertaste  
Chove em Bissau, derradeiro planalto  
E a chuva põe no vento uma rajada de pranto.

Há frescos corpos tombados nas águas  
Corpos alheios à vaidade das trincheiras  
Inocentes, completos corpos  
Somados aos soluços da trombeta.

[...]

(LIMA, 2012, p. 89)

O sujeito lírico registra o tombamento de corpos inocentes e, a um só tempo, molhados e refrescados pelas águas das chuvas, em meio aos lamentos da trombeta, às traições e desolações. Corpos silenciados, banhados pelo pranto da chuva, causam estranhamento à voz poética como aquela taciturna onda, de *Espanto*, que assiste à reclusão de uma voz, um nome e uma língua.

E no mar, foi recluso, escoltado caminhante  
De todo o mar apenas foi onda silente  
De marfim os dentes, imperscrutáveis os deuses  
Nenhuma trombeta amparou a mudez  
De sua voz sem doutrina.

Com seu nome e sua língua morreram colinas  
A Ocidente se abriu uma vanguarda de tumbas  
Que expande do desterro a metamorfose  
Em novos hinos, outros abismos chamados ilhas.  
[...]  
(LIMA, 2012, p. 21)

E, teimosamente, seguem dicções literárias de Conceição Lima a entoar cânticos das águas, por vezes, manchadas de sangue e com um gosto pouco doce.

A outra paisagem  
Da lisa extensão dos areais  
Da altiva ondulação dos coqueirais  
Do infindo aroma do pomar  
Do azul tão azul do mar  
Das cintilações da luz no poente  
Do frágil sono da semente a redonda lua, orquídeas mil, os canaviais –  
De maravilhas tais  
Falareis vós.  
Eu direi dos coágulos que mineram  
A fibra da paisagem  
Dos jazigos nos pilares da Cidade  
E das palavras mortas assassinadas  
Que sem cessar pode  
tudo isto e do mais -  
(LIMA, 2012, p. 56)

Pouco encantada com a exuberância das lindas paisagens naturais e aquáticas, apesar de reconhecê-la, a voz lírica opta por cantar cenários que guardam os mortos e as palavras silenciadas, excluindo de seus versos o encanto ao belo. A ela cumpre poetizar outras paisagens, quiçá, expurgadas de tri-lhas literárias. Sob essa mesma esteira de sentido, em *Versão de Deserto*, águas caladas de um rio incerto murmurejam.

Trazido não sei por que apelos, urgências  
Vieste impugnar o momento que me cerca.  
Demora – conclamas – a clara voz em minha boca.

Peço-te porém que repares  
 não agonizam dunas nestes campos.  
 Aqui não jazem ossadas sem registo  
 nem apodrecem espectros de  
 perdidas caravanas,  
 nenhum trilho foi abandonado  
 e não reneguei  
 Não, não reneguei  
 o nome do meu pai.  
 [...]

Lenta a vertigem vai esculpindo  
 os murmúrios de um rio incerto –  
 planto estacas  
 em redor da vigília dos meus mortos.  
 Não anuncio.  
 Tardo e não prenuncio reino ou abismo.  
 Não sou mensageira de vãos sacrifícios,  
 épicas derrotas, novos caminhos.  
 Aqui onde o inferno acontece  
 neste lugar onde derramo e permaneço  
 inauguro a véspera da minha casa.  
 O meu silêncio franqueia  
 O umbral de qualquer coisa.  
 (LIMA, 2012, p. 69-71)

Nesses versos, por decisão do eu feminino que se mostra, escoia seus murmúrios advindos do deserto exterior e também interior a que está acometida. Exausta de tanto sofrimento e cansada de tantas mortes, reafirma-se no inferno em que vive; lamenta as derrotas e tem ânsia por novos caminhos, novos tempos, quiçá, outros sopros de vida e futuros.

Tu sabes que o futuro

À Maria Odete da Costa Macedo

Foi naquela tarde em Coimbra, estava Luandino.  
 Não te cansaste de me falar do mar, os matizes  
 do azul.  
 Não te cansaste de erguer as vozes dos mangais.

Não te cansante de iluminar a extensão dos arrozais.

[...]

Enquanto falavas  
os matizes do mar, dos mangais, dos arrozais  
sustentavam no arco-íris o teu sorriso.

[...]

(LIMA, 2012, p. 70)

É, nesse mesmo percurso, que andam outras vozes de Conceição de Lima. Mediante a perplexidade diante da morte e do sofrimento, quase inevitável, é possível inventar outras ondas, mares, rios, inclusive sinas, como nos breves poemas *Para te Encontrar*, *Colina*, *Fronteira* e *Mulabo II*, respectivamente.

Para te encontrar levantarei os prumos.

Inventarei a casa nos mesmos rios

Para nos descobrir.

(LIMA, 2012, p. 28)

Quando tomba um caminho

Os meninos do meu país desenham colinas sobre as ondas.

(LIMA, 2012, p. 32)

Trespasar é a sina dos que amam o mar.

(LIMA, 2012, p. 44)

Onde labutam, moças, as horas

E o Atlântico

Intima uma serena perplexidade.

(LIMA, 2012, p. 58)

Em *A Dádiva*, há um rio que também persegue esse desejo poético de renovação e mudança, quiçá, inventando outro destino.

[...]

Tinha mares nos olhos o jovem pintor  
o amor dos bosques dentro da pele  
e as palmeiras, o dom de as fazer  
mais rectas e verdes.

[...]  
 Os papagaios lavavam as pernas  
 voavam suaves os lenços nas cordas  
 vestidas eram de vasos e cal  
 as primeiras portas  
 O rio seguia  
 no meio da tarde um outro destino.  
 [...]  
 (LIMA, 2012, p. 77)

Em *Circum-Navegação*, igualmente, voz poética mostra-se afeita e aberta à morte e, do mesmo modo, a outras viagens e viragens.

À Maria Olinda Beja

Os barcos regressam  
 Carregados de cidades e distância.  
 Adormecem os grilos.  
 Uma criança escuta a concavidade de um búzio.  
 Talvez seja o momento de outra viagem  
 Na proa, decerto, a decisão da viragem.  
 Aqui se engendram alquimias  
 Lentos hinos bordados em laceações  
 Sossegaram os mortos  
 Há grutas e pássaros de fogo  
 Rebentos de incómodos recados  
 O difícil ofício de lavar a paciência.  
 Acontece a arte da viagem  
 Tanta aprendizagem de leme e remendo...  
 É quando o olho imita o exemplo da ilha  
 E todos os mares explodem na varanda.  
 (LIMA, 2012, p. 106-107)

Em que pese à inerência da morte, do regresso e da *arte da viagem*, com seus momentos e tormentos, se faz necessário decidir por outras viagens e viragens, assegura a voz poética.

Com sofrimentos, dores, lamentos e mortes, prosseguir é preciso. Assim a poética das águas de Conceição Lima se veste de prantos e murmúrios e, concomitantemente, de desejo de vida, libertação e esperança.



## O Mar em O Canto dos Escravizados de Paulina Chiziane<sup>43</sup>

Composto por 105 “textos em versos”, organizados em 07 livros, *O canto dos escravizados*, publicado no Brasil, em 2018, pela editora Nandyala, é a décima quarta obra de Paulina Chiziane. Narra, ficcionalizando, percursos de africanos em África e nas Américas no período colonial, subjugados à escravidão, com o intuito de reavivar “a memória coletiva: a *África jamais esquecerá os seus filhos*” (CHIZIANE, p. 7).

A obra é uma retomada, inventada, da existência do africano negro, da dor e da esperança, através de um diálogo, também inventado, entre o passado, o presente e o futuro como descreve a voz africana não escravizada de *Testamento de um escravizado*, do I Livro - *Testamento*.

Eu sou o teu passado e o teu presente  
Através de ti retornei à vida, ó filho de África  
Porque trazes no sangue a força de todos os escravos  
És tu que vai hastear para sempre a bandeira da  
liberdade

Escuta a suavidade deste canto de esperança.  
Serena  
Respira o ar puro do alto das montanhas. Reflete  
Busca inspiração na memória da África e do mundo  
Segura com braços firmes a liberdade que se escapa  
(CHIZIANE, 2018, p. 17)

Com esse clamor, no *Canto*, transitam o ontem, vivido, imaginado e em memórias ancestrais (a escravidão, o período colonial em África) e o hoje, igualmente imaginado e vivido (neo-colonialismo, racismo, dominação e transplantação cul-

---

43- Este texto foi, parcialmente, publicado no livro, de minha autoria, *Cartografias em construção – Algumas escritoras de Moçambique* (EDUFRB 2019).

turais, eurocentrismo, aculturação, práticas de embranquecimento, negação de africanidades etc.) tal qual se apresenta em *Escravidura Abolida*, do Livro V – *Canto de Liberdade*.

Escravatura abolida. Gritos de euforia  
 Letras mortas nas cartas de alforria  
 Fim do assalto ao continente africano  
 Morte da dor e ressurreição dos fantasmas  
  
 Quem vai cultivar as plantações de cana-de-açúcar?  
 Quem vai lavar a loiça depois da pantagruélica refeição?  
 Quem? O antigo patrão, ou as suas ociosas senhoras?  
  
 Morreu a escravatura ostensiva, oficial, legal  
 Os traficantes de gente organizam-se novamente  
 E a escravatura ressurgue silenciosa, subtil, invisível  
 Nos cantos mais sombrios do mundo.  
  
 Escravatura abolida?  
 Escravatura antiga com nova face  
 Vestido novo em corpo velho!  
 (CHIZIANE, 2018, p. 116)

O *Canto dos escravizados*, narrativa em verso, é um convite ao lamento coletivo e aos cantos de (des) esperança, imbuída ora por durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora por esperança, fé, leveza, imagens belas, encantadoras e utopias, inclusive, por vezes, alentadoras, ao redor de temas complexos como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros. O texto em verso é, como declara a autora em *Versos Escravizados*: “Com estes versos escravizados, remontamos à raiz de todos os conflitos. São versos livres, tristes, alegres, musicados, para ritmar a dança da história” (CHIZIANE, 2018, p. 10).

Nesse *Canto*, as vozes narradoras entoam hinos à África e aos africanos, pondo, em cena e em relevância, memórias de África e do mundo. Assim, a ficcionalização da “estupidez humana”, como se refere o prefaciador Dionísio Bahule de “O canto dos escravos” (2017), igualmente da autora, à escravidão, e de novos modos de escravização e colonização forjam memórias que não se esbarram em experiências individuais, mas que se desenham na coletividade, o que faz a África jamais esquecer seus filhos, como assinala a autora na “Dedicação” do livro.

Passeiam em *O Canto dos escravizados* diversas vozes narradoras cantantes. A voz de africanos escravizados é apenas uma delas. Eis algumas: *um africano escravizado* em diálogo com um filho de África e a Mãe África (p. 19ss); *escravizado narrador* de suas dores e novos modos de escravização “Dor” (p. 40); “Canto de glória” (p. 32); “Amor e ódio” (p. 54); *escravizado na América* à Mãe África “Meu grito” (p. 41.); *filhos livres e longe de pais africanos* escravizados nas Américas (“Meu grito”, p. 41); *afro-americanos (negros nas Américas)*; *africanos nascidos nas Américas* (“Onde estão eles”, p. 43); (“Desespero” p. 35); *Mãe África* (“Grito de mãe”, p. 42); *africanos nos porões de navios negreiros* (“Tua voz”, p. 33); *um africano velho solitário, ex-escravizado* (“É um filho meu!”, p. 44); *um escravizado morto e imortal*, concomitantemente, (“Canção de Amor”, p. 31); *uma sereia negra africana* (“Sereia negra”, p. 53); *africanos livres em busca dos seus pais nas Américas* (“Cantiga do mar”. p. 48; “Descalços seguiremos”, p. 52); *o mar* (“Estrada de dor”, p. 46); e até *um colonizador* (“Desvarios de um colono”, p. 78).

Ao cantar o continente africano, essas vozes rememoram o mundo sobre a escravidão e os africanos escravizados nas Américas.

América!

América!

És o espaço que faltava para estender-me, florir  
Para expandir-me num novo solo e nova pátria  
És a dádiva que Deus me deu na mais perfeita dor

América!

És a minha nova África!

Construí-te com a força dos meus braços!  
(CHIZIANE, 2018, p. 36)

Os *Cantos*, entoados por essas múltiplas vozes, são odes (e alguns até *Oriki*<sup>44</sup> (em especial, Livro IV - *Transcendência*)) de alegrias, dores, sonhos e honrarias à liberdade. Reúnem inúmeras baladas, ritmadas através do som do tambor.

Toca meu tambor de samba

Toca meu tambor de samba

E leva saudades à minha mãe África  
Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra  
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!

Toca mais alto meu tambor de samba  
Preenche este vazio em me suspendem  
Embala a minha angústia e a minha saudade  
Diz à minha mãe que resistirei, e ao lar voltarei!

Até das tangas fui despojado à espada  
O calor de missangas foi arrancado à bruta  
Diante dos navios da escravatura  
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!  
(CHIZIANE, 2018, p. 34)

São cantos de lamentos, (re) encontros e resistências, asseguram-nos os versos narrativos, não lineares. Ressalto e sintetizo alguns:

1. *O canto de (re) encontro e resistência*. As crises identitárias, a mundialização, as interculturalidades, as práticas de

44- Os *Oriki* (do yoruba, *orí* = cabeça, *kì* = saudar) são versos, frases ou poemas que são formados, no Brasil, para saudar o orixá referindo-se a sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade.

não pertencimento africano, dentre outras, não escoam tão somente na esfera pessoal, ou na memória individual, mas se dar junto com as tramas sociais, coletivas, midiáticas, acadêmicas etc. O (re) encontro com o existir africano, por exemplo, se destaca no Livro III – *Canto de resistência. Voltaremos; Descalços seguiremos* (p. 52); *Sereia negra* (p. 53); *Escuta-me* (p. 58); *Somos o primeiro mundo* (p. 62); *Silêncio* (p. 63); *Podes viver sem mim?* (p. 64); *Aqui estamos* (p. 57); *Voltaremos* (p. 51), são alguns dos versos-narrativos.

#### Sereia Negra

Sou sereia negra e renasci das ondas  
Morri acorrentada no navio e não fui escrava  
Danço eternamente no dorso do oceano  
Sou sereia livre cavalgando o mar

O mar, gémeo da lama africana, é a minha morada  
Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio  
Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés  
Sou sereia bela na dança da eternidade

Como uma boa negra, danço em cada instante  
Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria  
Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi  
Antes morta e livre do que viva e escrava

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 53)

2. *O canto à liberdade e à esperança*. No Livro V – *Canto à liberdade*, os textos em versos evidenciam a resistência frente aos novos modos de colonização em África. Esse livro dedica-se à esperança, salientando a África como o futuro do mundo em, dentre outros, *afro-pessimismo*, (p. 56); *Caminha* (p. 60); *Escreve-te* (p. 122).

Aqui estamos!

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:  
Deus existe! Sem Ele sucumbiríamos nas mãos

dos negreiros  
 Nem a fome, nem a dor e a tortura, exterminaram  
 a nossa raça  
 E resistimos à tortura e morte com a força de di-  
 mante  
 Ensina África, ao mundo inteiro  
 Que Deus existe, pelo milagre de escravos espa-  
 lhados pelo mundo  
 Separados, embora nos erguemos num só grito:  
 Aqui estamos para lutar e vencer  
 E construir a cantar uma África de liberdade  
 (CHIZIANE, 1990, p. 57)

3. *O canto à utopia* é uma ode às possibilidades, podendo tornar possível o que é factível. Os cantos inventam possibilidades exequíveis (*Às vezes penso* (p. 39)). Há um apelo à África: reconhecer-se e resistir perante a espoliação e o neo-colonialismo (*Olhar para ti* (p. 38)).

Às vezes penso  
 [...]
 Agora penso que um novo mundo vai nascer  
 Tanto sofrimento, resisti e resistirei  
 Às vezes penso que o mundo será melhor  
 E por ele lutarei por toda a eternidade  
 (CHIZIANE, 2018, p. 39)

4. *O canto à memória (coletiva) ou de retorno*. Os hinos desafiam ao sinalizar o movimento de retorno: voltar é tomar para si; tomar (tornar) de novo, para (re) tornar-se (nos), coletivamente, às raízes tradicionais africanas, não para procurar origens, mas para procurar e encontrar sentidos e dimensões africanas no aqui e agora, mas tendo em vista o pertencimento a um mundo negado, como se apresentam os versos de *Canto de glória* (p. 32, Livro II – *Canto de dor e desespero*).

Canto de glória  
 Canto ao amor à minha amada Pátria  
 O vibrar dos tambores de África desperta-me para

a liberdade  
A dança de sobrevivência afasta, por momentos,  
a dor de ser escravo  
E faz-me enfrentar o abismo com força diamante  
[...]  
(CHIZIANE, 2018, p. 32)

5. *Canto de esperança e amor à África*. Não é um canto de lamentações, mas de libertação em que construções discursivas e narrativas forjam (inventam) probabilidades de (re) tornar-se africano (a), de reiteração da importância histórica e atual de Áfricas, tal como se desenha no Livro II – *Canto de dor e desespero*. (*América (nova África)*, p.36); *África!* (p.37); *Olha para ti* (p. 38).

África!  
[...]  
Maltrataram-te, mas não alcançaram a tua essência  
Desperta, que a tua energia vibra em cada grão de areia  
Terminou o tempo de dor, és a estrela da nova era  
Celebra e canta o porvir, porque és o futuro  
(CHIZIANE, 2018, p. 37)

Esses árias e vozes coadunam, intrinsecamente, com nossas vivências, lutas e resistências históricas em nossa diáspora. Aqui e lá estamos em busca da liberdade que escapa e de um dizer de si (nós) para além do passado de escravização e da dominação colonial. Aqui e lá lutamos por tomar nas mãos nossa própria existência, a história (o passado), a busca da liberdade, o porvir, a coragem, a luta, a esperança, a reconstrução da África. Aqui e lá, também entoando baladas, reivindicamos o curso da história e o poder de transitar com dignidade, autonomia, altruísmo e liberdade em África e nas Américas, semelhantes às vozes dos textos-narrativos em versos.

Além de tantas vozes narradoras cantantes, outro aspecto que se sobressai em *O canto dos escravizados* é o MAR, como morada e guardador de memórias coletivas.

Estrada de dor

[...]

Resido na memória dos meus descendentes  
No silêncio dos céus e na vibração das ondas  
Resido no ventre do mar e no azul do horizonte  
Onde navega a paz do meu espírito

É belo viver, mesmo depois de morto  
Mais belo ainda é sorrir depois do grande choro  
Imortal eu sou, perdi o corpo escravo e mudei de mundo  
Deram-me a morte à bala, mas ganhei a liberdade dos ventos.

(CHIZIANE, 2018, p. 46)

Ao mar é dedicado parte do II livro (p. 45-48), mas ele, ao longo do livro, estampa em vários versos narrativos. É figurado e relacionado com imagens, por vezes, duras de imaginar, porém inevitáveis: poderoso; há de tudo; conhece tudo; maior cemitério de África.

Estrada sem rasto

[...]

Mar, estrada sem rasto  
Como irei reencontrar os meus ancestrais  
Se apagaste as pegadas de toda a gente?

Mar medonho, quantos negros afundaste?  
Quantos negros morreram nas tuas águas?  
Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos  
És o maior cemitério de África

(CHIZIANE, 2018, p. 47)

Nele reside a dor de escravizados e de filhos de escravizados. É uma estrada de pavor e dor.

## Estrada de dor

Mar: azul horizonte, azul infinito  
A África inteira baila no dorso das tuas ondas  
O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor  
Derramadas pelos cativos em todas as travessias

Mar, estrada de pavor  
Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta  
Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios,  
escravos

Mar, és um eterno cantador como escravo no porão  
És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo  
És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés

Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência

(CHIZIANE, 2018, p. 46)

Desfila o mar também como companhia dos escravizados e aparece, inclusive, como caminho para chegar à América de sofrimento e luta.

Perdido para sempre  
Juntei minha voz ao marulhar das ondas  
Gritei, chorei e chamei por ti, meu Deus  
Para que viesses socorrer da tortura  
E me livrar da escravatura

As ondas bailaram e cantaram só para mim  
As gaivotas executaram a dança dos céus  
[...]

Inveja tenho dos que morreram na travessia do mar

Jamais conhecerão a dor das grilhetas e das correntes

Invejo os que ficaram em África, apesar de colonizados

Porque eu na América me sinto perdido para sempre

(CHIZIANE, 2018, p. 45)

O mar transita em versos narrativos não tão somente como metáfora ou lugar em que se viveu e se guardam fatos, lembranças, atrocidades e mortes, decorrentes da escravidão e do passado colonial. Apresenta-se também como um lócus significativo de invenções de memórias de Áfricas e do mundo, além de voz narradora. Suas ondas são companhia na travessia, mediante a solidão, e, ao mesmo tempo, consolo, para os escravizados.

Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas  
No azul celeste, no azul intenso  
Na cor do céu e do horizonte  
Reside a dor da minha alma

Mas, ó mar, estrada do pavor  
Mar, ó mar, consola a minha dor

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 48)

O mar percorre o imaginário de Paulina Chiziane, em *O canto dos escravizados*, arquivando histórias em que habitam heranças históricas e ancestrais que ligam africanos (as) e afrodescendentes nas diásporas aos antepassados (as) africanos (as) escravizados (as), possibilitando-os (as) reescrever e ficcionalizar histórias e memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, o mar aparece como moradas de memórias, mas também como um baú seguro e quase sagrado, onde residem corpos, lembranças e vozes navegantes, naufragas, memoriais e encantadas, com suas grandezas e mistérios, sedentas de liberdade.

O mar, o mar! Além de morada de recordações e histórias, sitia versos narrativos de *O Canto!*

*O canto dos escravizados* não é um hino de lamentações, mas odes de libertações através das quais se forjam releituras e vozes de (re) encontro, retorno e (re) constituição de Áfricas

e africanidades. Nesta perspectiva, esse *Canto* ecoa em nossas lutas e ressoa em nossos sonhos, utopias, distopias e modos de (re) existir e de exercícios de liberdade. É preciso cantar nossas dores e memórias históricas! Mas é preciso também seguir outros mares e trilhas e construir outros cantos, pontes e travessias, inclusive literárias, a reinventar outros mundos possíveis, tatuados, dentre outros, por dignidade, liberdade, alteridade, justiça e equidade, em Áfricas e nas diásporas.



## **IV- Crônicas das Águas**

Imagens:Valeria Rodrigues e Marcos(mdccruz01). Montagem: EDUFRB



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

A vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu, mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo, mas volta à superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça onde a alma constrói a sua morada...

(Paulina Chiziane)



## Mergulho em Águas daqui e lá<sup>45</sup>

E foi assim pela vida  
Navegando em tantas águas  
Que mesmo as minhas feridas  
Viraram ondas ou vagas

Hoje eu lembro dos meus rios  
Em mim mesma mergulhada  
Águas que movem moinhos  
Nunca são águas passadas  
Eu sou memória das águas.

(Maria Bethânia)

### **Voltei, não Fui**

Chegar ao continente africano, em 2012, foi retornar ao *rizoma* inicial. Dele vim e para ele voltei! Nele estão meus/minhas ascendentes e ancestrais. As sensações e emoções (muitas vezes, indescritíveis e ininteligíveis, embora intensas, densas, plenas e satisfatórias) não foram carregadas de estranhamentos, mas de quem “à casa torna”.

Em Áfricas tem histórias, lugares, paisagens, faces, espíritos, ancestres, sabores, costumes, ritos, culturas, cheiros, marcos, pessoas, grupos etc. que dizem de mim/nós e de afro-descendências e tantos outros que dizem dos múltiplos africanos. São rastros de memórias individuais e coletivas (in) conscientes espalhados pelos céus, mares, terras, ruas, pessoas, patrimônios, fauna, flora, pois, às vezes, percebi-me ciente de histórias, lembranças, similaridades, diferenças e, em outros

---

45- Esta crônica traz fiapos de emoções, subjetividades, vivências e ancestralidades de minha primeira viagem ao continente africano, Moçambique e África do Sul, em 2012.

momentos, apenas pairaram sentimentos de que estava vivendo (re) encontros.

Vivi, em Áfricas, envolvida por situações, pessoas, sensações, pensamentos, expressões linguísticas, histórias, sabores, cheiros que continuamente *revolviam*, conforme sentido atribuído por Foucault e Deleuze, lembranças e memórias vividas e (re) inventadas por mim/nós. *Chiima!* Ah! O *Chima!* Um prato típico de Joanesburgo, em África do Sul, e de Maputo, em Moçambique. *Chima!* Uma espécie de farinha (feita de nosso milho branco) com que se prepara uma espécie de pirão (*Chima*) que acompanha as carnes nas refeições. Ah! O *Chima* me (re) aproximou dos açaçás, *dengué* do meu *Ilê*.

E o *Matapa* (palavra que tem grafia e sonoridade similares a nossa *vatapá*, derivada da língua *bantu*), feito com uma folha semelhante àquela de mandioca, com que fazemos a maniçoba, amendoim pilado, coco etc.? Ah! O *Matapa* tem um cheiro sedutor! Não pude saboreá-lo tampouco aos imensos camarões (com extensão de quase 50 centímetros), devido à rejeição do meu corpo aos frutos de mares e rios, dentre eles, aos crustáceos.

Oceano Índico de águas escuras. Ah! Seus mares e praias! Diferentes na cor e tão lindos quanto a Oceania na Bahia. A orla de Maputo, lotada, em uma tarde de domingo, lembrou-me de nossas praias populares em Salvador!

E a diversidade de mangas também encontradas na Bahia, sobretudo em Salvador, na Ilha de Itaparica, em Santo Antonio de Jesus e no Recôncavo? E ter reencontrado, no Jardim Zoológico de Maputo, o *abiu*, uma fruta muito presente na minha infância e de minhas irmãs, hoje quase inexistente em Santo Antonio de Jesus. E os variados tipos de amendoim com tão semelhantes sabor e cheiro? Ah! O *piri-piri*, uma das pimentas com que se faz um molho picante semelhante àquelas das baianas vendedoras de acarajé, aos que acompanham

nossas feijoadas, moquecas e xinxins e aos que fazemos em nossas casas! Nosso *ata no Asè!*

Identities e diferenças! O som forte dos tambores e a percussão tão dançante e estonteante, tão parecidos, mas também tão originais e singulares! Similaridades e distanciamentos! Como me lembrei da percussão dos blocos afros, afoxés, de diversos/as artistas negros/as e estilos de músicas negras da Bahia e do Brasil! Como me recordei dos toques de nossos atabaques que ruflam em comunidades de asè e nos fazem experimentar *Deuses/as-conosco!*

Vivi, em alguns momentos, sentimentos e experiências míticas e místicas bem semelhantes àqueles já advindos do meu convívio com Orisàs em comunidade. O inusitado disso é reconhecer que o mistério desse movimento se dá em África do Sul e Moçambique, longe de países e regiões de onde derivam o culto e as divindades africano-brasileiras e, ao mesmo tempo, próximo do continente que cultua seus/as antepassados de modo e linguagens peculiares e diversas, inclusive nesses países.

Para a ancestralidade e a espiritualidade, de fato, não há lugares marcados e restritos! Há sim várias *mães terra*, cotidianos, naturezas e seus elementos onde se manifestam e se desenvolvem. Há sim fé, experiências do divino e de divinizações em nós humanos/as e profanos/as, mas também moradas dos/as múltiplos Sagrados/as em nós.

Como me esquecer do pôr do sol e mais ainda da emoção ao vê-lo, em Nkobe, um bairro de Matola, cidade que compõe a Província de Maputo, em Moçambique, substituído por uma lua cheia (de cor vermelha) esplendorosa? Sem entender (e sem querer justificativa), vivi profunda sensação de (re) encontro e de contentamento comigo/conosco, com energias, ancestrais e movimentos interior e exterior similares àqueles que vivencio no cotidiano nas relações em comunidade e com os Orisàs.

Andar e estar pelas feiras livres e mercados (que são muitos!) em Maputo e em Matola, a uma temperatura de mais trinta graus, fora uma oportunidade ímpar de conhecer mais de perto, dentre outros, a cultura e o sabor da culinária local, a agricultura de subsistência e de cruzar traços culturais. Estar nas feiras proporcionou inclusive estabelecer relações com pessoas, socializar histórias, desejos, preocupações, informações, compreendendo proximidades e distâncias entre nós.

Indubitavelmente não fui uma estrangeira em Áfricas, mas parte da grande *cabaça*. Apesar de rapidamente ser identificada como uma brasileira, facilmente fui acolhida como *nós/outros* e reconhecida como uma afrodescendente, parte do *Aiyê* africano, logo filha da *Mama África*. Afinal, daqui vim, apenas retornei!

### **África e Áfricas: Trânsitos e Entrecruzamentos**

Chegar à África, para quem cultua ancestralidade africano-brasileira, construiu identidades de mulher negra, incluindo a descendência africana e aprendeu, fora da escola, que é um continente e não um país, foi uma ocasião ímpar. Como gostaria de que os/as mais próximos/as de mim tivessem a oportunidade e/ou desejassem conhecer esse continente formado por múltiplas Áfricas!

O sentimento de pertencimento, imbuído de (re) encontro com Áfricas míticas, místicas e reais, (sem crises e conflitos) me arrebatou durante todo o período em que estive por lá. Sem a preocupação com a atribuição do rótulo de estar *essencialista* (ou não), o *chão* da minha *Arkhé*, de minha família, da comunidade de *Asè* e de tantos/as outros/as afrobrasileiros/as, sem dúvida, asseguraram que as Áfricas míticas, místicas e reais não se (sobre) opõem. Ao contrário, se desvelaram, seguida e associadamente, nos encontros com as pessoas, cheiros, sabores, sonoridades, artesanatos, *capulanas*, *Xima* etc.

Transitar pelas ruas do centro de Joanesburgo, na África do Sul, foi interessantíssimo. O país guarda um projeto de cidade que os ingleses (os brancos) construíram para eles. Um centro comercial, financeiro..., semelhante aos grandes centros de países europeus, norte-americanos etc. Provocante foi estar em um imenso aeroporto que abriga interesses para além de uma Copa do Mundo (2010).

Mas emocionante foi ir a Soweto; ver a casa de Nelson Mandela e monumentos em homenagem aos heróis e mártires que lutaram contra o *Apartheid*. Instigante foi ouvir histórias de africanos (taxistas) sobre esse sistema, como sujeitos que viveram esse perverso modo de segregação racial, tal qual o da *Escavidão Negra* nas Américas e as desigualdades das relações etnicorraciais, principalmente na terra *Pau Brasil*. Mas, acima de tudo, ouvi-los como protagonistas das lutas *Anti-apartheid* e de reconstrução do país e da vida dos sul-africanos, fazendo histórias e memórias por sua *própria conta* e por suas *próprias mãos*.

Conhecer o *Museu da Resistência*, em Soweto, que conta, com importantíssimos recursos audiovisuais, histórias de sofrimento e lutas pelo fim do *Apartheid* foi inesquecível! Lágrimas me acompanharam, mas também fui absorvida pela alegria de ver nossos ascendentes fazendo novos capítulos de suas histórias!

Ah! Ouvir a sonoridade de palavras, em Moçambique, como *kboni*, *caril*, *matepa*, *mafura*, *pemba*, *gaza*, *maconde*, *kapembe*, *batique*, dentre outras, me reportaram ao vasto repertório linguístico, presente no Brasil, derivado de diversos grupos étnicos africanos.

A diversidade linguística que perpassa África do Sul e Moçambique colocam as línguas inglesa e portuguesa como idiomas, acima de tudo, que facilitam as relações com os outros e com os espaços urbanos. Já as línguas maternas es-

tabelecem e fortalecem os laços entre si. De fato, a língua é, por excelência, produto e produção de cultura, bem como um exercício de poder. É, pois, um instrumento de comunicação, mas também de controle, poder e resistência!

Em ruas africanas, especialmente em Moçambique, senti-me acompanhada, não tão somente pelos meus querísimos/a amigos/a Renato Carneiro, Carlos Danon e Rosangela Souza, mas também por inúmeras pessoas brasileiras, sobretudo minha família materna, minha comunidade de Asè, Ilê Asè Iyà Nassò Okà (Casa Branca), muitos/as companheiros/as de movimentos sociais negros (ou não), muitas pessoas com quem convivo no cotidiano do Brasil etc. Encontrei-me com muitos parecidos/as comigo/conosco.

Conhecer o artesanato e suas variedades, em feiras, núcleos e centros de artes, principalmente em Maputo, foi fascinante. Por ele, conhecem-se mitos, histórias e diversidades. Estar com Sra. Felícia, acompanhada de seu filho Pinto, através de uma *Capulana*, uma artesã autodidata de *batiques*, em sua casa, em *Nkobe*, *Matola*, foi outra realidade dignificante e de interação. A demonstração de seu trabalho e, acima de tudo, de seus procedimentos metodológicos para confecção de sua arte e de seu profissionalismo são inesquecíveis!

Frequentar barracas e restaurantes, em Maputo, oportunizou-me, não tão somente saborear a culinária local, composta por *Guisados* e *Estufados* de diversas carnes de animais, peixes e crustáceos, como também estar com pessoas, tais como Moraes, Yuri, Neltony Tenis Moz, ávidos por descortinar um Brasil para além de seus produtos turísticos e midiáticos, foi, a um só tempo, instigante, prazeroso e interativo. Conhecer o artista *Machumbe*, percussionista e vocalista, e sua banda, com um trabalho de música tradicional e contemporânea moçambicana, me deixou extasiada. O som forte dos tambores de lá rapidamente revolveu memórias daqueles daqui!

Visitar parques, museu e centros de artes e de pesquisas, Biblioteca Nacional, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Instituto Camões, Centro Cultural Franco-moçambicano, dentre outros ambientes, em Maputo, foram fundamentais para conhecer discursos, memórias, significantes e significados que compõem as histórias do país. Estar diante de monumentos de Samora Machel, em Maputo e Matola, um importante revolucionário pan-africanista e primeiro presidente de Moçambique, demonstrou o empenho nacional de contar e firmar lutas, conquistas e histórias de construção da independência política e, quem sabe um dia, também econômica do país. Talvez, por isso, líderes pan-africanistas de Moçambique e de outros países africanos e políticos socialistas, que participaram de revoluções políticas e civis, dão nomes às ruas e longas avenidas de Maputo.

Andar pelas avenidas e ruas de Maputo e Joanesburgo e ver, em suas peças publicitárias (*outdoor*, cartazes etc.) imagens de africanos/as, negros/as, como diríamos aqui, foi consolador e surpreendente. Semelhantes a nós, esses/as compõem a maioria da população, entretanto, aqui, somos invisibilizados e aparecemos, minimamente, para cumprir aparatos legais. Lá, ao contrário, seus rostos estão estampados e espalhados pela cidade, mostrando e confirmando a supremacia da *cara preta* local. Como fez bem aos meus olhos, ao coração e, acima de tudo, ao compromisso político, intelectual e acadêmico com o empoderamento de homens e mulheres negras e, ainda, com a institucionalização de políticas públicas que favoreçam o alcance da conquista de seus direitos civis, políticos e sociais!

Estar em Moçambique e África do Sul, sem dúvida, foi uma oportunidade imensurável de vivenciar um pouco da extensa diversidade cultural que perpassa o continente africano, mas também para lembrar das africanidades construídas no Brasil, ressignificando-as!

## O Encanto e Beleza das *Capulanas*

Ah! Quantos encantos, mistérios e significados revestem as *capulanas* que vestem mulheres moçambicanas! *Capulanas*, de origem árabe, são tecidos, que medem, em média, 1,80 centímetros, com estampas bem coloridas ou quadriculadas, que mulheres jovens, adultas, idosas e crianças envolvem seus corpos a partir da cintura.

Elas também servem para colocar seus filhos no colo. Com elas, pode-se trabalhar com as crianças presas à frente, nas costas ou ao lado de seus corpos. Elas ainda servem de manta ou lençol para lhes proteger. Não só as mulheres as utilizam para carregarem seus/suas filhos/as. Os homens também podem usá-las para lhes carregar, embora, durante o período de estadia em Moçambique, tenha encontrado pouquíssimos abrigando-os assim.

Para além das suas utilidades, interessou-me a sua importância, significados e papéis socioculturais. Com elas, mantêm-se filhos/as protegidos/as, acompanhados sob *os olhos das mães*, mas também intensificam as relações afetivas e comunicativas entre elas e suas crianças.

Apesar de ser um elemento constituinte do vestuário feminino tradicional em Moçambique, normalmente, quem as usam são apenas mulheres jovens, adultas e idosas do meio rural, das periferias e bairros populares de Maputo. Comumente encontramos, vestidas com *capulanas*, mulheres vendedoras de feiras livres, praças, avenidas e ruas de lá.

Já, no centro da cidade, ao contrário, mulheres executivas, trabalhadoras do comércio, funcionárias públicas etc. se apresentam, geralmente, com roupas da indústria de vestuário feminino, advindos da Europa e do Brasil ou com vestidos, saias e blusas feitas com as *capulanas* e outros tecidos com estampas africanas. No centro de Maputo, poucas jovens transitam de *capulanas*. Na Universidade Eduardo Mondlane, por

exemplo, não encontrei com uma estudante ou servidora técnica-administrativa e docente, usando uma *capulana*.

Acompanhar o entusiasmo e o encanto, por um lado, em centros comerciais e lojas, de mulheres e homens comprando *capulanas* também são inesquecíveis! O brilho dos olhos, durante a difícil escolha das mais bonitas e apropriadas para a ocasião a que se destinariam, era admirável! Por outro, entristeceu-me presenciar, por algumas vezes, comerciantes orientais e europeus, também produtores de indústria têxtil, tratarem-lhes de forma tão subjugada, hostil e grosseira!

As *capulanas* ainda me lembraram dos panos da costa que compõem vestes em comunidades de asè no Brasil. Semelhantes àquelas, adornam e envolvem corpos femininos entre o colo e a cintura.

Elas, tecidos africanos, estética e indumentárias de origem africana já, há alguns anos, integram o meu vestuário e performance. Compreendo que meu corpo, além de trazer marcas históricas, pode ser (e é) um ente sociocultural, e não apenas biológico, por isso é político e instrumento de veiculação do meu pertencimento etnicorracial. Assim, com as *capulanas*, tecidos afins, associadas à moda e à indústria têxtil brasileira, quando possível, e são criadas vestes que remetam ao (s) lugar (es) em que fluidamente se ancoram princípios, cosmogonias, traços culturais e cosmovisões que, resignificando-as, circulam, dirigem e compõem o meu estilo de estar no mundo e construindo minhas fragmentadas identidades.

As *capulanas*, aqui e lá, portanto, são traduções de cores, beleza, elegância, histórias, imaginários, pertencimentos e posicionamentos e que perpassam os universos culturais africanos.

## **Dramas e Mazelas em Áfricas**

Em Áfricas, misérias, pobreza e doenças, pouco desenvolvimento também desfilam pelas ruas, becos, vilas, distri-

tos etc. Como a (s) história (s) comprova (m) e explica (m) esses retratos e tristes realidades são produtos de exploração e usurpação histórica de outros continentes e ainda compõe (m) o seu cenário e a vida de muitas populações. Vi, em Joanesburgo e em Maputo, pessoas e comunidades em situações de risco, em extrema pobreza, com moradias e transportes precários e desumanos muito próximos de, com maior ou menor intensidade, outros continentes.

Áfricas se destacam, na mídia internacional, comumente, tão somente pela sua flora, fauna, conflitos étnicos e políticos, abusos de poder, bolsões de pobreza e miséria etc. O descaso histórico e internacional com seus dramas e problemas também são históricos e prementes. Pouco se divulgam os processos e estratégias que, com todas as contradições, controvérsias e ambiguidades, têm sido empreendidas pelos países africanos, em prol do desenvolvimento do continente, os quais, tão recentemente, conquistaram suas independências civis e políticas.

A divulgação e a internacionalização dos dilemas e problemas socioculturais e políticos são, entretanto, notórias e, lamentavelmente, imprimem uma visão estreita e pouco condizente com a *cor local* e com o desenvolvimento do continente africano. Reduzem-nos e reforçam imagens que fortalecem informações e visões sobre Áfricas como um continente, eminentemente, tribal, miserável, primitivo, destituído de processos civilizatórios, de desenvolvimento socioeconômico e sem organização política. Ledo engano!

O encanto com europeização e ocidentalização é outro mal estar que se alastra em um dos países visitados em Áfricas. Os modelos a serem seguidos, em variadas dimensões, inclusive de econômica, consumo e política, são aqueles estabelecidos e construídos por países europeus, principalmente Portugal e Inglaterra, ainda que em crise tão grave no momento.

Em nome da inevitável e talvez hoje necessária internacionalização da economia também, em Áfricas, modelos econômicos de parte das Américas e da Europa nutrem a sua economia e seus processos de desenvolvimento. O mercado dirige não só a economia, mas também as outras dimensões da vida em sociedade, tais como educação, saúde, segurança, trabalho, ciências. Para o mercado, tudo! Ao mercado, princípios, meios e fins!

Assim veem-se desfilar outras formas de dominação e pós-colonização. A maioria da população, embora muitos/as africanos/as estão em processos de ascensão socioeconômica e de intelectualização, está subjugada, cultural e economicamente, à construção e manutenção de bens e patrimônios de uns poucos orientais, brasileiros e europeus. Percebi a prevalência de um poderio econômico de portugueses, brasileiros, europeus, indianos, chineses e árabes e uma assimilação constante e crescente de repertórios culturais desses sujeitos e de seus países de origem.

Os graves índices de desigualdades sociais e econômicos, a dominação cultural e política vistas em Áfricas, pois, que lhes permeiam, não são realidades exclusivas e tão somente desse continente. Em outras partes do mundo, inclusive no Brasil, enfrentam semelhantes situações dramáticas, alarmantes, catastróficas.

### **UEM: 100% de Faces Africanas!**

Como fez bem estar, em Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane (UEM)! Uma instituição de ensino superior pública, mas não gratuita; repleta de rostos africanos (*cara preta*), de várias partes do continente, principalmente oriundos de países africanos de língua portuguesa, entre discentes, docentes, docentes e gestores. Foi tão bom entrar em uma

universidade com 100% de africanos (negros)! Como foi bom visitar Centros de Estudos e Pesquisa em Maputo! Como fez bem conhecer os Centros de Estudos Brasileiros, Africanos e de Gênero da UEM!

Fomos bem acolhidos/as pelas pessoas que conhecemos na UEM. O campus de Maputo da UEM é acolhedor e com uma face bem interiorana, semelhante à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Estar com alguns docentes e técnicos servidores da UEM socializando experiências, sonhos, angústias e projetos acadêmico-científicos foi fantástico e instigante! Trocar dramas, desafios, dilemas e perspectivas da UEM e da UFRB gerou sentimentos de solidariedade e anseios por cumplicidades, cooperação e iniciativas dinâmicas de intercâmbios etc. Aqui e lá há ações e realidades que se aproximam, mas há também inúmeras que são singulares e resguardam as peculiaridades de Brasil e Moçambique.

Valeu a pena conhecer, além dos ambientes físicos, as políticas estudantis e os Centros de Ensino, Estudos e Pesquisa da UEM. Como foi interessante! Nela tem um programa de concessão de notebooks aos estudantes dentre outros. Foi legal ver estudantes da UEM e de outras instituições de ensino superior embaixo de árvores e em outros espaços de convivência, com *WiFi* e *Wirless* grátis, estudando, pesquisando etc.

Os sonhados Quiosques de Convivência, tão desejados pelas Pró-reitoria de Extensão e de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis da UFRB, estão em baixo de árvores, nos corredores, nas áreas verdes, nas escadarias da UEM. Bancos e mesas de cimento e um ambiente cuidado apenas espalhados pelo campus de Maputo; bancos e mesas de cimento com cercados de bambus! Todos esses espaços estiveram continuamente repletos de estudantes enquanto passei por lá! Não há muitas arenas, anfiteatros etc. Há sim mais espaços ao ar livre para convivência. Os auditórios, bibliotecas, laboratórios,

gabinetes, salas de pesquisa, livrarias etc. compõem também o campus. Como fará bem aos nossos discentes conhecer a vida e a situação de muitos estudantes daqui e vice-versa!

A face africana da UEM precisa alcançar também a africanização das epistemologias que nutrem as diversas áreas de conhecimento de seus Centros de ensino e pesquisa. Há, por um lado, nos diversos segmentos dessa universidade, movimentos, pessoas, grupos, projetos, políticas e programas que a isso resistem. Mas, como na América Latina e, mais especificamente no Brasil, há, por outro, na UEM, aqueles/as que primam e buscam pela descolonização do conhecimento.

Na UEM, há alguns docentes que fizeram seus estudos e pesquisas, *scrito sensu*, anos sabáticos etc. em universidades do sul e do sudeste do Brasil. Facilmente nas bibliotecas e livrarias universitárias, encontramos, em suas estantes, obras de estudiosos/as e literatos brasileiros. Editoras universitárias brasileiras são muito valorizadas e elogiadas por traduzirem obras de língua inglesa e francesa para a língua portuguesa.

Encontrei com alguns docentes que conhecem alguns docentes da UFRB e com quem estabelecem relações acadêmico-científicas. Ao ter essa informação, fiquei mais animadíssima a futuramente vislumbrar e a forjar ações em prol de criativos programas de intercâmbios e de cooperação entre a UEM e a UFRB.

Conhecer a UEM, por fim, incentivou-me bastante a embalar sonhos individuais e coletivos de estar (mos), de algum modo (ou de vários modos), mais próximos/as (ou de volta) das terras africanas e de espaços de produção de conhecimento como a UEM. Afinal, parafraseando um verso popular, *Um sonho que se sonha só é pura ilusão, mas um sonho que se sonha junto pode se tornar realidade.*

Em tempos atuais, tão marcadamente por imagens digitais, relutei, no retorno ao Brasil, aos apelos de amigos/as e en-

tes queridos pelas imagens captadas em Áfricas. Ora silencieei, ora disfarcei diante dos pedidos afins, ora os ignorei, propositalmente, diante de insinuações e solicitações imediatas de fotografias. Resisti! Para mim, não é tão difícil captar imagens de ambientes naturais. No entanto, é sempre complicadíssimo e constrangedor fazer isso de pessoas isoladamente e/ou em grupo! Sempre considero que é direito do/a outro/a (e meu também) de manifestar consentimento ou não. Tudo isso para lhes comunicar que talvez (e certamente) o conjunto de fotografias que trouxe de Áfricas não atendam satisfatoriamente às suas expectativas.

Não obstante isso ainda não socializei imediatamente o acervo fotográfico produzido por lá para me disciplinar a realizar ao que me determinei: ter múltiplos acervos e registros do tempo em Áfricas, além daqueles recriados e armazenados na memória, inclusive a escrita.

Considero importante que também as palavras, tão quão as imagens, tão fluidas, instáveis e vazias de significações, também se trancem e se teçam para provocarem amigos/as, entes queridos e possíveis leitores/as a costurarem, com fiapos de memórias inventadas, sentidos as minhas leituras, interpretações e tessituras. Assim os retalhos de memórias, aqui apresentados, não pretendem relatar fielmente, tampouco têm compromisso com o vivido em Áfricas. Ao contrário, registrar esses fiapos e rasgos de palavras é uma possibilidade de convidar outros/as a tecermos, a partir e com eles, narrativas e memórias de Áfricas, africanidades e africanizações.

Rumo agora a sonhar o retorno a outras Águas e Áfricas!  
Rumo à invenção de outras Áfricas!

## Lua K Anda e as Águas de Kianda<sup>46</sup>

Luanda não é aqui! Luanda, aqui!  
Brasil vem de lá! Brasil, aqui! Brasil, lá!

Estar em Luanda-Angola, entre os dias 10 e 17/9/2014, para participar do evento *Rota Literária – Travessias Brasil-Angola*, convidada pela escritora Isabel Vicente Ferreira, foi uma oportunidade ímpar para conhecer pessoas, lugares, experiências individuais e coletivas, repertórios socioculturais e, sobretudo, para estar em terras e mares em que se abrigam memórias ancestrais e intrínsecas relações e imbricações culturais com a Bahia-Brasil.

Conhecer a orla de Luanda em uma madrugada e o mar (e andar sobre ele para ir à ilha de Mussolo), onde reside a Grande Mãe Ancestral Kianda, já a mim apresentada por textos literários de Angola, com semelhantes arquétipos aos de minha querida Mãe lemonjà, foi indescritível!

Estar com estudantes e docentes das Universidades Imetro, Católica e Agostinho Neto também jamais esquecerei. Quão bom foi testemunhar o interesse e a avidez pela construção do conhecimento! Quanta aprendizagem e socialização! Quanto compromisso com a Educação!

Falar de literatura de mulheres angolanas negras para/ com angolanos/as foi muito bom. Quanta emoção e contentamento! Quantas descobertas! Mulheres fortes, demasiadamente humanas, com o exercício ou arte da escrita, inscrevem seus nomes e obras. São vozes femininas angolanas, altivas, senhoras de si e, de algum modo, revolucionárias. Criam au-

---

46 - Esta crônica é um retalho das vivências em Luanda-Angola, em 2014, decorrente da participação do Projeto *Rota Literária – Travessias Brasil-Angola*.

daciosas memórias de um lócus e de um povo multifacetados e plurais, linguística e culturalmente. Inventam memórias de si/nós e de Angola, de suas cidades, províncias e de seus mais recônditos lugares.

Neste sentido, contam de si, de sua gente e de seus territórios, desafiando os/as leitores/as à difícil tarefa de serem contemporâneos/as, cosmopolitas e cidadão/ãs com os pés fincados em saberes tradicionais e legados ancestrais, ou pelo menos, em diálogo. Quanta poesia!

Passeiam entre a tradição, a modernidade e a contemporaneidade, contando histórias de uma Angola que ora parece não mais existir e que não se deseja a sua permanência, ora uma Angola que precisa resistir, com o que há de materialidade e simbólico, mediante as multi/inter e transculturalidade, as políticas neoliberais e a globalização, necessitando, permanentemente, de ser reinventada. Quanto nutrem (e buscam) o desejo de internacionalizarem sua literatura!

Não menos regojizante foi, ao assistir ou participar de programas de rádio e TV, estar em meio de públicos, auditórios, profissionais de comunicação e dos outros setores constituídos por 100% de africanos/as negros/as. Como sonhei ver isso, igualmente, no Brasil, que também tem a maioria da sua população negra!

Conhecer e estar com estudantes da educação básica do bairro São Paulo, na sede da Casa de Cultura Brasil-Angola, foi e será uma experiência inesquecível! Quanto carinho e deferências recebidas!

Ah! Ilhas de Luanda e Mussulo! Quanta beleza!

Quanta formosura de homens e mulheres angolanas, que têm poder aquisitivo, para, permanentemente, se apresentarem em traje esporte fino ou às mulheres e homens pobres que, com trajes e tecidos africanos ou “brasileiros”, igualmente, desfilam altivez e elegância! Contudo, são alarmantes as

práticas de europeização, embranquecimento e americanização estético!

Os tipos humanos, populares ou não, que circulam por Luanda e adjacências em muito se parecem com muitos brasileiros e baianos! Às vezes, tinha a sensação de que o Brasil é Angola. Ou será o Brasil Angola? Ou são os dois em um?

Por vezes, quando em silêncio, fui confundida como uma mulher angolana, apesar de trajes e cabelos bem distintos das mulheres que circulam pelas ruas e ambientes de Luanda. Embora o idioma em comum, mas ressignificado por um português de Angola, o uso é por demais diferente e variado. Assim, ao falar, logo vinha à tona a identidade circunstancial de uma estrangeira brasileira. Semelhante ao Brasil, é recorrente a presença de vocábulos das línguas nacionais de Angola, a exemplo do Quimbundo, nomeando lugares, coisas, pessoas, culinária etc.

Na memória ainda guardo os diversos sabores típicos, ora picante, ora agridoce, ora azedo e amargo, ora doce e suave das comidas e bebidas, que também, por vezes, se assemelham a nossa gastronomia, como o Funge (próximo do nosso pirão) e o Calulu (próximo do nosso caruru no sabor, na grafia e fonologia).

A diversidade musical das terras angolanas merece destaque, bem como a presença musical brasileira. Como desejei que entre nós também fossem tão frequentes os estilos musicais de Angola em ambientes privados e públicos, em redes sociais, nas rádios e nas TV brasileiras!

Luanda é uma cidade demasiadamente populosa; com um trânsito caótico e com um intenso mercado de petróleo e diamantes. Tem um custo de vida altíssimo! Chega a ser assustador! Vive a especulação imobiliária, sem planejamento e as preocupações ambientais e de sustentabilidade necessá-

rias (parece-me!). Quantos bairros e condomínios novos e em construção! Muitos por construtoras brasileiras.

Angola é alvo da exploração e da dominação do capital estrangeiro e de grandes proprietários e investidores. Há distância entre ricos e pobres é alarmante! Percebem-se, escancaradamente, a pobreza e a miséria nas ruas e periferias de Luanda.

Em condições indevidas, muitas vezes, também se repete por lá a prática de vendas de alimentos, objetos, vestuários... em feiras, praças, avenidas etc. Para muitos, a maioria mulheres, é a única fonte de renda e de sobrevivência sua e de seus entes queridos. Quanto me lembrei de nossas feiras livres daqui!

Que pena as estratégias de cristianização de Angola das múltiplas denominações cristãs presentes no país! É lamentável!

Ainda assim, vivo, nesses dias, a saborear o acolhimento e carinho, a mim destinado, por tantas pessoas de Angola e o que por lá vivi e conheci. Sou muito grata por isso!

Luanda, uma cidade, em desenvolvimento, como todo o país de Angola, guarda beleza e histórias. Tem uma economia e em crescimento pulsante Mas circula nela um celeiro de dramas humanos e sociais. Apesar de independente desde o ano 2002 e vivendo o pós-guerra, quarenta anos depois, em estado de paz, ainda há muito a se construir no âmbito do cumprimento dos direitos humanos e culturais, no exercício da alteridade, na superação das desigualdades sociais e no exercício da equidade e da paz como fruto da justiça.

Torço para que, não muito distante, as Mães Ancestrais, *Kianda* e *lemonjá*, permitam que eu realize outras rotas e travessias Brasil-Angola e, oxalá, por outras águas africanas, mares e continentes!

Sigamos com as Águas!

# Oceano Índico - Mar de Águas Cinzas, Turvas e Cristalinas

*Moçambique – quem te conhece não te esquecerás jamais.*

A viagem a Maputo, em 2016<sup>47</sup>, teve como objetivo cumprir parte da pesquisa do Pós-doutoramento, em desenvolvimento, ou seja, coletar informações e obras de autoras moçambicanas, mas as experiências ultrapassaram-no e foram enriquecedoras. Foi um período bem intenso por lá vivido, pois, além do trabalho de pesquisa realizado, foi bastante produtivo e com encontros e reencontros imensuráveis. Neste sentido, retornar a Maputo foi muito providencial e restaurador, visto que me senti revigorada física e emocionalmente.

Coincidência para alguns, cuidado, providência e afeto ancestral, para outxs, a escolha, em um site, da hospedagem em Maputo, me conduziu ao *Guest Moringa Hotel*. Que boa surpresa! Lugar, confortável e encantador! Mais maravilhosos ainda foram o acolhimento e a estadia!

Ao terem conhecimento dos propósitos da minha estada em Moçambique, as queridas recepcionistas Teresa e Tânia logo me informaram que aquele hotel era propriedade de uma escritora, cantora e atriz. Nada mais, nada menos que a empresária Tânia Tomé, autora do livro *Agarra-me ao sol*, que adquiri em 2012, quando estive em Moçambique pela primeira vez. Além de Tânia Tomé, dessas funcionárias, as outras

---

47- Retornei à Moçambique, entre os dias 26.09. e 10.10.2017, para dar continuidade à pesquisa “A literatura afro-feminina em Moçambique e na Bahia” e entre os meses de outubro e novembro de 2019, quando ocorreu o lançamento do livro, de minha autoria, *Cartografias em Construção – Algumas Escritoras de Moçambique* (EDUFRB, 2019), durante a V Feira do Livro de Maputo. Nessas viagens, além do convívio com a cultura local e a participação em vários eventos acadêmicos e artísticos-culturais, destaco os (re) encontros afetuosos e promissores com pessoas queridas e escritoras moçambicanas, participantes dessa pesquisa.

Mabene, Auaua (sic!) e Cremildes, imediatamente, juntaram-se a mim e não pouparam esforços em colaborar comigo para a concretização das minhas intenções de viagem. As funcionárias, além de muito afeutas e cuidadoras, providenciaram livros de autoras moçambicanas entre amigos e entes queridos e o meu encontro com Tânia Tomé. Essa, por sua vez, muito amorosa e acolhedora, promoveu encontros entre mim e as autoras Sónia Sultuane e Fátima Langa, bem como o contato, a confiança e o livro autografado *Entre o Índico e o Atlântico* – ensaios sobre literatura e outros textos, da pesquisadora Sara Jona, com a qual não foi possível me encontrar pessoalmente. A cada conquista da pesquisa, elas vibravam intensamente! A mim cabe agradecer, agradecer e agradecer!

O convívio com outras pessoas moçambicanas foi também bastante salutar nas instituições, comércio, restaurantes, ruas, praças, jardins etc. Quanta receptividade e disposição para melhor atendimento! Como já se sabe, a relação com os africanos euro-descendentes, com estrangeiros, em especial, orientais e agora dos chineses, por vezes, imperam, infelizmente, a pouca cordialidade e o pragmatismo do comércio e dos negócios.

Como fora bom ter encontrado novamente, por duas vezes, meu grande e terno amigo Youring Ntove (Yuri), que conheci na viagem de 2012. Quão boas foram nossas conversas sobre o Brasil e Moçambique e nossas andanças pelo Mercado Janet (uma das feiras populares de Maputo)! Comer com ele *Chima*, com carnes de aves, acompanhados da única cerveja nacional *M<sup>2</sup>*, por sinal bem saborosa, e interessantes papos, nesse mercado, foi bom demais! Inesquecível!

Impressiona sempre o nível de informações de Yuri sobre o Brasil e, mais ainda, seu olhar e posicionamentos críticos sobre aqui e lá. Comprometido com a sua vida profissional e familiar, dedica-se a estudar sobre a cultura e política de Mo-

çambique e a África. Surpreendo-me como ele me apresenta Moçambique. Embora muito jovem, tem a África no Coração!

O acolhimento da escritora Fátima Langa também será inesquecível! Estive em sua casa por várias vezes e, carinhosamente, me adotou como sua irmã. Através dela, conheci e estive com seus filhos, sobrinha e neta e fui apresentada ao economista Alberto Simão, ao embaixador da Venezuela em Moçambique, vários escritores, intelectuais e amigos dela. Profundamente grata pelo convívio!

O encontro afetivo, literário e intelectual com a autora Sónia Sultuane ainda ecoa nas minhas lembranças e no coração. Quanta dedicação e compromisso com a arte, em especial, da palavra!

A cidade de Maputo, embora mais limpa e em desenvolvimento, ainda não desfruta, devidamente, dos serviços, cuidados e organização merecidos e necessários. Ainda assim o mar e suas praias continuam exuberantes com suas águas cinzas, turvas e cristalinas! Cidade de terra preta e clima quente, mas, nos dias em que lá estive, ventos fortes e temperaturas baixas predominaram. Trovões e tempestades, sobretudo à noite, tornaram os dias sombrios e frios, embora o sol quente entre as metades da manhã e da tarde. Que lindas paisagens!

Como foi bom conhecer outros sabores, principalmente, outras farinhas e feijões! Bom também foi saborear novamente a *Chima*! A agricultura familiar e a pesca artesanal ainda tomam conta das ruas, praças e mercados populares (feiras livres) de Maputo, através de mulheres das vilas e regiões circunvizinhas. A indústria alimentícia ampliou as possibilidades de produtos integrais e chamados mais saudáveis. Continua, contudo, a prevalência da importação da alimentação, com exceção dos vegetais, peixes, animais, aves, frutos do mar e dos rios, proteínas naturais e pouquíssimos derivados, como, infelizmente, ocorre com a maior parte dos bens de consumo no país e no continente africano.

O mercado informal, formado por uma variedade imensurável de produtos, a maioria importados, permanece intenso, como uma (e talvez a única) alternativa de busca de sobrevivência e enfrentamento da pobreza e da miséria dos homens e seus familiares. Circulam homens e mulheres por toda parte da cidade. Eis um dos tantos dilemas que permanece em Moçambique! Cada vez mais, afloram desafios e contradições diante de processos necessários em prol da industrialização de países africanos. Indústria não gera renda; gera lucros e mercados etc., mas parece ser necessária para o crescimento econômico financeiro e econômico de poucos e para sobrevivência de muitos. Mas como desenvolver sem auto-sustentabilidade, dependente do mercado e capital internacionais, sem indústrias e sem políticas de geração de renda e trabalho?

Maputo está povoada de estabelecimentos bancários, de vendas de equipamentos eletrônicos e de telefonia móvel. Atualmente, além de se comprar a energia elétrica no modo pré-pago, como em 2012; se adquirem também recargas para telefones celulares dentre outros. Já se pagam pequenas e grandes contas, no ato da compra, por cartão bancário e de crédito, nas modalidades crédito e débito, mas também por celular.

São notáveis transformações econômicas e sociais que vêm ocorrendo no país em função de novas políticas ligadas aos projetos de reajustamento estrutural e ainda do impacto da guerra. Consequente mobilidade das populações tem provocado mudanças na vida das pessoas, inclusive culturais e sociais. Percebem-se novos processos de reconstrução, de reorganização e de reintegração, visando enfrentar crises atuais de toda ordem, principalmente, econômica e política.

Denotam-se também práticas e políticas de africanização do país, de preservação e ressignificações de suas culturas e sociais. Percebe-se, neste ínterim, que envidam esforços de valorização da tradição local, utilizando repertórios e memórias do

passado. A inclusão de línguas banto, de acordo com as predominantes de cada província do país, por exemplo, no currículo da educação básica, indica novos tempos e possíveis diálogos entre as tradições e o contemporâneo. Crescentes centros, grupos de estudos e pesquisas dedicam-se às produções acadêmico-científicas e publicações, nas mais variadas áreas do conhecimento, sobre temas e questões locais, relacionadas à cultura, sociedade, política, economia, saúde, ciências naturais e da terra, religião, história, dentre outras, de Moçambique e de Áfricas.

Mesmo com a notável transmutação cultural e interculturalidade da cidade, permanecem práticas tradicionais, as quais parecem que pouco se dissiparam. Ainda assim, presumo que, semelhante ao Brasil, ocorrem clandestinidade e folclorização e, ainda são postos à margem repertórios culturais e espirituais tradicionais. Heranças culturais como danças, culinárias, musicalidades, etc., pouco a pouco, travestem-se de produtos culturais favoráveis ao crescimento e fortalecimento do turismo local.

O *Zione*, prática religiosa milenar de culto aos espíritos, onde estão presentes elementos das tradições culturais locais como o respeito pelo culto dos antepassados, os modelos de adivinhação, os rituais de cura, o simbolismo das cores, etc., por exemplo, hoje é, comumente, reconhecido como exercício e expressão do curandeirismo e da feitiçaria, ligados ao mal. Denominações cristãs e islâmicas, o pentecostalismo e neocolonialismo a veem, muitas vezes, como prática satânica. Muitos adeptos africanos aderem aos seus discursos e práticas impositivas de demonização de costumes, ritos e dos saberes medicinais milenares. Alguns desses chegam encarcerar e acorrentar seus pais e avós quando eles não atendem às proibições domésticas de manifestações culturais e religiosas afins. Outros lhes expulsam do convívio e cuidado familiares. Abandonados, restam-lhes apenas os lares institucionais (Casas do Idoso) do País. Quase diariamente, enquanto estive por lá, assisti, infeliz-

mente, a notícias desse teor em jornais e programas de TV, o que me causou profunda tristeza e consternação.

Grande foi o meu contentamento, por outro lado, ao encontrar tantas mulheres moçambicanas com cabelos naturais e mais ainda a multiplicidade de possibilidades de trançados. Que alegria ver, com frequência, mulheres com torços e turbantes amarrados, altos e baixos e de modos variados, sobre suas cabeças! Esse cenário difere, potencialmente, daquele visto em 2012, quando as mulheres, que podiam ou se sacrificavam para isso, transitavam pelas ruas da cidade com implantes, perucas ou *mega hair* lisos e, a maioria, feito de “cabelos brasileiros”, muitas vezes, chegados lá por contrabandos, resultado de extorsões e violências praticadas contras mulheres indígenas do Brasil.

Atualmente se encontram ainda muitas mulheres moçambicanas com cabelos sintéticos, oriundos, acima de tudo, dos Estados Unidos e do Brasil, aplicados ou alisados, mas a predominância são os penteados com tranças, apliques ou crespos. Infelizmente, os cabelos alisados, tendo como referências os de eurodescendência, ainda compõem as imposições dos ditos e prescritos padrões de beleza e são marcas e expressões de preconceitos e racismo aqui e lá. Prova disso, é o adágio que se circula por lá de que mulheres, filhas de pais africanos, não têm cabelos. Contrariamente, costumo afirmar que há e em abundância. Ocorre, no entanto, que as práticas, semelhantes as do Brasil, de uso de produtos químicos para alisamento, por vezes, apodrecem, destroem os cabelos e até infertilizam o couro cabeludo, inibindo, muitas vezes, o seu nascimento e o crescimento. Tais consequências, dentre outras, provocam, certamente, a queda e a perda de cabelos, tornando, em alguns casos, irreversíveis. Mas, paulatinamente, há movimentos estéticos, políticos e, com menos louvor, também de consumo e industriais, que imputam outros modos

criativos de nos tornarmos mulheres negras brasileiras e africanas. Que bom encontrar mais mulheres “africanizadas”!

Sob essa esteira da estética, destaco ainda o uso das *capulanas* e tecidos africanos, apesar desses, cada vez mais, serem importados, produzidos por indústrias têxteis estrangeiras e, cada vez menos, pelos modos tradicionais e locais. Outrossim foi encantador ver muitos homens e mais as mulheres moçambicanas, pobres ou não, transitarem nas longas avenidas e por suas transversais de Maputo, com vestuários feitos de tecidos africanos, com cortes e estilos ora tradicionais ora mais contemporâneos. Alegre foi assistir a isso se repetir em programas de TV que, por sinal, continuam com a prevalência de homens e mulheres africanos negros, provando de que são maioria da população. Diferente daqui que somos também maioria da população, mas permanecemos minoria nas telas e em suas programações.

Refiro-me ainda à pesquisa realizada no âmbito do Pós-Doutoramento em curso, *A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil*, principal motivo da minha viagem. Vale ressaltar que essa foi a primeira viagem internacional que fiz como pesquisadora.

Aqui no Brasil construí uma lista com 84 nomes de escritoras moçambicanas pesquisados em estudos sobre literatura moçambicana e africanas de língua portuguesa e em sites. Algumas delas já tinham informações de suas obras e dados biográficos, outras constavam apenas os nomes. Dessa relação, outros nomes de autoras e obras foram acrescentados, através da aquisição de livros em livrarias e sebos da cidade. Fiz uma varredura, por vários dias, em suas prateleiras, nas quais, infelizmente, prevalecem obras de autores moçambicanos. Além deles, encontrei, ao máximo, obras de Paulina Chiziane, Fátima Langa, Lília Momplé e outras que publicaram suas primeiras obras mais recentemente.

Outros nomes foram suprimidos dessa lista, durante a pesquisa, pois eram pseudônimos de algumas delas ou de algum autor homem. Esse foi o primeiro elemento importante da coleta de dados. Ana Céu Coelho, por exemplo, teve como pseudônimo Maria Pacóvia, ao publicar crônicas, em jornais, em Lourenço Marques, hoje Maputo, na década de 50, com esse pseudônimo. Já, em 1963, publicou o livro *O Último Batuque*, como Maria do Céu Coelho. Esse livro quase não tem valor literário, pois ela relata as aventuras e o trabalho de caça a jacarés e crocodilos, para comercialização, realizados com seu esposo em áreas rurais de Moçambique. Tais informações e o acesso ao referido livro foram possíveis durante os dias de pesquisa no Centro Cultural Português – Moçambique, Instituto Camões, da Embaixada de Portugal em Moçambique, onde, por três dias consecutivos, estive a realizar leituras e pesquisas de obras de autoras moçambicanas como Lília Momplé, Isabel Ferrão, Paulina Chiziane dentre outras.

O segundo dado relevante foi a informação adquirida no Arquivo Histórico de Maputo de que algumas escritoras que constavam nessa lista não eram moçambicanas e sim portuguesas. Eram filhas ou esposas de portugueses colonizadores que residiram em Moçambique durante a colonização. Elas publicaram, possivelmente, em jornais e revistas, que circularam em Moçambique, ou até em livros, e, após a independência, retornaram com seus familiares para Portugal.

A Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) foi a segunda instituição de visita e pesquisa, onde permaneci por dois dias. Além do bom acolhimento do escritor Amosse Mucavele e de Ruth, a secretária da AEMO, tive acesso ao seu catálogo, às obras publicadas por autores e autoras moçambicanas e, especialmente, à primeira edição de *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa. Através dessa Associação, adquiri

vários livros de autoras contemporâneas que publicaram por essa instituição, tais como Sónia Sultuane, Fátima Langa<sup>48</sup> etc.

Em Moçambique, há quase 50 instituições de ensino superior, mas com centros de pesquisas, já consolidados, são apenas a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade Pedagógica (UP). Essa é caracterizada pela multicampia, estendida por diversas províncias do país, e pela diversidade dos cursos de graduação. Por dois dias consecutivos, frequentei a Biblioteca Central e a do Centro de Línguas da UP. Nesses espaços, consultei algumas obras de Lília Momplé e Paulina Chiziane, porém me dediquei mais à leitura e pesquisa de Antologias de poetas e escritores africanos, organizadas por pesquisadores ou escritores portugueses ou africanos de língua portuguesa. Mais uma vez, constatei a predominância de textos de autores africanos de língua portuguesa em detrimento da presença quase insignificante das autoras.

Em *50 Poetas Africanos*. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe (1997), Antologia Poética, organizada por Manuel Ferreira. encontrei apenas poemas de Noémia de Sousa (Moçambique) e Alda Lara do Espírito Santo (São Tomé e Príncipe). O organizador declara ser uma antologia incompleta, por isso cita alguns nomes ausentes. Apresenta 34 autores de Angola: desses, só há as escritoras Alda Lara e Deolinda Rodrigues; 28 de Cabo Verde, mas apenas duas autoras Yolanda Morazzo e Gertrudes Ferreira Lima; 19 de Moçambique, mas sem indicação de nomes femininos; 06 de São Tomé e Príncipe, com a indicação somente de Nhana e Maria Manuela Margarido.

Na antologia *Moçambique – Encontro com escritores*. III Vol, organizada por Michel Laban, há poemas de 15 escritores, mas desses, só há texto da autora Paulina Chiziane.

---

48- Fátima Langa (1953-2017), saudosa amiga, irmã e “madrinha” moçambicana.

E, diferentemente das demais, a antologia *A Arqueologia da Palavra e a Anatomia da Língua. Antologia Poética* (2013), organizada pelo poeta moçambicano Amosse Mucavele, reúne poemas de 85 escritores de países de língua portuguesa, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Macau e Moçambique. Desse total, 25 são autoras: 05 brasileiras, 03 moçambicanas, 08 portuguesas, 05 cabo-verdianas, 01 do Timor Leste e 01 de São Tomé e Príncipe.

Na UEM, passei um dia inteiro, a visitar a Biblioteca Central, a Faculdade de Letras e Ciências Sociais, o Centro de Estudos Africanos e o Centro de Estudos Antropológicos e Sociais. Fui bem acolhida pelos (as) bibliotecários (as) e seus (suas) assistentes. Embora tenha obtido pouquíssimas informações sobre as obras e autoras procuradas, encontrei vários estudos afins à pesquisa.

A UEM, sempre que visito, fico perplexa, positivamente, pela sua estrutura, infraestrutura e extensão territorial. Impressionam-me demais o nível e a qualidade das instalações, da organização e, mais ainda, a diversidade, a intensa dinâmica dos seus segmentos e a circulação de centenas de estudantes africanos dentro dos pavilhões de ensino, nas bibliotecas e laboratórios e, principalmente, nas suas áreas externas. Gosto de vê-los espalhados por debaixo das árvores em estudos individuais e em grupos ou conectados à internet, com acesso à rede Wi-fi, através de seus notebooks ou aparelhos celulares.

Em todas as instituições visitadas, chamou-me bastante a atenção o silêncio nos ambiente de pesquisa e estudos, acima de tudo, nas bibliotecas. Há um “acordo implícito” dos que frequentam tais espaços, pois não há avisos externos afixados solicitando tal comportamento. Quando, por algum motivo, alguém infringe “tal acordo”, imediatamente, alguém pede silêncio por meio de sinais, gestos, olhares etc.

Por fim e não menos importante destaco a *II Feira do Livro de Maputo*, que aconteceu entre os dias 6 e 8 de outubro próximo passado. Com uma vasta programação, da qual participei de várias mesas, palestras, saraus, homenagem ao escritor Juvenal Bucuane e shows, na *Feira*, encontrei algumas obras, textos de autoras e estudos sobre literatura e cultura em Moçambique.

Só por isso a *Feira* já teria garantida a sua importância para minha estada em Maputo. Mas, além disso, fui agraciada por ter presenciado, no terceiro e último dia da feira, o desfile, de práxis, seguindo a tradição, concomitantemente, de noivos e convidados, após a celebração matrimonial, com suas danças e músicas de suas localidades no Jardim Tunduro, onde se realizou a Feira. Impressionante a elegância, o colorido e a alegria que irradiaram o Jardim daqueles inúmeros grupos. Iguamente inesquecível!

Além desse momento tão especial, legal e interessante foi encontrar o *stand*, visitado por mim durante os três dias da *Feira*, da *Iverca*, uma organização não governamental do bairro periférico Mafalala, de Maputo. Essa entidade me foi apresentada por Neri, um jovem dessa comunidade, membro da organização e agente de turismo de lá. Organizada pela *Iverca*, na Mafalala, há uma biblioteca comunitária, grupos de danças e músicas tradicionais, grupo de teatro etc. O objetivo principal, dessa organização, é tornar Mafalala um ponto turístico de Maputo, através de um turismo consciente e autossustentável, mostrando a capital a partir de onde ela começou e como está atualmente. Tal qual Yuri, Neri tem várias informações sobre a vida cultural e política do Brasil e posições críticas sobre a conjuntura política e cultural de Moçambique. Bom demais saber que a cultura e a vida pulsam para além das instâncias institucionais, governamentais e da indústria turística de lá!

Para culminar sobre os encontros na *Feira*, fui contemplada com o afeto e a companhia das autoras queridas Paulina Chiziane e, em especial, de Fátima Langa, com quem permaneci mais tempo e participamos de algumas atividades. Sou muito grata também por isso!

Ademais, impera a gratidão de ter realizado essas viagem de trabalho científico, a qual não estava planejada para este ano, mas que fui surpreendida de alegrias, bem-querer e realizações. A aquisição de quase 40 livros das autoras foi bem oportuna, haja vista que não teria adquirido se não estivesse estado lá. Com exceção de alguns livros de Paulina Chiziane e o de Noémia de Sousa, os demais foram publicados por editoras moçambicanas e particulares das autoras, sem distribuição para o Brasil; e aqueles publicados até década dos anos 2000, estão esgotados.

As informações sobre as autoras e suas obras, bem como sobre literatura moçambicana, obtidas, através da pesquisa e coleta de dados foram, de modo semelhante, relevantes. Mas todo esse acúmulo só tem significância, para além da sua utilidade para os propósitos e resultados da pesquisa de Pós-doutoramento, na medida em que se associa às inúmeras experiências, algumas aqui relatadas, e aos diversos (re) encontros, surpresas e sentimentos lá vividos e que ainda transbordam, ecoam e ressoam sobre o meu ser e viver e meus dias que seguem. Neste sentido, foi também uma viagem não tão somente de crescimento e renovação intelectual, mas também de restauração e revigoração humana.

Acolho a, viagem, nesta perspectiva, como expressão do cuidado, generosidade, misericórdia e afeição dos (as) Ancestrais e daqueles (as) em quem acredito e sigo. Por isso dou graças e a eles (as) devolvo a confiança e o afeto. Sigo nutrindo o desejo e sonhos de retornar à Ilha de águas cristalinas e cinzas.

Sigamos com as Águas daqui e lá!

Imagem: Laurent Shimidt



Fonte: [www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)



## Referências

ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Marcus Guellwaar. *Ajeum poético da Ogum's*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

ADÚN, Mel. *Idílio*. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.) **Cadernos Negros** – contos afro-brasileiros. Volume 30. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

\_\_\_\_\_, Mel. *Omim*. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.) **Cadernos Negros** – Contos afro-brasileiros. Volume 31. São Paulo: Quilombhoje, 2008.

\_\_\_\_\_, Mel. *Tempestade - Para Marah Akin* In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.) **Cadernos Negros** – poemas afro-brasileiros. Volume 31. São Paulo: Quilombhoje, 2008.

\_\_\_\_\_, Mel. *Prenúncio*. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.) **Cadernos Negros** – poemas afro-brasileiros. Volume 35. São Paulo: Quilombhoje, 2012.

\_\_\_\_\_, Mel. *Nas Águas*. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.) **Cadernos Negros** – poemas afro-brasileiros. Volume 35. São Paulo: Quilombhoje, 2012.

\_\_\_\_\_, Mel. *Aguada*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Mel. In: Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negro: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Mel. **A Lua Cheia de Vento**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

ADRINKA, Say. *Mulher de marinheiro*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Say. *Água, coração de mulher*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Say. *Poema para Natália Maria*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Educ, 2015.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Trad Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AUGE, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_, Marc. *Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã*. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro – Nação, Identidade e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BÂ, Hampate, A. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História geral da África**. Metodologia e pré-história na África. Volume 1. São Carlos, 1997.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2. Impr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BARBOSA, Cléa. *Voando com os pés firmes*. In: BARBOSA, Cléa; FONSECA, Jocélia; OLIVEIRA, Lutigarde. **Importuno Poético**. 2. Ed. Ver. Salvador: Mandinga, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar ed, 2005.

BEZERRA, Kátia da Costa. **Vozes em dissonância**. Mulheres, memória e nação. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROOKSHAW, David. **Raça & Cor na Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Novas Perspectivas 7).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. 1 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio latino-americanos, 1)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; SECCO, Carmen (Org.). **Brasil África**. Como se fosse o mar fosse mentira. São Paulo: Ed. UNESP; Luanda, Angola: Ed. Chá de Caxinde, 2006.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2003.

\_\_\_\_\_, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2006.

\_\_\_\_\_, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2000.

\_\_\_\_\_, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Maputo: Ndjira, 2010.

\_\_\_\_\_, Paulina; KASSEMBE, Dya. **As heroínas sem nome** – memórias de guerra e paz das mulheres em Angola. Luanda: Editorial Nzila, 2009.

\_\_\_\_\_, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.

\_\_\_\_\_, Paulina. **As andorinhas**. Contos. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

\_\_\_\_\_, Paulina. **Por quem vibram os tambores do além?** – biografia do curandeiro Rasta Pita. 2013.

\_\_\_\_\_, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

\_\_\_\_\_, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.

\_\_\_\_\_, Paulina. **O Canto dos escravos**. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017.

\_\_\_\_\_, Paulina. **O Canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

COSTA, Rosilene Silva da. **Ventos do apocalipse**: ventos de mudança em tempos de pós. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2009.

CRENSHAW, Kimberle W. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

\_\_\_\_\_, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Brasília: Ministério da Cultura. Revista da Fundação Palmares, 2005, p. 52-57. (Ensaio).

\_\_\_\_\_, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 1).

FERREIRA, Isabel Vicente. **O Leito do Silêncio**. Luanda: Edições/ Kujiza Kuami, Ltda, 2014.

\_\_\_\_\_, Isabel. *A Proa...* In: **O Leito do Silêncio**. Luanda: Edições Kujiza Kuami, 2014.

\_\_\_\_\_, Isabel. **O guardador de memórias**. Luanda: Edições Kujizakuami, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

FONSECA, Jocélia. *Com você*. In: BARBOSA, Cléa; FONSECA, Jocélia; OLIVEIRA, Lutigarde. **Importuno Poético**. 2. Ed. Ver. Salvador: Mandinga, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade**. Vol 1 – Vontade de saber. **1993**.

\_\_\_\_\_, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_, M. *Escritas de Si*. In: **O que é um autor?** Portugal: 3 ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal, Lisboa: Vega, 1997.

\_\_\_\_\_, Michel. **Microfísica do poder**. 17 ed. Trad Roberto Machado. Rio de Janeiro: Grall, 2002.

\_\_\_\_\_, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. *Uma dupla inseparável: cabelo e cor de pele*. In: **De preto a afrodescendente**: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. Org. Lucia Maria de Assunção Barbosa e et all. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**. Literatura em Chão de Cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Gaucira Lopes Louro. 7 ed. São Paulo: DP&A editora, 2003.

\_\_\_\_\_, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**. O retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Val-

lejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silvano Santiago. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Ana Mafalda. *Estação das chuvas*. In: **Livro de encantações e outros poemas**. Maputo: Imprensa Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_, Ana Mafalda. *Fios de Lazúli*. In: **Livro das Encantações e outros Poemas**. Maputo: Alcance editores, 2011.

\_\_\_\_\_, Ana Mafalda. *Poéticas do imaginário elemental na poesia moçambicana: enre mar... e céu*. In: **Ensaio sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

\_\_\_\_\_, Ana Mafalda Leite. *Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais*. In: **Ensaio sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013. Ensaio.

\_\_\_\_\_, Ana Mafalda. **Ensaio sobre literaturas africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Trad Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LIMA, Luis Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara ed, 1986.

LIMA, Conceição. *Canto obscuro às raízes*. In: **A Dolorosa Raíz do Micondó**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Arquipélago*. In: **A Dolorosa Raíz do Micondó**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *A outra paisagem*. In: **A Dolorosa Raíz do Micondó**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Versão do deserto*. In: **A Dolorosa Raíz do Micondó**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Espanto*. In: **A Dolorosa Raíz do Micondó**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *O amor do rio*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Para te encontrar*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Colina*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Fronteira*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Mulabo II*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *A dádiva*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Tu sabes que o futuro*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Todas as mortes de Cabral e uma montanha. IV Escritura*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Circum-navegação*. In: **O País de Akendenguê**. Poesia. Mecenas: Rio Mendonça, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**. Ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Trad Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: ed. Sulina, 2009.

MANJATE, Teresa. *Prefácio*. In: SEBASTIÃO, Lica. **de terra, vento e fogo**. São Paulo: Kapulana editora, 2015.

MARTINS, Leda. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil Afro-brasileiro**. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATA, Inocência. *Prefácio à edição portuguesa: Passagem para a diferença*. In: TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Inocência. **O sétimo juramento de Paulina Chiziane** – Uma alegoria sobre o preço do poder. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 4, pp. 187-191. 1º sem. 2001.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MONTEIRO, Nilzete. *Lágrimas de chuva*. In: **50 Poemas da Nilzete**. Maputo: AEMO, 2010.

\_\_\_\_\_, Nilzete. *Saudade*. In: **50 Poemas da Nilzete**. Maputo: AEMO, 2010.

NHAMAZE, Hélder. *Prefácio da II Edição*. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, n.10, 1997.

OLIVEIRA, Lutigarde. *Tesouros*. In: BARBOSA, Cléa; FONSECA, Jocélia; OLIVEIRA, Lutigarde. **Importuno Poético**. 2. Ed. Ver. Salvador: Mandinga, 2012.

OLIVEIRA, Adriana Souza de Oliveira. Ventos do Apocalipse: Mensagens de esperança em tempos de cólera. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, V. 1, n. 8, pp. 16-28. Jan-Jul, 2013.

OLMI, Alba. **Memórias e memórias** – Dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre a Voz e a Letra**. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2 ed. Niterói: EduFF; Rio de Janeiro: Pallas editora, 2007.

PASSOS, Lita. *Melodia do rio*. In: PASSOS, Lita. LIBERATO, Alba; MACHADO, Dalila; GUERREIRO; Simone; SANTANA RITA. **Mão cheia**. Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_, Lita. *Chuva de girassóis*. In: PASSOS, Lita; LIBERATO, Alba; MACHADO, Dalila; GUERREIRO; Simone; SANTANA RITA. **Mão cheia**. Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_, Lita. *Clã destino*. In: PASSOS, Lita; LIBERATO, Alba; MACHADO, Dalila; GUERREIRO; Simone; SANTANA RITA. **Mão cheia**. Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_, Lita. *A palavra*. In: PASSOS, Lita; LIBERATO, Alba; MACHADO, Dalila; GUERREIRO; Simone; SANTANA RITA. **Mão cheia**. Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_, Lita. *Sinto sede*. In: **Caruru dos sete poetas**. Cachoeira, 2007.

\_\_\_\_\_, Lita. *Segredos*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *Dança do olhar*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *Cor da infância*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *Néctar da memória*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *Voz da Memória*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *Estranhas imagens*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_, Lita. *mar de mim*. In: **Olhos D'Água**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2015.

\_\_\_\_\_, Lita. *Mãe D'água de eu*. In: **Rosário de Lembranças**. Poemas. Salvador: Vento Leste, 2011.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 3, 1989.

\_\_\_\_\_, Michael. *Memória e identidade social*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992.

QUILOMBOJE. **Quilomboje**. Disponível em <html:www.quilomboje.com.br>. Acesso em 05.02.2016.

SANTANA, Rita. **Tramela – Contos**. Salvador: *Fundação Casa de Jorge Amado*, Estado, EGBA, 2004.

\_\_\_\_\_, Rita; PASSOS, Lita; LIBERATO, Alba; MACHADO, Dalila; GUERREIRO; Simone. **Antologia Mão cheia** – Contos e Poemas. Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_, Rita. *Faz de conta*. In: **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006.

\_\_\_\_\_, Rita. *Livro*. In: **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006.

\_\_\_\_\_, Rita. *Perdição*. In: **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Jardim*. In: **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Praia*. In: **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Entrega*. In. **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Catares*. In. **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Grima*. In. **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. *Mar*. In. **Tratado das Veias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006. (*As Letras da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Rita. **Alforrias** – *Poemas*. Salvador: Editus, 2012.

\_\_\_\_\_, Rita. **Cortesarias. Poemas**. Salvador: Caramurê, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/BA: EDUFRB, 2012.

\_\_\_\_\_, Ana Rita. *(Re) Existências e o Devir Revolucionário na Literatura Negro-feminina*. **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista-BA, Vol. 10, n. 2, jul-dez, 2018, pp. 11-33.

SANTOS, Elque. *Sou um rio*. Disponível em <http://empoemamento.blogspot.com/>>. Acesso em 1º/10/2016.

SEBASTIÃO, Lica. *Poema minimalista*. In: **Poemas sem véu**. Prefácio de Francisco Noa. Maputo: Alcance editores, 2011.

\_\_\_\_\_, Lica. **de terra, vento e fogo**. São Paulo: Kapulana editora, 2015.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. **A Magia das Letras Africanas**. Ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

\_\_\_\_\_, Carmen Lúcia Tindó. As veias da terra e da poesia (Pós-fácio). In: TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILVA, Ana Rita Santiago. Da Literatura Negra à Literatura Afro-feminina. **Revista Via Atlântica**. São Paulo: USP. Vol.1, 2010. p. 91 - 102. Disponível em: < [www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743](http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743)>.

SILVA, Cidinha. Préfácio. In: Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

SILVA, Daniela Luciana. *Deriva*. In: Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Daniela Luciana. *Na beira do rio*. In: Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Daniela Luciana. *A água minou, minou...* In: Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Ana Rita Santiago. Memórias Literárias e a Escrita de Si/Nós de Autoria Feminina Negra. **Revista PROPP**. Revista da Pesquisa & Pós-Graduação. Ouro Preto/MG: UFOP, 2010.

\_\_\_\_\_, Ana Rita Santiago. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista-BA, UESB, v. 2, n. 1, jan-jun./2010.

\_\_\_\_\_, Ana Rita Santiago. A literatura de escritoras negras: uma (des)silenciadora e emancipatória. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**. Aracaju/SE: UFS, Vol.10, 2010. p. 175–188. Disponível em: <[www.200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/.../INTER11\\_15.pdf](http://www.200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/.../INTER11_15.pdf)>. Acesso em 31 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, Ana Rita Santiago. Da Literatura Negra à Literatura Afro-feminina. **Revista Via Atlântica**. São Paulo: USP. v. 1, 2010. p. 91 - 102. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743](http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743)>. Acesso em 13 abr. 2016.

SILVA, Calane. *Prefácio da I Edição*. In: CHIZIANE, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.

SIQUEIRA, Sena. **Representação da solidão na literatura**. Um homem duplicado – Saramago – e de Afirma Pereira – Tabucchi –. Disponível em <[unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/273/229.pdf](http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/273/229.pdf)>. Acesso em 31.08.2016.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n 71, julho/2000.

SOUSA, Noémia de. *Patrão*. In: **Sangue Negro**. Maputo: Marimbique, 2011.

\_\_\_\_\_, Noémia de. *Cais*. In: **Sangue Negro**. Maputo: Marimbique, 2011.

\_\_\_\_\_, Noémia de. *Poema a Jorge Amado*. In: **Sangue Negro**. Maputo: Marimbique, 2011.

\_\_\_\_\_, Noémia de. *Shimani*. In: **Sangue Negro**. Maputo: Marimbique, 2011.

\_\_\_\_\_, Noémia de. *Poema da Infância Distante*. In: **Sangue Negro**. Maputo: Marimbique, 2011.

SOUZA, Livia Natália. *Praia de Itapuã*. In: SOUZA, Livia Natália. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum'sToques, 2015.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Ori*. In: **Água Negra**. Salvador: Banco Capital, 2011.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Abebe Omim*. In: **Água Negra**. Salvador: Banco Capital, 2011.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Oriki para Òsum*. In: **Água Negra**. Salvador: Banco Capital, 2011.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Osun Janaína*. In: **Água Negra**. Salvador: Banco Capital, 2011.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Canto para Antonio*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. *Sometimes, para Júlio Güity-Guevara*. In: ADÚN, Marcus Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). **OGUM'S Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

\_\_\_\_\_, Livia Natália. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum's Toques, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UGMG, 2010.

SULTUANE, Sónia. *Capulanas*. In: **No colo da lua**. Maputo: Edição da autora, 2009.

\_\_\_\_\_, Sónia. *Chuva*. In: **No colo da lua**. Maputo: Edição da autora, 2009.

TAVARES, Paula. *O rio*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *A chuva*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *O que queres esquecer de mim*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *No fundo tudo é simples...* In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *Colonizamos a vida*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *Devia olhar o rei*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *E as margens*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *Deixa as mãos cegas*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *No lago branco da lua*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *Do livro de viagens (caderno de Fabro)*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *Contarei de ti o*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, Paula. *IV*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_, **Paula**. *Contarei de ti o*. In: **Amargos como os frutos**. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão; PORDEUS JR., Ismael A. Candomblé/Umbanda: Tradições e Memória em Questão. In: MARTINS, Cléo; LODY, Raul (Org.). **Faraimará, o caçador traz alegria**: Mãe Stella, 60 anos de Iniciação. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

TOMÉ, Tânia. *Se o meu pescador pescasse*. In: **Agarra-me o sol por trás**. Maputo: CIEDIMA, 2010.

\_\_\_\_\_, Tânia. *Selvame*. In: **Agarra-me o sol por trás**. Maputo: CIEDIMA, 2010.

\_\_\_\_\_, Tânia. *Rio*. In: **Agarra-me o sol por trás**. Maputo: CIEDIMA, 2010.

TRINCHÃO, Fátima. *O rio*. In: **Ecos do Passado**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2010.

\_\_\_\_\_, Fátima. *A arte de viver*. In: **Ecos do Passado**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2010.

\_\_\_\_\_, Fátima. *À noite*. In: **Ecos do Passado**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2010.

VALOI, Rosita Alberto. *Prefácio da I Edição*. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.



## Sobre a autora



Ana Rita Santiago

Professora Associada do Centro de Formação dos Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Foi Pró-reitora de Extensão da UFRB (2011-2015). Integrante do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas-BA. É líder do Grupo de Pesquisa Linguagens, Literaturas e Diversidades (CNPQ). Pós-doutorado (2016-2017), com estágio pós-doutoral (2017), na Université René Paris Descartes, Paris V, Sorbonne, Paris-França, supervisionado pelos professores Michel Maffesoli e Ana Maria Peçanha, quando desenvolveu a pesquisa “A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil”. Possui

doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2010). Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Língua e Literatura (UFBA) e Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão (UNEB). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). É autora de vários artigos publicados em periódicos. Já publicou os seguintes livros Vozes Literárias Negras (EDUFRB, 2012); Cartografias em Construção – Algumas Escritoras de Moçambique (EDUFRB, 2019). É (co) organizadora de diversas obras, tais como Tranças e Redes - Tessituras sobre África e Brasil (EDUFRB, 2014); Entre Narrativas e Metáforas: direitos, educação e populações negras no Brasil... (UFRB/UNEB/SEPROMI, 2014); Entre o pensamento de Lélia Gonzalez e a palavra poética (2014). Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro (EDUFRB, 2017; 2019). Participou das coletâneas de artigos dos livros Descolonização do Conhecimento (CRV, 2013); Direitos Humanos, Ética, Trabalho e Educação (UNESP, 2013) e Devir negro: por democracia e cidadania cultural do Brasil (EDUNEB, 2017).



*Águas – Moradas de Memórias* é mais uma travessia de estudos realizados sobre autoria negro-feminina. Águas bravias e calmas adquirem, neste livro, relevância e constituem imagens que suscitam e agregam sentidos, memórias e sentimentos em palavras poéticas de algumas autoras negras brasileiras e africanas de países em língua portuguesa. Esses eixos temáticos mostram-se como guardadores de memórias em suas dicções literárias e as águas naturais apresentam-se culturalizadas, pois oceanos e rios são cantados com traços marcados e simbolizados por múltiplas memórias, territorialidades, identitárias e ancestralidades. Assim, as poetisas se apropriam da força pujante e vigorosa das águas de modo diferenciador e até transgressor de discursos literários da época das grandes navegações por terras ocupadas e usurpadas, atribuindo-lhes outras significações e conferindo novos sentidos, atravessamentos e ressonâncias.

ISBN 978-65-87743-03-5



Editora UFRB